

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

VICTOR VICENTE BARRETO

**A FORMIGA E A FOLHA: uma análise das representações de Miraildes Maciel Mota
na *Folha de S. Paulo* (1995 - 2016)**

GUARULHOS

2023

VICTOR VICENTE BARRETO

**A FORMIGA E A FOLHA: uma análise das representações de Miraildes Maciel Mota
na *Folha de S. Paulo* (1995 - 2016)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de São Paulo como
requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Franzini

GUARULHOS

2023

Catálogo de Publicação na Fonte - CIP

BARRETO, Victor Vicente

A Formiga e a Folha: uma análise das representações de Miraildes Maciel Mota na *Folha de S. Paulo* (1995 - 2016) / Victor Vicente Barreto — Guarulhos, 2023. — 111 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em História) – Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Orientador: Fábio Franzini

Título em inglês: The ant and the leaf: an analysis of the representations of Miraildes Maciel Mota in *Folha de S. Paulo* (1995 - 2016)

1. História do Brasil 2. Esporte 3. Futebol Feminino 4. Imprensa. I.
Orientador: Prof. Dr. Fábio Franzini

VICTOR VICENTE BARRETO

**A FORMIGA E A FOLHA: uma análise das representações de Miraildes Maciel Mota
na *Folha de S. Paulo* (1995 - 2016)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de São Paulo como
requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Franzini

Aprovado em: 18/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Fábio Franzini

Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP

Prof. Dr. Luigi Biondi

Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP

Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Dedico aos meus amados pais, Izabel e Jaime.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus pais, Izabel Maria da Silva e Jaime Barreto, que jamais mediram esforços para que seus filhos pudessem receber a melhor educação possível. Serei eternamente grato pelo seu apoio, carinho e dedicação.

Também dedico este trabalho aos meus avós, Djanira Maria Barreto, Florentino José dos Santos, Julieta Maria da Silva e Vicente Ferreira da Silva. Nascidos no interior da Bahia, Pernambuco e Minas Gerais, suas histórias de vida foram marcadas pelo impedimento do acesso à educação formal e pela violenta exploração do mercado de trabalho. Mesmo tendo enfrentado a dureza das privações materiais, conseguiram criar seus filhos com dignidade. Pelos seus ensinamentos de inestimável valor, os meus mais sinceros agradecimentos.

À Leticia, minha maior incentivadora, sou grato por ser o meu porto seguro. Seu companheirismo foi a luz que iluminou o meu caminho no momento em que enfrentei as minhas maiores batalhas internas. Obrigado hoje e sempre.

Agradeço ao meu orientador, Fábio Franzini, por ter acreditado em meu trabalho mesmo quando imaginei ser impossível realizá-lo. Sem sua orientação humana e sensível, esta monografia não seria possível.

Por fim, dedico este trabalho a todas as mulheres que, ao longo do último século, enfrentaram o preconceito e a proibição legal para continuarem jogando futebol no Brasil. Que suas histórias de vida possam cada vez mais receber o reconhecimento devido.

RESUMO

Tendo em vista o processo de invisibilização e anulação simbólica por qual passam as jogadoras de futebol no Brasil, o seguinte trabalho pretende investigar a cobertura do futebol feminino realizada pelo jornal *Folha de S. Paulo* entre 1995 e 2016. Tomando a carreira da jogadora Formiga como fio condutor de nossa análise, esta pesquisa pretende identificar as representações da atleta baiana produzidas e repercutidas pela *Folha de S. Paulo* ao longo de sua trajetória profissional; assim como pretende analisar os discursos sobre o futebol feminino produzidos pela *Folha* durante a cobertura dos principais torneios da modalidade disputados ao longo das últimas três décadas.

Palavras-chave: Formiga; Futebol Feminino; Esporte; Representação; Imprensa;

ABSTRACT

Taking into account the process of invisibilization and symbolic annulment that female football players go through in Brazil, the following research aims to investigate the coverage of women's football carried out by the newspaper *Folha de S. Paulo* between 1995 and 2016. Taking the career of Formiga as the guiding thread of our analysis, the following work aims to identify the representations of the athlete produced and reflected by *Folha de S. Paulo* throughout her professional career; as well as intending to analyze the discourses on women's football produced by *Folha* during its coverage of the sport's main tournaments played over the last three decades.

Keywords: Formiga; Women's Football; Sport; Representation; Press;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ferramenta de buscas do Acervo Folha	25
Figura 2: Formiga e Maravilha comemoram o terceiro lugar na Copa de 1999	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O HISTORIADOR E SUAS FONTES	14
2.1 Imprensa: uma fonte histórica?	14
2.2 Imprensa esportiva e o futebol feminino no Brasil	17
2.3 Observações metodológicas	19
3 COMPOSIÇÃO DO CORPO DOCUMENTAL	21
3.1 A Folha de S. Paulo	21
3.2 Fontes selecionadas	24
4 O CENÁRIO DO FUTEBOL FEMININO	27
4.1 Regulamentação, boom e hiato.	27
4.2 Nova retomada: Sport Promotion e a criação do Paulistana	31
4.3 Entre o futsal e o campo: a captação de Formiga	35
5 A FOLHA, O FUTEBOL FEMININO E FORMIGA (1995-2000)	38
5.1 A chegada da Jovem Formiga e a gênese da cobrança por medalhas (1995-1996)	38
5.2 Entre a Paulistana e a Copa do Mundo de 1999: a consolidação de Formiga	46
5.3 Entre a busca por medalha e o fantasma da WUSA: os Jogos Olímpicos de Sidney	51
6 RECONHECIMENTO E CONSAGRAÇÃO (2001-2009)	56
6.1 A Copa de 2003 e os Jogos Olímpicos de Atenas	56
6.2 Entre o Pan do Rio-2007 e os Jogos Olímpicos de Pequim	62
7 FORMIGA VETERANA E A HORA DE PARAR (2010-2016)	68
7.1 Entre a Copa do Mundo de 2011 e os Jogos de Londres, uma Formiga Veterana	69
7.2 Copa do Mundo de 2015 e os Jogos do Rio-16	74
8 CONCLUSÃO	81
REFERÊNCIAS	82
APÊNDICE A - Entrevista com Romeu de Castro	89

1 INTRODUÇÃO

Em 18 de dezembro de 2016, a seleção brasileira entrou em campo para disputar a decisão do Torneio Internacional de Futebol Feminino, campeonato que, em sua oitava edição, teve como sede a cidade de Manaus, Amazonas. No confronto final, as brasileiras derrotaram a Itália pelo placar de 5 a 3, e conquistaram o heptacampeonato da competição. Todavia, nem mesmo o alto número de gols marcados evitou com que a conquista do título fosse ofuscada pela despedida de um dos maiores ícones da modalidade do futebol feminino nacional: após mais de duas décadas de serviços prestados, encerrava-se ali a vitoriosa trajetória de Miraildes Maciel Mota, a Formiga, com a seleção canarinho.

Visivelmente emocionada, a atleta baiana recebeu a ovação do público ao ser substituída aos 45 minutos da segunda etapa daquela que fora a sua 160ª partida pela seleção brasileira de futebol, recorde absoluto entre homens e mulheres¹. Apesar da expressividade da marca, a conquista de títulos e o estabelecimento de recordes pessoais não eram novidades para Formiga. Tricampeã da Copa América, a atleta baiana conquistou a medalha de prata olímpica em duas oportunidades — Atenas-2004 e Pequim-2008 — e foi vice-campeã mundial na Copa do Mundo da China, em 2007. À época de sua primeira aposentadoria da seleção brasileira², Formiga não apenas detinha o recorde de participações em Jogos Olímpicos dentre atletas brasileiras como também estava na dianteira, ao lado da japonesa Homare Sawa, em número de participações em Copas do Mundo, com seis aparições no total³.

A despeito do currículo invejável de Formiga, é possível afirmar que o pequeno público presente para prestigiá-la em sua despedida⁴ não pôde, ao longo das últimas décadas, acompanhar detalhadamente seu desempenho nos gramados em função da tímida cobertura jornalística sobre a modalidade do futebol feminino produzida nacionalmente. Em decorrência deste amplo e histórico processo de invisibilização midiática pelo qual estão sujeitas as futebolistas brasileiras, boa parte de sua história foi relegada ao esquecimento, seus feitos

¹ DANTAS, Marcos; MANSUR, Gabriel. Formiga se emociona na despedida e deve continuar na comissão técnica. **ge**. Manaus, 18 dez. 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/am/futebol/noticia/2016/12/formiga-se-emociona-na-despedida-tento-se-egurar-mas-nao-tem-como.html>>. Acesso em: 28 nov. 2023.

² Formiga voltaria a defender a seleção brasileira anos mais tarde, a pedido do técnico Vadão.

³ Presente na Copa do Mundo de 2019, na França, e nos Jogos de Tóquio-2020, Formiga acabou por tornar-se recordista isolada em número de participações em torneios internacionais da modalidade.

⁴ Cerca de sete mil torcedores ocuparam as esvaziadas arquibancadas da Arena da Amazônia, número que representa aproximadamente 16% da capacidade máxima do estádio de pouco mais de 44 mil lugares.

apartados do conhecimento do grande público. Assim como ocorreu — e, em certa medida, ainda ocorre — com suas companheiras de seleção, suas conquistas:

[...] são invisíveis e sub-representadas, inclusive na mídia esportiva, que pouco as divulga e, quando o faz, não raras vezes, notícia aspectos periféricos como, por exemplo, a beleza (ou não) das jogadoras em detrimento de aspectos técnicos relacionados às suas *performances*. (GOELLNER; KESSLER, 2018, p. 36).

Desdobramento direto de um longo processo histórico marcado pelo preconceito, cerceamento e proibição legal da prática do futebol por mulheres no país, o pouco espaço concedido às futebolistas na mídia esportiva nacional é um dos indicativos do “quanto no Brasil o futebol praticado por mulheres se apresenta sub-representado (GOELLNER; KESSLER, 2018, p. 37). De acordo com a pesquisadora Silvana Goellner:

Considerando que a mídia tem um papel fundamental na divulgação do esporte e, conseqüentemente, no incentivo para a sua prática, o pouco espaço, visibilidade e reconhecimento ao futebol praticado por mulheres têm promovido não apenas a marginalização das atletas nesse campo específico, como também a anulação simbólica de suas realizações. (GOELLNER; KESSLER, 2018, p. 37).

Tendo em vista o processo de invisibilização e anulação simbólica das carreiras das futebolistas em nosso país, o seguinte trabalho pretende investigar a cobertura do futebol feminino realizada pelo jornal *Folha de S. Paulo* entre 1995 e 2016⁵ ⁶. Tomando a carreira de Formiga enquanto fio condutor de nossa análise, o seguinte trabalho buscará: a) identificar as representações da atleta baiana produzidas e repercutidas pela *Folha de S. Paulo* ao longo de sua trajetória profissional; e b) analisar os discursos sobre o futebol feminino produzidos pela *Folha* durante a cobertura dos principais torneios da modalidade disputados ao longo das últimas três décadas.

Neste sentido, nossa análise tomará como referência metodológica o pensamento do historiador francês Roger Chartier (2002) acerca do conceito de representação. Assim como define o autor:

⁵ A *Folha de S. Paulo* foi o periódico escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa devido a sua grande circulação e elevada influência durante o recorte temporal delimitado.

⁶ O recorte temporal escolhido compreende desde a primeira aparição de Formiga em publicações do *Grupo Folha* até a sua despedida da seleção brasileira de futebol.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros (...) Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. (CHARTIER, 2002, p. 17).

Portanto, durante o exame das representações de Formiga construídas e veiculadas pela *Folha de S. Paulo*, pretendemos identificar as intencionalidades e os interesses dos grupos que contribuíram para suas produções, de modo a localizar o lugar ocupado por tais construções nas lutas de representações sobre as mulheres jogadoras de futebol no Brasil.

No primeiro capítulo deste trabalho, retomaremos os debates metodológicos acerca do uso da Imprensa pelo historiador realizados durante o decorrer do século XX, de modo a tentar compreender os impactos causados pelo alargamento do conceito de fonte histórica nas diferentes áreas do conhecimento historiográfico. Neste sentido, também buscaremos identificar quais seriam alguns dos principais cuidados metodológicos a serem levados em consideração pelo pesquisador durante o trato com as fontes periódicas.

No segundo capítulo, discutiremos a composição do corpo documental de nosso trabalho. Após realizarmos um breve panorama sobre a história da atuação jornalística da *Folha de S. Paulo*, detalharemos a busca de fontes realizada no *Acervo Folha*, repositório digital do grupo jornalístico, que resultou na construção do corpo documental desta pesquisa.

No terceiro capítulo, nosso trabalho lançará mão do depoimento de Romeu de Castro, importante dirigente do futebol feminino nacional, para abordar o cenário da modalidade nos anos que se seguiram à sua regulamentação, ocorrida em 1983. No mesmo sentido, exploraremos os altos e baixos do futebol feminino durante a virada para os anos 1990, década em que Formiga iniciaria seu caminho nos gramados.

No quarto, quinto e sexto capítulos, nosso trabalho consistirá na análise das fontes jornalísticas sobre o futebol feminino produzidas pela *Folha de S. Paulo* entre 1995 e 2016,

de modo a identificar quais foram as representações de Formiga veiculadas nas páginas do periódico ao longo de sua carreira.

2 O HISTORIADOR E SUAS FONTES

2.1 Imprensa: uma fonte histórica?

É seguro afirmar que, assim que colocam os pés na universidade, os historiadores e historiadoras brasileiros formados durante as últimas décadas são prontamente apresentados às discussões metodológicas que refletem sobre o trato adequado das *fontes históricas*, um dos temas mais caros ao seu ofício. Se, por um lado, os jovens estudantes são alertados sobre a importância do emprego de uma postura crítica e responsável frente às suas fontes, por outro são apresentados a uma infinidade de temas e abordagens passíveis de serem exploradas graças à natureza de seu material de trabalho. Fontes orais, documentos oficiais, registros fotográficos e sonoros, obras audiovisuais e literárias, publicações periódicas: estes são apenas alguns dos exemplos que nos permitem compreender o quão diverso pode ser o conjunto de materiais a serem articulados pelo historiador durante a construção do conhecimento.

Todavia, o entendimento a favor do alargamento daquilo que poderia ser considerado *fonte histórica* é um fenômeno recente, dotado de historicidade própria. Tomemos como exemplo a utilização da imprensa pelos historiadores, domínio por muito tempo visto como suspeito, indigno de crédito, e, no limite, uma fonte a ser evitada. Entre a virada do século XIX e a primeira metade do século XX, a busca por fontes que gozassem de “objetividade, neutralidade, fidedignidade e credibilidade” (LUCA, 2008, p. 111) era consenso em meio a uma historiografia caudatária de uma visão positivista da História, cujo maior idealizador foi o historiador alemão Leopold von Ranke. Ao passo que este posicionamento ajudou a alçar a História a um novo patamar metodológico, estabelecendo o escrutínio rigoroso das fontes como pedra fundamental do ofício do historiador moderno, também relegou os periódicos ao campo da suspeição, do descrédito e da desconfiança. Sobre este tema, a historiadora Tânia Regina de Luca (2008) aponta que:

Não se pode desprezar o peso de certa tradição, dominante durante o século XIX e as décadas iniciais do XX, associada ao ideal de busca da verdade dos fatos, que se julgava atingível por intermédio dos documentos, cuja natureza estava longe de ser

irrelevante. Para trazer à luz o acontecido, o historiador, livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo. Estabeleceu-se uma hierarquia qualitativa dos documentos para a qual o especialista deveria estar atento. Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas "enciclopédias do cotidiano" continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas. (LUCA, 2008, p. 111)

Apesar da crítica a essa concepção positivista da História ter sido realizada ainda na década de 1930 pela Escola dos Annales, isso “não implicou o reconhecimento imediato das potencialidades da imprensa, que continuou relegada a uma espécie de limbo” (LUCA, 2008, p. 111). No Brasil, a escrita da História não se dava de maneira muito diferente. Tendo em vista o cenário acadêmico brasileiro da década de 1970, Luca afirma que eram escassos os trabalhos historiográficos que se valiam dos periódicos como fonte para a construção do conhecimento. Se a importância dos jornais e revistas já era reconhecida à época, haja visto que não se tratava de fato novo a existência de estudos que tinham por objetivo escrever a História da imprensa, a autora reconhece que, naquele período, ainda relutava-se para mobilizar tais impressos “para escrita da História *por meio* da imprensa” (LUCA, 2008, p. 111.).

Todavia, este cenário viria a se alterar a partir da segunda metade do século XX, momento em que o metiê historiográfico fora profundamente abalado por historiadores que propuseram discutir e alargar os limites da disciplina. Na Grã-Bretanha, a *New Left Review* anunciava o reconhecimento da importância da cultura por parte de um marxismo renovado. Edward Palmer Thompson (1924 - 1993), um dos maiores expoentes dessa renovação, produziu uma “verdadeira revolução copernicana [...] ao propor que se adotasse a perspectiva dos vencidos, a história vista de baixo (history from below)” (LUCA, 2008, p. 113), abordagem que influenciou milhares de historiadores ao redor do globo.

Na França, a terceira geração dos Annales incorporou a interdisciplinaridade como combustível que movimentou as transformações internas da disciplina. Em síntese, esta geração de historiadores franceses “realizou deslocamentos que, sem negar a relevância das questões de ordem estrutural perceptíveis na longa duração, nem a pertinência dos estudos de natureza econômica e demográfica [...] propunha ‘novos objetos, problemas e abordagens’”

(LUCA, 2008, p. 112). Para além da importância conferida aos sistemas culturais, do interesse por aspectos da vida cotidiana, do estabelecimento da micro-história e o estudo das práticas e representações, a chamada Nova História alargou a concepção de documento histórico. Neste sentido, as proposições teóricas de Jacques Le Goff (1924 - 2014) foram cruciais para que, hoje, encontre-se plenamente difundida entre os historiadores a “perspectiva de que todo documento, e não só a imprensa, é também monumento, remetendo ao campo de subjetividade e da intencionalidade com o qual devemos lidar” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 257).

A seu modo, o lugar reservado à imprensa na historiografia brasileira acompanhou as profundas transformações da disciplina ocorridas na Europa. De acordo com a análise realizada pela historiadora Ana Maria de Almeida Camargo acerca do conjunto de trabalhos historiográficos que até o final dos anos 1960 haviam utilizado-se sistematicamente da imprensa periódica, o cenário já apontava para uma mudança de paradigma com relação à utilização desse tipo de fonte, considerando que:

a produção de vários pesquisadores, formados segundo padrões de excelência acadêmica e que ocupavam lugar de destaque no meio universitário — caso de Emília Viotti da Costa, Fernando Henrique Cardoso, Stanley J. Stein, Nícia Vilela Luz e Leôncio Martins Rodrigues —, não dispensava a ida aos jornais, seja para obter dados de natureza econômica (câmbio, produção e preços) ou demográfica, seja para analisar múltiplos aspectos da vida social e política, **sempre com resultados originais e postura muito distante da tão temida ingenuidade.** (LUCA, 2008, p. 117). [grifos nossos]

Apesar de escassos, tais trabalhos acadêmicos já anunciavam as mudanças metodológicas aprofundadas ao longo da década seguinte. À medida em que ainda alertava-se “para o uso instrumental e ingênuo que tomava os periódicos como meros receptáculos de informações a serem selecionadas, extraídas e utilizadas ao bel prazer do pesquisador” (LUCA, 2008, p. 116), a falta de objetividade deixava de ser utilizada como argumento para se questionar a utilização dos periódicos. Contudo, o convite à prudência ainda constituía parte fundamental das prescrições, o que resultava:

[...] com que alguns só se dispusessem a correr tantos riscos quando premidos pela falta absoluta de fontes. Outros, por seu turno, encaravam as recomendações com grande ceticismo, uma vez que tomavam a imprensa como instância subordinada às classes dominantes, mera caixa de ressonância de valores, interesses e discursos

ideológicos. Assim, ainda que por motivos muito diferentes, tais leituras contribuíam para alimentar o desprezo que os profissionais da área seguiam conferindo à imprensa. (LUCA, 2008, p. 116)

Pouco a pouco, a desconfiança com relação à imprensa foi sendo deixada de lado, cedendo espaço para que novos trabalhos se valessem dos periódicos para a construção de um conhecimento histórico cada vez mais abrangente e diversificado. A exemplo do que ocorria na Europa, os historiadores brasileiros se prontificaram a explorar uma nova gama de temáticas que encontravam na imprensa periódica uma de suas fontes mais abundantes. Os estudos sobre o movimento operário e a imigração, os processos de urbanização, os movimentos artístico-culturais, os estudos de gênero e da infância: estes são alguns dos exemplos de áreas amplamente pesquisadas no Brasil ao longo das últimas décadas.

2.2 Imprensa esportiva e o futebol feminino no Brasil

Anos mais tarde, historiadores brasileiros aproveitaram-se do alargamento do campo de possibilidades temáticas e propuseram investigar não apenas a história do esporte no Brasil, como a formação, o desenvolvimento e a consolidação da Imprensa Esportiva, nicho especializado na cobertura das mais variadas modalidades do desporto nacional e internacional⁷. Neste sentido, vale destacar, a título de exemplo recente, a publicação da coletânea *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*, organizada pelos historiadores Bernardo Borges Buarque de Hollanda e Victor Andrade de Melo. Parte integrante da coleção *Visão de Campo*, esta coletânea propõe abordar a relação entre os esportes e os meios de comunicação, em especial entre o futebol e a imprensa escrita, a partir da análise de alguns dos principais periódicos esportivos publicados ao longo do último século. Dentre seus artigos, destaca-se o estudo de fôlego realizado por Buarque de Hollanda sobre as diferentes fases do “cor-de-rosa”, como era carinhosamente conhecido o carioca *Jornal dos Sports*. “Primeiro diário exclusivo de esportes no Brasil” (HOLLANDA, 2012, p. 81), o *Jornal dos Sports* foi fundado por Argemiro Bulcão e Ozéas Mota em 1931, tendo sido posteriormente vendido ao jornalista Mário Filho, que dirigiu o negócio por mais de três

⁷A respeito do alargamento do campo acadêmico sobre o esporte no Brasil nas três últimas décadas, o sociólogo Ronaldo Helal afirma que: “A literatura acadêmica sobre esporte começou a se constituir alguns anos após a publicação do livro *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*, organizado por Roberto DaMatta e publicado em 1982. Até este momento, os estudos eram escassos e havia tendência a se utilizar uma perspectiva ‘apocalíptica, nos termos de Umberto Eco, influenciada pelo marxismo, que considerava o futebol uma poderosa força de alienação dos dominados” (HOLLANDA; MELLO, 2012, p.9)

décadas. Ao lado da paulista *Gazeta Esportiva* — lançada como suplemento semanal em 1928 e tornada publicação diária em 1947 —, o *Jornal dos Sports* marcou época como um dos mais importantes e perenes periódicos dedicados ao desporto nacional, servindo até hoje como importante fonte primária para os estudos historiográficos.

Caudatário deste mesmo movimento, que, por meio da utilização do jornal enquanto fonte histórica, alargou os temas de investigação possíveis ao passo que proporcionou a afirmação de perspectivas que levavam em conta a história dos vencidos, o campo de estudos sobre a história do futebol feminino no Brasil desenvolveu-se amplamente durante as últimas duas décadas. Neste sentido, hoje, são múltiplos os trabalhos que, a partir de abordagens multidisciplinares, tomam a imprensa esportiva como fonte primária em favor do resgate da memória do futebol de mulheres de nosso país. São exemplos notáveis a dissertação “Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)”, de autoria de Giovana Capucim e Silva, e a obra *O Jogo das Letras: práticas esportivas e futebol de mulheres nas páginas do jornal dos Sports (1931-1941)*, escrita pela historiadora Kelen Katia Prates Silva.

Outro virtuoso trabalho que resgata a história do futebol de mulheres no Brasil a partir da análise da imprensa pode ser encontrado na dissertação “Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)”. Nela, a historiadora Aira Bonfim investiga a iniciação feminina no futebol durante o período que antecedeu a publicação do Decreto-Lei nº 3.199, de 1941, que estabelecia as bases de organização dos desportos no país e vedava às mulheres a prática de esportes incompatíveis com as condições de sua natureza⁸.

Bonfim recorreu à pesquisa em jornais e revistas para identificar, ainda no início do século XX, os pontapés iniciais dados por mulheres da elite carioca durante os requintados festivais esportivos promovidos pelos clubes sociais do Rio de Janeiro. O trabalho com os periódicos também possibilitou à autora identificar matérias jornalísticas que retratam a prática do futebol de mulheres em outras partes do país, em especial no nordeste brasileiro. É o caso da identificação de notícias veiculadas na revista carioca *Vida Sportiva* que repercutem a disputa de partidas de futebol entre mulheres no estado do Rio Grande do Norte.

⁸BRASIL. Decreto-lei Nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição. Capítulo IX - Disposições gerais e transitórias: Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm>. Acesso em: 30 ago. 2023.

No segundo capítulo de sua dissertação, a autora demonstra como o futebol de mulheres inseriu-se no contexto circense do começo do século XX, tornando-se mais uma entre as múltiplas atrações que faziam alusão ao universo esportivo da época. No picadeiro, as mulheres futebolistas — por vezes trajadas com uniformes dos clubes locais, a exemplo do que fora retratado em uma fotografia veiculada pela revista *A Cigarra*, em março de 1926, que mostra mulheres do Circo Queirolo trajadas com uniformes atribuídos às equipes do Palestra Itália e A.A. São Bento⁹ — se apresentavam em pequenos campeonatos que se estendiam durante todo o final de semana, estratégia pensada para fidelizar a clientela.

No derradeiro capítulo de sua dissertação, Aira Bonfim demonstra como, ao longo da década de 1930, o futebol feminino ganhava cada vez mais força nos campos do subúrbio do Rio de Janeiro, local de onde surgiram equipes talentosas formadas por mulheres negras e por jogadoras que não pertenciam à elite carioca. Ao analisar o contexto de ascensão do futebol entre as mulheres suburbanas, Bonfim esmiúça a atuação da imprensa frente a este fenômeno, ora identificando o apoio à modalidade advindo de setores do periodismo carioca — a exemplo do *Jornal dos Sports* — outrora identificando a veiculação na mídia esportiva de campanhas difamatórias acerca das jogadoras de futebol. Tais discursos preconceituosos foram amplamente difundidos pela mídia escrita, tornando-se, anos mais tarde, decisivos para a interdição das mulheres à prática futebolística.

2.3 Observações metodológicas

A ampliação do conceito de fonte histórica e o reconhecimento da importância do estudo da imprensa para o campo historiográfico constituíram um caminho sem volta. Todavia, ao passo que “na área da História, no ensino e na investigação sobre os mais variados temas e problemáticas, a utilização de materiais da Imprensa hoje está cada vez mais generalizada (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 254), se faz necessário salientar que o historiador deve munir-se de um conjunto ferramental adequado para melhor tirar proveito de suas fontes, de modo a não compreender os periódicos como meros repositórios de informações esperando para serem coletadas. Mais do que isso, o historiador deve compreender que ele próprio possui um papel ativo perante o seu material de trabalho. Neste sentido, Cruz e Peixoto afirmam que:

⁹Uma reprodução da citada fotografia pode ser encontrada na página 90 da referida dissertação de Aira Bonfim.

[...] todo documento é suporte de prática social, e por isso, fala de um lugar social e de um determinado tempo, sendo articulado pela/na intencionalidade histórica que o constitui. Os diversos materiais da Imprensa, jornais, revistas, almanaques, panfletos, não existem para que os historiadores e cientistas sociais façam pesquisa. **Transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supõe seu tratamento teórico e metodológico.** (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 257) [grifos nossos]

Não constitui nossa intenção esgotarmos o conjunto de práticas e condutas recomendadas para o devido tratamento de fontes periódicas, haja visto que não existe um modelo único a ser seguido pelos historiadores que dê conta dos múltiplos desafios propostos pelas diferentes áreas do conhecimento histórico. Todavia, se faz pertinente elencarmos três proposições metodológicas que nortearão o seguinte estudo sobre as representações da jogadora Formiga nas páginas do jornal *Folha de S. Paulo*.

Em primeiro lugar, seguiremos o entendimento de que o historiador não deve dispor de qualquer ingenuidade perante as páginas dos jornais e revistas que compõem o corpo documental de sua pesquisa, postura que pode impeli-lo a uma compreensão superficial das informações observadas. É necessário, acima de tudo, historicizar a imprensa de modo a compreendê-la como força ativa da sociedade, imbuída de intencionalidades próprias que dialogam e são influenciadas pelos diferentes cenários político-econômicos em que estão inseridas. Neste sentido, o historiador precisa:

“problematizar e superar pela análise a ideologia da objetividade e da neutralidade da imprensa que, construída historicamente, se nos confronta como um dado de realidade: a imprensa não se situa acima do mundo ao falar dele” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 258)

Em segundo lugar, o seguinte trabalho está de acordo com as proposições de Cruz e Peixoto (2007) que ressaltam a importância de se identificar apropriadamente as fontes selecionadas pelo historiador, de modo a dar conta de seus títulos e subtítulos, periodicidade, período de atividade, abrangência, principais temáticas e público alvo. Do mesmo modo, também é de bom tom que o historiador organize os números encontrados a fim de estabelecer uma série documental. Desta maneira, o pesquisador evitará compreender suas fontes como artefatos destacados do tempo e espaço, tomando-as enquanto objetos que correspondem a determinadas sequências lógicas de produção, distribuição e circulação.

Por fim, a terceira proposição metodológica norteadora do presente estudo diz respeito à necessidade de se investigar não apenas aquilo que se tornou notícia, mas as motivações que levaram o fato noticiado a ser escolhido, em meio a infinda lista de acontecimentos, para ganhar destaque nas páginas da imprensa. Mais do que isso, o historiador deve estar atento ao destaque conferido às notícias, os locais que ocupam nas páginas do jornal, a ênfase concedida e a recorrência com que elas voltam ou não à pauta. Sobre este assunto, Tânia Regina de Luca afirma que:

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das **motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa**. Entretanto, ter sido publicado implica **atentar para o destaque conferido ao acontecimento**, assim como para o **local em que se deu a publicação**: é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas. [...] **O assunto retorna à baila ou foi abandonado logo no dia seguinte?** Em síntese, os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir (LUCA, 2008, p.140). [grifos nossos]

3 COMPOSIÇÃO DO CORPO DOCUMENTAL

3.1 A *Folha de S. Paulo*

Eleito objeto de pesquisa desta monografia, o jornal *Folha de S. Paulo* é um periódico de publicação diária, propriedade do Grupo Folha, conglomerado de mídia sediado na capital paulista que reúne empresas ligadas ao setor de comunicações. Tendo iniciado suas atividades na década de 1960, a partir da junção de três publicações da Empresa Folha da Manhã S.A. — *Folha da Noite*, *Folha da Tarde* e *Folha da Manhã* — o periódico vem sendo publicado ininterruptamente desde então, possuindo atualmente duas versões: física e digital. Escolhida por sua ampla influência na sociedade brasileira e pela importante cobertura jornalística dos fatos compreendidos em nosso recorte temporal — acompanhando, na maioria das vezes, as competições internacionais de futebol feminino *in loco* —, a *Folha* constitui integralmente o corpo documental desta pesquisa.

Não é intenção deste trabalho pormenorizar os fatos históricos que antecederam a criação do periódico sob a nomenclatura atual, tão pouco detalhar a atuação jornalística da *Folha* em suas mais diferentes frentes. Entretanto, se faz necessário resgatar dois pontos fundamentais da história deste periódico a fim de melhor compreendermos o singular movimento de ampliação de sua influência ao longo das últimas décadas.

Em primeiro lugar, é correto afirmar que a *Folha* esteve na vanguarda da implementação das novidades tecnológicas incorporadas pelo jornalismo brasileiro após o advento do computador e da internet no início dos anos 1980. De acordo com a jornalista Luiza Villaméa (2018), tendo sido empregado, em um primeiro momento, enquanto uma “máquina de escrever sofisticada”, o computador logo revolucionou a dinâmica dos grandes jornais, silenciando as redações e agilizando o trabalho dos jornalistas. Segundo Villaméa, a *Folha* foi pioneira na informatização: poucos meses após ter recebido seus primeiros computadores, em dezembro de 1982, “bastava apertar uma tecla para que o texto preparado chegasse à fotocopadora” (VILLAMÉA, 2018, p. 251). Além do mais, o computador logo demonstrou o quão útil seria para o ofício jornalístico no que tange a disseminação de informações. Com a chegada da internet, tornou-se um “instrumento de duas mãos, permitindo ao jornalista divulgar seus textos em tempo real e, simultaneamente, receber o retorno do leitor” (VILLAMÉA, 2018, p. 249).

A *Folha* também foi pioneira no movimento de expansão da mídia tradicional para o universo digital com a criação, em 1996, do Universo Online (UOL). Na avaliação do jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva:

O Universo Online (UOL), lançado experimentalmente em 1996 e fundido com o Brasil Online (do grupo Abril) em setembro do mesmo ano (na primeira associação de dois importantes conglomerados do setor de mídia no Brasil), **tornou-se o líder entre os grandes portais de internet**, posição que sustenta na primeira década do novo milênio. Ele garantiu à empresa significativos aportes financeiros dos EUA e da Europa por meio da venda de parte das ações, **sem que o controle acionário do Universo Online ou da Folha tivesse deixado de ser da Folha da Manhã S.A.** (SILVA apud CAMARGO, 2018, p. 274) [grifos nossos]

De acordo com o jornalista Cláudio Camargo, o processo de entrada da mídia tradicional na era eletrônica não constituiu, no Brasil, uma mudança abrupta em sua estrutura, que continuou “concentrada na mão de poucos grandes grupos empresariais e familiares” (CAMARGO, 2018, p. 271). Neste sentido, o autor salienta que a criação do UOL

“exemplifica bem o fato de a entrada da mídia brasileira na era digital não ter reduzido a concentração da propriedade das grandes empresas jornalísticas do país” (CAMARGO, 2018, p. 274), haja visto que a propriedade deste novo e potente ativo permaneceu sob a posse da empresa Folha da Manhã S.A. De qualquer maneira, o que importa aqui salientar é que a bem sucedida empreitada no meio digital possibilitou à *Folha* sair na frente de seus concorrentes diretos, estabelecendo seu domínio sobre uma fatia do mercado que se provaria profundamente lucrativa, ao passo que expandia sua influência enquanto veículo de comunicação.

Em segundo lugar, a atuação jornalística da *Folha de S. Paulo* durante a campanha das Diretas Já alçou o periódico a um novo patamar de aceitação e prestígio. De acordo com a socióloga Amélia Cohn, a *Folha* deu destaque a todas as manifestações públicas favoráveis ao restabelecimento das eleições diretas para presidente da República. Mais do que isso, “também se colocou à disposição dos seus organizadores para divulgá-las através da coluna ‘Roteiro das diretas’, que trazia diariamente um resumo de suas principais atividades” (COHN, 2023).

Tendo em vista que a noção de imparcialidade e isenção é uma construção histórica — e não um dado da natureza, como querem fazer crer os manuais de redação — a *Folha de S. Paulo*, assim como os demais veículos de imprensa, balizou sua atuação a partir da articulação e do confronto entre seus objetivos e aspirações empresariais e os diferentes cenários político-econômicos em que esteve inserida. Neste sentido, apesar de inicialmente ter sido simpática ao golpe militar, haja visto que, no início dos anos 1960, sua linha editorial havia se tornado “francamente antijanguista e pró-mobilização para o movimento que culminou com os acontecimentos de 1964” (COHN, 2023), as divergências com o regime pavimentaram o caminho para que a *Folha* pudesse se posicionar a favor do benquisto movimento das Diretas, gozando de sua popularidade ao passo que afirmava-se enquanto um jornal defensor dos valores democráticos. A respeito do aumento de popularidade da *Folha* durante este período, Luiza Villaméa afirma que o jornal “angariara um tremendo prestígio ao envolver até a sua última rotativa na campanha das Diretas Já!” (VILLAMÉA, 2018, p. 254).

Ao longo das últimas décadas do século XX, a *Folha de S. Paulo* ampliou de maneira considerável seu grau de penetração e influência na sociedade brasileira, tornando-se um dos jornais mais vendidos do país. De acordo com Cohn, nos últimos anos da década de 1990, recorte temporal caro ao presente estudo, a “*Folha de S. Paulo* seguia sendo o maior jornal em circulação média do país, atingindo, aos domingos, a marca de dois milhões de exemplares” (COHN, 2023). No começo deste século, o jornal manteve a média diária de

429.476 exemplares físicos vendidos, número que decaiu ao longo dos anos posteriores em decorrência da disseminação do consumo de notícias online. Atualmente, a circulação digital do jornal é responsável por uma parcela considerável de seus ganhos. De acordo com seu site, “a *Folha* encerrou 2021, segundo os números auditados pelo IVC (Instituto Verificador de Circulação), com circulação total (digital e impressa) em 366.089 exemplares diários pagos” (FOLHA, 2023)¹⁰.

Atualmente, o Grupo Folha é proprietário da *Folha de S. Paulo*, do site de notícias folha.com.br, do instituto de pesquisas Datafolha e do parque gráfico Centro Tecnológico Gráfico-Folha (CTG-F). O grupo também é sócio da empresa de distribuição e logística SPDL e dono de participação minoritária, indireta e em ações sem direito a voto no UOL. Dentre seus serviços estão a agência de notícias Folhapress e o Acervo Folha, “compilação digitalizada do jornal Folha de S.Paulo” com cerca de 1,8 milhão de páginas que abrangem “mais de 100 anos de exemplares publicados sobre o Brasil e o mundo” (FOLHA, 2023).

3.2 Fontes selecionadas

As fontes que compõem o corpo documental de nossa pesquisa foram coletadas através da ferramenta de buscas do Acervo Folha¹¹, mecanismo que permite ao pesquisador procurar tanto por palavras isoladas quanto por frases inteiras, assim como selecionar o recorte temporal desejado e concentrar suas buscas nas publicações de sua preferência. Os resultados desta pesquisa inicial podem ser aprimorados através da aplicação de filtros temáticos ou filtros que correspondem aos diferentes cadernos dos jornais. Além disso, o consulente pode optar por realizar uma “busca avançada”, opção que adiciona parâmetros mais refinados à sua pesquisa.

¹⁰ Para saber mais sobre a circulação e a audiência da *Folha*, ver site oficial. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/institucional/circulacao.shtml?fill=5>>. Acesso em: 04 set. 2023.

¹¹ O Acervo Folha é disponibilizado de maneira gratuita através de seu site oficial. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/index.do>>. Acesso em: 20.08.2023

Figura 1 - Ferramenta de buscas do Acervo Folha



Fonte: Acervo Folha

Dois foram os principais fatores que motivaram o presente trabalho a utilizar-se de fontes digitalizadas em detrimento do contato direto com exemplares físicos da *Folha de S. Paulo*. Em primeiro lugar, a pesquisa documental teve início em meados de 2020, período em que encontravam-se impedidas as visitas aos arquivos, museus e demais instituições de pesquisa em decorrência da pandemia do COVID-19. No momento em que a circulação de pessoas restringia-se cada vez mais, o Acervo Folha constituiu um importante caminho de aproximação entre o pesquisador e suas fontes primárias, permitindo, à distância de poucos cliques, a continuidade de seu trabalho.

Em segundo lugar, através da ferramenta de buscas disponibilizada pelo Acervo Folha, foi possível manipular um grande volume de periódicos de maneira rápida e prática, o que demandaria muito mais tempo e esforço caso fossem consultados os exemplares físicos da *Folha*. Tendo em vista que nosso recorte temporal compreende vinte anos de publicações, a busca por palavras-chave foi capaz de identificar de maneira ágil os exemplares em que constavam as menções caras ao nosso objeto de pesquisa. Ademais, como nossa pesquisa não requereu quaisquer análises de natureza físico-química, o trabalho com fontes digitalizadas supriu integralmente as demandas de nossa investigação.

Através da ferramenta de busca do Acervo Folha, foram procurados, individualmente, pelas palavras-chave “Miraildes” e “Formiga”. Com relação ao primeiro termo, a ferramenta apresentou seis (6) resultados que correspondiam à Miraildes Maciel Mota, personagem principal de nossa investigação. Quanto ao segundo termo, “Formiga”, por se tratar de uma palavra muito comum, a resposta apresentada pelo mecanismo de busca foi elevada: 4122 menções. Deste modo, a pesquisa deteve-se apenas aos resultados relativos ao termo “Formiga” relacionados ao filtro do caderno de esportes e ao periódico *Folha de S. Paulo*. Após triagem dos resultados apresentados, cento e trinta e quatro (134) fontes que faziam menção direta à jogadora foram identificadas.

Paralelamente, foi realizada uma segunda pesquisa visando identificar matérias que retratassem a seleção brasileira feminina de futebol ao longo dos anos em que o selecionado participou das principais competições da modalidade. O principal objetivo desta busca foi compor um conjunto de fontes documentais que pudessem auxiliar o pesquisador na compreensão dos contextos sociais e esportivos em que estavam inseridas as jogadoras de futebol aqui estudadas, assim como analisar os discursos jornalísticos sobre seus anseios, demandas e desempenhos em campo. Deste modo, foram identificadas cento e setenta e três (173) fontes que correspondiam à seleção feminina de futebol.

Cabe aqui ressaltar que, por se tratar de um acervo online, uma série de problemáticas ligadas à natureza digital deste suporte são impostas ao pesquisador. Ao mesmo tempo em que a digitalização das fontes documentais tornou a procura por informações muito mais ágil e cômoda, o historiador tornou-se refém da capacidade do mecanismo de busca em selecionar quais serão os dados apresentados ao consulente. Como é de praxe dos *softwares* utilizados em nossa vida cotidiana, os algoritmos que norteiam as ferramentas de busca não são transparentes e objetivos. Pelo contrário, estão sujeitos às constantes mudanças que impactam diretamente em suas funcionalidades — muitas delas sem qualquer aviso prévio. Em mais de uma ocasião, foi possível identificar fontes jornalísticas caras à nossa investigação que acabaram por escapar dos parâmetros selecionados durante nossas pesquisas pelo simples fato de que o algoritmo que norteia a ferramenta de buscas foi incapaz de apresentar os resultados de maneira adequada. Deste modo, uma pesquisa manual teve de ser realizada para reunir fontes que, eventualmente, poderiam ter escapado da busca automatizada.

4 O CENÁRIO DO FUTEBOL FEMININO

4.1 Regulamentação, *boom* e hiato.

Hoje, graças à luta de centenas de futebolistas brasileiras e aos esforços de pesquisadores empenhados na árdua tarefa de resgatar a memória destas atletas, a longa história da prática do futebol por mulheres em nosso país torna-se cada vez mais conhecida pelo público geral. Todavia, ainda há muito a ser feito no que tange à construção e consolidação de uma historiografia que tome como seu objeto de análise o cenário do futebol feminino brasileiro durante os anos que se seguiram à regulamentação da modalidade, ocorrida em 1983. De maneira semelhante, é de suma importância para a escrita da história do esporte brasileiro o resgate da trajetória das atletas que participaram diretamente das tentativas de profissionalização da modalidade realizadas durante a década de 1990.

Neste sentido, a análise da trajetória profissional de Miraildes Maciel Mota, a Formiga, através das páginas do jornal *Folha de S. Paulo*, objeto do presente estudo, tem muito a contribuir para a devida compreensão de um contexto histórico marcado pela retomada oficial do futebol feminino no Brasil. Portanto, antes que passemos para a análise do corpo documental propriamente dito, se faz necessário realizarmos um breve panorama sobre a inserção de Formiga no futebol feminino, assim como apresentar quais eram as condições em que se encontrava a modalidade no momento de sua chegada.

Nascida em 3 de março de 1978, Miraildes cresceu jogando bola nas ruas do bairro do Lobato, Salvador, Bahia. Apesar da prática do futebol por mulheres não mais configurar uma atividade proibida no início dos anos 1980, o preconceito manifestava-se cotidianamente na vida de garotas que, como ela, queriam se divertir com a bola nos pés. Desde muito cedo, enfrentou a resistência dos irmãos que não queriam vê-la "batendo um baba"¹² entre a molecada da vizinhança. Apesar das agressões sofridas, fato que a marcou profundamente, a jovem jogadora pôde contar com o apoio de sua mãe, dona Celeste, para prosseguir no esporte. Sempre determinada e voluntariosa em campo, recebeu de um torcedor, empolgado com sua polivalência, o apelido que a acompanharia durante toda carreira profissional: Formiga. Em dada ocasião, foi vista jogando bola por Dilma Mendes, treinadora que, à época, comandava a equipe baiana do Euroexport. Impressionada com o que havia observado, Dilma convidou a jovem atleta para treinar com sua equipe. Convite aceito, Formiga passou a treinar

¹² Equivalente a "jogar uma pelada", "bater uma bola", expressões utilizadas em outras regiões do país.

futsal regularmente e nunca mais abandonaria o esporte. Dali, daria o pontapé inicial para uma trajetória meteórica no cenário do futebol feminino brasileiro.

A chegada de Formiga à modalidade não deve ser entendida como um fenômeno isolado. É, antes de tudo, mais um capítulo de um longo e antigo processo de popularização do esporte bretão entre as garotas de um lugar autointitulado “país do futebol”. Desde as primeiras décadas do século XX, período em que o futebol consolidava-se enquanto paixão nacional, as mulheres não só já ocupavam as arquibancadas dos estádios para torcerem por seus times de coração, como pouco a pouco apropriaram-se dos gramados dos clubes sociais, subúrbios e várzeas a fim de praticarem o futebol. Mesmo após o Conselho Nacional de Desportos (CND) ter decretado a proibição da modalidade, em abril de 1941, as mulheres não só não abandonaram o futebol de campo, continuando a praticá-lo de maneira extra-oficial — como nos revela a historiadora Giovana Capucim em seu livro *Mulheres Impedidas* — como encontraram no futebol de salão uma maneira de driblar a interdição¹³.

A resistência em permanecer jogando futebol foi tamanha que, quando da revogação da proibição em 1979, e da regulamentação oficial da modalidade em 1983, uma enorme massa de mulheres futebolistas já encontrava-se consolidada, demandando por competições organizadas e espaços para praticarem o desporto. Romeu de Castro, experiente dirigente do futebol feminino brasileiro — hoje gestor de competições na Confederação Brasileira de Futebol (CBF) — relembra desse período com entusiasmo, pois ele coincide com sua entrada para a modalidade no início da década de 1980. De acordo com seu relato, aquele era um momento em que:

[...] o futebol feminino ainda estava proibido no Brasil. Existiam algumas equipes de futebol feminino em atividade, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro. Entretanto, as competições não podiam ocorrer em estádios utilizados pelo futebol profissional, pois não havia regulamentação ou permissão explícita por parte do Conselho Nacional de Desportos, que era presidido por Manoel Tubino. **A partir de janeiro de 1983, quando surge essa autorização, imediatamente começam a**

¹³A respeito da participação das mulheres na prática do futebol ao longo do século XX, a pesquisadora Silvana Goellner afirma que: “é evidente que essa participação foi significativamente menor que a dos homens, inclusive porque os decretos oficiais da interdição a determinadas modalidades impossibilitaram, por exemplo, que os clubes esportivos investissem em políticas de inclusão das mulheres nos esportes. Esse movimento terá seu início apenas no final da década de 70, quando se estabelecem novas bases para a organização do esporte no país, fazendo com que, em 1979, fosse revogada a deliberação do Conselho Nacional de Desportos que vedava a prática do futebol e do futebol de salão pelas mulheres. Decorrentes desse movimento novas perspectivas despontam para o futebol feminino no Brasil. Já nos primeiros anos da década de 80 surgem vários times femininos, alguns clubes criam suas equipes e alguns campeonatos femininos adquirem visibilidade no calendário esportivo nacional” (GOELLNER, 2005, p. 147).

aparecer competições em São Paulo, notadamente a Taça Cidade de São Paulo. Essa competição era promovida pela Secretaria Municipal de Esportes de São Paulo, através do diretor de Esportes e Lazer, que era o Fábio Lazzari. Por coincidência, Lazzari foi a mesma pessoa que criou a Copa São Paulo de Juniores. **A primeira competição, se não me falha a memória, teve mais de cento e trinta equipes. Então você tinha uma carência muito grande. O futebol feminino, naquele momento, estava presente no cotidiano, na vida das pessoas, principalmente das mulheres das periferias dos grandes centros. Porém, antes não havia vazão para isso. Então, a primeira competição lançada foi um imenso sucesso.** Foram utilizados campos distritais e, a partir das finais, estádios. A competição acabou misturando equipes de massa, que tinham grandes torcidas, como o Guarani, o Santos e o São Paulo, com os clubes da várzea paulistana, como o Pirituba, o Vila Guarani e o Panterinhas. (CASTRO, 2022, p.1) [grifos nossos]

A vazão possibilitada pela regulamentação da modalidade foi sentida não apenas em São Paulo e região, local de onde relata Castro, como em outras localidades do território nacional. No Rio de Janeiro, o Esporte Clube Radar nasceria das praias de Copacabana para entrar para a história como um time considerado imbatível, detentor de uma hegemonia esportiva lembrada até os dias atuais. Na Bahia, importante reduto do futebol feminino brasileiro, os anos 1980 também foram marcados por uma grande profusão de equipes femininas. Na obra *Fazendo Gênero e Jogando Bola*, a historiadora Enny Vieira Moraes relata que:

Somente na Bahia dos anos 1980, ainda através das matérias jornalísticas, foi possível observar que **chegaram a existir mais de cem equipes espalhadas pelo estado (sendo vinte e uma equipes somente na capital)**, dentre elas o Catuense, Bahia, Ipiranga, Baiano de Tênis, Panteras de Ipiaú, Flamengo de Feira¹⁴, entre outros. (MORAES, 2014, p. 13) [grifos nossos]

No entanto, se o começo dos anos 1980 foi marcado pela explosão do número de equipes, atletas e competições, o final daquela década seria bastante negativo para o cenário do futebol feminino nacional. De acordo com o relato de Romeu de Castro, tempos antes do Mundial Experimental disputado na China, em 1988, os campeonatos se extinguíram com a mesma força com que haviam surgido. Para o dirigente, alguns dos motivos causadores do

¹⁴A região e as equipes de Feira de Santana são de especial interesse para Moraes, pois, segundo afirma a historiadora, dali saiu “um maior número de atletas daquele período para atuar em outros estados, incluindo a própria seleção feminina de futebol entre o final da década de 1980 e toda a década seguinte” (MORAES, 2014, p. 11).

arrefecimento da modalidade teriam sido mudanças administrativas ocorridas em federações e órgãos públicos. Com a diminuição do número de competições de campo, as atletas viram no futebol de salão um reduto para continuarem atuando. Neste sentido, Castro afirma que:

O futsal foi o grande berço fomentador para a formação de atletas e fortalecimento do futebol feminino. A habilidade das jogadoras brasileiras, que surpreendiam o mundo, vem em grande parte desse nicho compartilhado praticamente por todas elas. Isso vem da década de oitenta. Em 1983, nós tivemos a primeira Taça São Paulo de Futebol Feminino, com mais de cem equipes. Também tivemos o primeiro Campeonato Paulista, em 1986. Quando chega em 1987¹⁵, pouco antes do Mundial Experimental, as competições somem com a mesma força que surgiram. Basicamente, algumas pessoas foram transferidas de função nas federações e nos órgãos públicos, e o futebol feminino praticamente se paralisou. **E aquelas jogadoras mais habilidosas, para continuarem jogando, já que faltavam competições de campo, migraram de volta para o salão.** (CASTRO, 2022, p. 4)

Colhido pela pesquisadora Enny Vieira Moraes, o relato da zagueira baiana Solange, a Soró, corrobora com as alegações de Romeu Castro quando este se refere ao hiato ocorrido no cenário do futebol feminino brasileiro durante a virada para a década de 1990. Segundo Soró, ao passo que as competições de campo desapareciam, o futebol de salão tornou-se a tábua de salvação para dezenas de atletas que, de uma hora para outra, viram-se completamente desamparadas. De maneira semelhante, a seleção brasileira também foi vista como um porto seguro para jogadoras que, como ela, eram frequentemente convocadas para disputar torneios internacionais. Ao se referir à necessidade de ajudar a família, Soró afirma que:

[...] estar na seleção era fundamental, naquele momento, porque, como ela recordou, no ano de 1991, os times haviam parado temporariamente seus treinamentos, como os eventos relativos ao futebol feminino de campo que também foram suspensos, tudo isso associado à constante falta de investimentos no esporte, segundo a depoente, fato que se deu em extensão nacional. Como consequência direta dessa parada e como a vida desses times era bastante curta, cada vez menos Solange acreditava na possibilidade de se profissionalizar no esporte. Ainda nessa época, entretanto, referindo-se à cidade de São Paulo, a ex-atleta ponderava que ali o futebol de salão feminino sempre existiu e seguia como um campeonato anual organizado, já nos anos 1980, embora o reconhecimento do esporte pela CBF tenha

¹⁵ Castro citou o ano de 1987 durante sua entrevista, mas informações concedidas posteriormente pelo depoente apontam para o ano de 1988 como aquele em que começaria o hiato que durou até meados dos anos 1990.

ocorrido apenas no início da década de 90. Sobre o assunto, Solange comentou: ‘Agora o futsal é o seguinte: todo ano, desde que eu fui ‘pra’ São Paulo, a Federação Paulista tem um calendário com três campeonatos anuais de futsal. Entendeu? [...] E esse calendário é cumprido rigorosamente lá em São Paulo. **(Nessa época) só tinha futsal. Campo, quem tinha campo tinha: um timinho ou outro, um estado ou outro. Mas campo tinha parado. Ou você ‘tava’ ali na seleção ou você não ‘tava’ mais em lugar nenhum.** (MORAES, 2014, p. 93) [grifos nossos]

A bem da verdade, o período em que as competições de campo de futebol feminino estiveram significativamente reduzidas foi vivenciado de maneira desigual nas diferentes regiões do país. Segundo Romeu de Castro, a situação em São Paulo era especialmente complicada, pois a própria Federação Paulista de Futebol, à época presidida por Eduardo José Farah, proibia o registro das jogadoras. Com isso, times que desejavam continuar atuando profissionalmente precisavam buscar alternativas fora do estado, como foi o caso do Saad E.C., que optou por registrar suas atletas junto à Federação de Mato Grosso do Sul. Quanto aos campeonatos, Castro cita a Copa São Paulo de Futebol Feminino, “que era uma espécie de campeonato paulista do interior” (CASTRO, 2022, p. 5), como uma das poucas competições que continuavam a ser disputadas graças ao apoio das ligas e clubes locais.

4.2 Nova retomada: Sport Promotion e a criação do Paulistana

Após um longo período de arrefecimento da modalidade, o cenário do futebol feminino no Brasil voltaria a se aquecer por razões ainda pouco esclarecidas. A principal hipótese levantada por este trabalho leva em conta o aparecimento de dois fatores — um externo e outro interno ao contexto brasileiro — que teriam lançado as bases para que novas tentativas de profissionalização da modalidade fossem realizadas.

Em primeiro lugar, tentativas de popularização do futebol feminino à nível global já vinham sendo realizadas desde o final da década de 1980, com a realização do Mundial Experimental, sediado na China. Entretanto, tais iniciativas ganharam significativa tração em 1991, com a disputa da primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino organizada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA). O sucesso desta experiência, que contou com a participação da seleção canarinho, impactou diretamente o cenário interno da modalidade no Brasil, contribuindo para que a atenção de uma parcela dos dirigentes brasileiros afeitos ao futebol feminino estivesse voltada para a competição seguinte, a ser disputada em 1995, na Suécia. Refletindo este movimento, a Federação Paulista de Futebol voltaria a aceitar o

registro de atletas em 1995, como relembra Romeu de Castro, fator que impactaria significativamente na criação de novas competições oficiais e no retorno para o futebol de campo de dezenas de atletas que estavam no futebol de salão.

Por sua vez, a chegada do futebol feminino às Olimpíadas a partir dos Jogos de Atlanta, realizado em 1996, conferiu novo status à modalidade. Durante a competição, importantes centros promotores do futebol de mulheres conseguiram apresentar bons resultados, como foram os casos de Noruega, China e Estados Unidos — medalhista de ouro naquela ocasião. O desempenho da seleção brasileira, que conquistou um inesperado e importante quarto lugar, contribuiu significativamente para que a modalidade fosse entendida como uma alternativa viável para o incremento do quadro de medalhas das edições olímpicas seguintes.

Em segundo lugar, novas tentativas de profissionalização também foram possíveis graças a iniciativa de empresários que viram na exploração comercial da modalidade uma maneira de obtenção de lucro. Este foi o caso da Sport Promotion, empresa que esteve responsável por gerenciar integralmente a seleção brasileira de futebol feminino entre 1995 e 1998. Criada em 1991, a Sport Promotion era propriedade dos empresários José Francisco Coelho Leal, o Kiko, e Paulo Roberto Bastos, cuja experiência na promoção, organização e transmissão de eventos esportivos remonta à época em que eles integravam, ao lado do jornalista Luciano do Valle, a empresa PromoAção, que comandava a grade esportiva da TV Bandeirantes durante os anos 1980. Dentre os maiores sucessos da PromoAção está o Show do Esporte, programa televisivo conhecido por transformar a transmissão das mais variadas modalidades esportivas em entretenimento popular e significativamente rentável¹⁶. Dentre seus atrativos estava a exibição de partidas de futebol feminino para o grande público.

Com o fim da PromoAção após negociações mal sucedidas com a TV Bandeirantes, José Francisco Coelho Leal e Paulo Roberto Bastos fundaram a Sport Promotion e seguiram operando no mercado televisivo. Tempos mais tarde, a dupla rumaria para a TV Manchete “na tentativa de fazer uma espécie de Show do Esporte da Manchete” (CASTRO, 2022, p. 12). Na nova emissora, os jogos de futebol feminino voltariam a ser transmitidos, após anos de ausência, em meados de 1993.

Em pouco tempo, o papel desempenhado pela Sport Promotion no cenário do futebol feminino ampliaria-se consideravelmente. Em 1995, a Confederação Brasileira de Futebol

¹⁶ Castro relembra que “em determinado momento, a PromoAção ocupava cerca de vinte por cento da grade da TV Bandeirantes com esporte, correspondendo a quase setenta por cento do faturamento” (CASTRO, 2022, p. 12).

(CBF) pediu ajuda à Sport Promotion para a elaboração de um novo projeto para a seleção brasileira feminina visando a disputa do Campeonato Sul-Americano daquele ano, a ser realizado na cidade de Uberlândia. Segundo Castro — que, a convite de José Leal, acabaria participando daquele projeto trabalhando como consultor — caberia à CBF a responsabilidade pela seleção, enquanto a Sport Promotion ficaria responsável pela manutenção das jogadoras e “pela criação e administração dos projetos [...] tanto da primeira Copa América, que foi a de 1995, em Uberlândia [...] quanto do projeto para a televisão” (CASTRO, 2022, p. 12).

Após a disputa da Copa do Mundo na Suécia, a Sport Promotion estreitou ainda mais sua relação com o futebol feminino profissional, passando a administrar integralmente a seleção brasileira a partir de meados de agosto daquele ano. Seu principal objetivo consistia na realização de uma boa preparação para os Jogos Olímpicos de 1996, que seria realizado na cidade de Atlanta, Estados Unidos da América.

Com a responsabilidade sobre a gestão da seleção feminina de futebol tendo sido transferida pela CBF à Sport Promotion¹⁷, mudanças significativas começaram a acontecer no que tange à profissionalização das atletas que participavam do selecionado nacional. De acordo com Castro, que assumiu um cargo de gestão na administração da seleção:

[...] Atlanta foi um imenso divisor de águas em relação a tudo aquilo que havia sido feito antes no futebol feminino. E é por isso que a seleção voltou a chegar: primeiro, houve longos períodos de preparação; pela primeira vez as atletas tiveram salário, não era diária. Nós colocamos um salário para todas as jogadoras para que elas pudessem se dedicar apenas à seleção. [...] Nós demos um piso salarial para as jogadoras e elas assumiram o compromisso com o futebol de campo. E outra coisa: para manter o controle da seleção, nós fomos obrigados a ter resultado, coisa que não acontecia com nenhum outro naquela época (CASTRO, 2022, p. 18)

Para além do estabelecimento de um piso salarial e a substituição das diárias por pagamentos mensais — fatores que possibilitaram com que as atletas se dedicassem exclusivamente ao futebol de campo — o reconhecimento da necessidade de se fazer uma renovação na equipe foi fundamental para a construção de um grupo de jogadoras que viria a representar o Brasil ao longo de toda a década seguinte. Além do mais, Castro relembra que

¹⁷ Ao ser questionado se a CBF ajudava de alguma forma durante o período em que a Sport Promotion esteve à frente da seleção, Castro comenta que: “[...] cabia a Sport Promotion absolutamente tudo. Nós não recebíamos nenhum tipo de aporte nem da CBF nem do Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Absolutamente tudo foi bancado pela Sport Promotion” (CASTRO, 2022, p. 15).

uma de suas principais preocupações era contar com um comando técnico especializado na formação de atletas, já que poucas eram as jogadoras que tinham feito algum nível de trabalho de base. Deste modo, seria necessário mais que um treinador: era preciso “alguém que ensinasse as meninas a jogar em alto nível” (CASTRO, 2022, p. 13). O técnico escolhido para a função foi José Duarte, que, àquela altura, não só já era reconhecido por sua carreira consolidada no cenário nacional, como também acumulava a experiência de ter sido treinador das categorias de base do Guarani.

Um ano após a boa campanha brasileira nos Jogos de Atlanta — a qual detalharemos na sequência deste trabalho —, a Sport Promotion envolveu-se na criação e organização do Paulistana, reconhecido posteriormente como o primeiro campeonato paulista de futebol feminino a ser disputado com o aval da Federação Paulista de Futebol. Assim como ocorreu com a seleção brasileira, a Sport Promotion desempenhou um papel bastante amplo no que tange à organização daquele campeonato. Tendo como parâmetro a experiência bem sucedida de organização e fomento do futebol feminino realizada nos Estados Unidos da América — inspiração evidenciada pela tentativa da Sport Promotion em coligar universidades e clubes de futebol —, a empresa implementou medidas que contribuíram para que demandas históricas da modalidade, como o pagamento regular de salários, fossem finalmente conquistadas, mesmo que de maneira momentânea e circunscrita ao contexto paulista. O relato de Romeu de Castro é bastante esclarecedor ao apontar que:

A criação do Paulistana veio da Sport Promotion. **Todos os clubes tiveram, pela primeira vez na história, uma cota financeira, que foi bancada pela Sport Promotion. Foi incentivado que as atletas tivessem salário e que houvesse uma profissionalização.** Ocorreu uma migração do futsal, então todas as equipes da modalidade acabaram dando origem a um time de futebol de campo. O Juventus, que tinha sido tradicional nos anos 1980 e que agora era só futsal, voltou para o futebol de campo junto à Universidade São Judas Tadeu. Era o São Judas/Juventus. Também tivemos a Marvel assumindo o Santos, o Saad junto ao São Paulo e ao Palmeiras, a Universidade Mackenzie entrando também... Foi um conceito misto entre clubes e universidades, buscando tornar o futebol feminino mais jovem, buscando tornar o futebol feminino um produto que quebrasse o preconceito social, que não fosse... digamos assim, uma modalidade apenas de resistência, da luta das mulheres das periferias, mas sim um produto viável em todos os sentidos. A Sport Promotion idealizou a competição e buscou a autorização da Federação Paulista para que ela chancelasse a ideia e inscrevesse as jogadoras. Mas **toda a administração,**

todo o custeio, o plano de marketing... efetivamente toda a gestão da competição foi da Sport Promotion. (CASTRO, 2022, p. 15)

Apesar de positivo, o gerenciamento da competição estadual pela Sport Promotion não foi uma experiência duradoura, tendo a Federação Paulista de Futebol decidido assumir a gestão do campeonato logo após o término de sua primeira edição. De maneira semelhante, o acordo que estabelecia a Sport Promotion como administradora do selecionado feminino foi encerrado em 1998, após “desacordos com os administradores da CBF” (CASTRO, 2022, p. 14).

Mesmo que breve, o envolvimento direto da Sport Promotion com a modalidade do futebol feminino brasileiro foi, sem sombra de dúvidas, um fator chave para que esta pudesse ganhar a tração necessária para saltar de um período de relativa inatividade e falta de incentivo institucional rumo a novos horizontes de profissionalização, mesmo que ainda muito incipientes¹⁸. De maneira semelhante, tanto o processo de renovação do selecionado nacional quanto a cobrança das atletas por resultados — leia-se medalhas — serão algumas das heranças da gestão da Sport Promotion que acompanharão as mulheres no noticiário esportivo ao longo da década seguinte. Voltaremos a abordar tais questões no decorrer deste trabalho.

4.3 Entre o futsal e o campo: a captação de Formiga

O curto espaço de tempo que separa a descoberta de Formiga pela treinadora Dilma Mendes e a disputa, aos dezesseis anos, de sua primeira Copa do Mundo é uma evidência concreta da qualidade e do potencial apresentado pela jovem jogadora. Ao analisarmos seu

¹⁸ Sobre o cenário do futebol feminino dos anos 1990, o trabalho da Sport Promotion e o seu legado, Castro comenta que: “A [seleção] de 1995 teve uma melhor estrutura, mas, veja bem, ficamos praticamente sem campeonatos entre 1991 e 1995. Sem estadual, sem nada. Então eram meninas que estavam vindo do futebol de salão para jogar na seleção. Você pode imaginar como foi a gente pegar essa equipe desacreditada e, em poucos meses, transformá-la em uma top-4 do mundo. Foi um trabalho incrível. Então, eu acho que Atlanta dividiu águas e mostrou que tinha que ser feita uma preparação para que se produzisse uma campeã do mundo. E nós continuamos com a preparação e a renovação da seleção até 1998. Nesse ano, logo após o fim do Paulistana, a gente ganhou dos Estados Unidos lá no estádio do Canindé. Então, o caminho estava certo. Infelizmente, a CBF daquele período não quis manter aquela preparação. Mas as jogadoras que surgiram graças ao Paulistana e ao trabalho do Zé Duarte, como a Daniela Alves e outras jogadoras incríveis, formaram um *pool* de atletas que manteve o Brasil no top-4 por muito tempo. Por isso eu acho que o Zé Duarte tem que ser sempre lembrado, pois foi ele quem realmente colocou a mão na massa. Com ele, o Brasil ganhou a medalha de bronze no mundial de 1999 e foi quarto colocado nas Olimpíadas de 2000. Em 2003, já com o Paulo Gonçalves, a seleção fez um mundial horrível, aquele que foi o primeiro mundial da Marta. Em 2004, após a chegada do Renê [Simões], o Brasil conquistou a medalha de prata, feito que se repetiu na Copa do Mundo de 2007 e nos Jogos Olímpicos de 2008. Quem tava lá? Tânia Maranhão, Maycon, Formiga...” (CASTRO, 2022, p. 20).

processo de captação — saindo das quadras do futsal baiano para os campos de São Paulo para defender as cores do Saad Esporte Clube — podemos compreender ainda melhor o processo de retomada das atividades pelo qual passava a modalidade do futebol feminino após um período caracterizado pela falta de competições.

Romeu de Castro, à época dirigente do Saad E.C., relembra que a captação de atletas realizada pelo clube paulista era bastante ampla, e que todos os esforços eram realizados para que sua equipe contasse com as talentosas meninas provenientes dos mais diferentes cantos do país. Em seu depoimento, Castro salienta quão importante foi a rede de pessoas ligadas ao futebol masculino profissional para que se construísse no Saad E.C. uma equipe que viria a tornar-se hegemônica em meados dos anos 1990. Sobre a captação de atletas, o dirigente lembra que:

No Saad, nós sempre tivemos a visão de buscar o apoio das pessoas do futebol masculino. Inserir-los no contexto do futebol feminino era uma forma de irmos quebrando o preconceito. O que acontecia muito era contarmos com a ajuda de pessoas espalhadas pelo Brasil todo. [...] Essas pessoas acabavam falando para a gente: “olha, tem a irmã de um jogador que queria tentar o futebol feminino”, “tem um preparador físico em Rondônia que achou três jogadoras fenomenais”. Ou quando a gente ia pra Taça Brasil, diziam: “olha, tem um time lá de Tocantins que nós metemos treze a zero, mas eles tem uma atacante que vale a pena dar uma olhada”. E a gente ia puxando jogadoras do Brasil inteiro, seja lá onde estivesse. Era um tempo em que não havia grandes recursos, então acontecia de meninas viajarem três dias de ônibus até São Paulo para ter uma oportunidade. E nós fornecíamos alojamento. O clube tinha um diferencial que era ter, desde 1993, um piso salarial. O piso começou com o valor de cem dólares, numa época em que o salário mínimo no Brasil era de um pouco mais de cinquenta dólares. Então aquilo ajudava bastante na manutenção das meninas. A gente tinha a hospedagem, a alimentação, os treinos diários. Portanto, a hegemonia do Saad veio desse processo de captação bem vascularizado através de pessoas do futebol masculino que acabavam funcionando como olheiros e intermediários. (CASTRO, 2022, p. 6)

A história de Miraildes é semelhante a de muitas outras atletas espalhadas pelo Brasil que foram descobertas por clubes de São Paulo e de outros grandes centros futebolísticos do país. Assim como para tantas outras, o futebol de salão serviu como reduto para que a jogadora inicia-se sua trajetória no futebol feminino mesmo em um período de retração da modalidade. Sua captação aconteceu justamente a partir de uma grande surpresa ocorrida no Campeonato Brasileiro de Futsal de 1993, cuja finalíssima contou com a participação de duas

equipes financiadas pela mesma empresa, a multinacional Euroexport. A equipe tida como principal, situada em São Paulo, havia recebido forte investimento, e por isso pôde contar com atletas de peso, como foram os casos de Sissi, Roseli e Márcia Honório. Classificadas após a conquista do torneio estadual, a equipe paulista rumou para a final do Campeonato Brasileiro sob forte expectativa de vitória.

Na Bahia, a equipe B do Euroexport, que estava sob os cuidados da técnica Dilma Mendes, também classificou-se para a final do campeonato, e, para a surpresa de todos, acabou sagrando-se campeã em cima de sua co-irmã paulista, favorita ao título. Entre as atletas do time baiano encontrava-se uma jovem adolescente que chamou a atenção da rede de observadores do Saad E.C..

Isso, em São Paulo, foi uma revolução: “como que o Euro conseguiu perder para ele mesmo?”. Aquele time com Roseli, Sissi... aquele time era considerado imbatível. Não poderia ter acontecido aquele resultado, mas aconteceu. **E aí falaram: “olha, tem uma menina de dezesseis anos que destruiu o jogo”. E nós ficamos sabendo disso.** (CASTRO, 2022, p. 10). [grifos nossos]

Devido a sua notável habilidade técnica, Miraildes acabou sendo convocada para a disputa da Copa do Mundo de 1995, disputada na Suécia. Após permanecer no banco durante a estreia brasileira, Formiga debutou com a camisa amarelinha ao entrar em campo aos vinte e sete minutos da segunda etapa do confronto contra o Japão, partida em que o Brasil acabou derrotado pelo placar de 2 a 1. Na partida seguinte, Formiga voltaria a entrar em campo aos trinta e cinco minutos do segundo tempo, quando a seleção alemã já ganhava por uma diferença de três gols. Ao final daquela partida, o resultado de 6 a 1 para as alemãs decretaria a desclassificação da equipe brasileira. De volta ao Brasil, Formiga passou a integrar a equipe do Saad E.C., onde foi campeã brasileira em 1996.

Tendo esclarecido as condições em que encontrava-se o cenário do futebol feminino durante os primeiros anos da década de 1990, assim como tendo resgatado o processo que levou à descoberta de Formiga por dirigentes paulistas, que culminou em sua convocação para o selecionado nacional, passaremos agora a entender um pouco mais sobre a trajetória da atleta através da cobertura da *Folha de S. Paulo* sobre o futebol feminino.

5 A FOLHA, O FUTEBOL FEMININO E FORMIGA (1995-2000)

A partir da análise da cobertura da seleção feminina pela *Folha* entre 1995 e 2000 foi possível identificar três pontos a serem destacados por este trabalho. Em primeiro lugar, as críticas às condições estruturais da modalidade ganharam lugar de destaque durante a campanha brasileira, ao passo que a *Folha* trouxe à tona, em mais de uma ocasião, a opinião das próprias atletas sobre as dificuldades que enfrentavam. Em segundo lugar, as fontes analisadas indicam que foi durante a cobertura dos Jogos de Atlanta em que floresceu um discurso — advindo dos administradores da seleção brasileira, mas adotado e reverberado pela imprensa — que colocou a “busca por medalha” como condição essencial para a melhoria da modalidade, temática perene nos anos que se seguiriam. Por fim, surge nas páginas da *Folha* a primeira representação construída sobre Miraildes, a da *Jovem Formiga*, símbolo da renovação pela qual passava a seleção brasileira.

5.1 A chegada da *Jovem Formiga* e a gênese da cobrança por medalhas (1995-1996)

A cobertura da *Folha de S. Paulo* sobre a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 1995 — primeira competição em que Formiga esteve a serviço da seleção — foi bastante discreta. A maior parte das menções encontradas sobre a competição restringiram-se a pequenas notas que informavam os horários dos jogos da equipe brasileira e o canal em que estes seriam transmitidos, a Rede Bandeirantes. Neste sentido, poucas foram as matérias encontradas durante esta pesquisa que continham uma quantidade textual significativa. Inclusive, a análise do corpo documental possibilitou notar que mesmo estas matérias mais volumosas continham informações bastante superficiais, propondo-se apenas a informar os resultados das partidas e o posicionamento de cada seleção em seus respectivos grupos.

A respeito da localização das notícias nas edições da *Folha*, estas ficaram relegadas às páginas secundárias do caderno de esportes, longe dos destaques do dia. De uma maneira geral, as matérias foram inseridas sobretudo na porção inferior das páginas, sem muito destaque — fato que evidencia a posição de pouco prestígio ocupada pelo futebol feminino na hierarquia dos esportes a serem cobertos pelo jornal. Um exemplo evidente do desprestígio da modalidade pode ser observado quando nem ao menos a matéria “Noruega bate a Alemanha e vence Mundial”¹⁹, que noticiava o resultado da grande final, ocupou lugar de destaque. A

¹⁹ NORUEGA bate a Alemanha e vence Mundial. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 jun. 1995. Esporte, p. 6.

repercussão da vitória das norueguesas pelo placar de 2 a 0 coube em um pequeno texto de pé de página ao final do caderno de esportes, disputando a atenção do leitor com os resultados das lutas de boxe e das provas de automobilismo.

As esparsas informações sobre o selecionado nacional trazidas pela *Folha* se restringem, por exemplo, ao que pode ser lido na matéria “Seleção feminina estreia no Mundial”²⁰, de autoria do jornalista João Carlos Assumpção. Ao trazer a escalação da equipe brasileira, Assumpção indica que o time bicampeão sul-americano esteve treinando para aquela competição desde o início do ano. Já em “Brasileiras têm vaga de futebol em Olimpíada”²¹, a *Folha* informa que o selecionado nacional, mesmo tendo sido eliminado da Copa do Mundo da Suécia, conquistou a oitava vaga para as Olimpíadas de Atlanta devido a uma decisão do Comitê Olímpico Internacional (COI), que, ao considerar a primeira fase da Copa como um torneio pré-olímpico da modalidade, não permitiu que a Inglaterra representasse a Grã-Bretanha nos Jogos. Como as inglesas acabaram entre as oito melhores seleções daquele mundial, o Brasil, que havia ficado na nona posição, acabou herdando a vaga olímpica.

A primeira matéria encontrada em que foi possível identificar alguma menção à jogadora Formiga data de 18 de junho de 1995, e foi veiculada não pelo jornal, mas pela *Revista da Folha*. Acompanhando o texto “Futebol é coisa de mulher”²², a revista publicou uma fotografia das jogadoras da seleção brasileira sentadas no centro do gramado, onde é possível identificar a jovem atleta baiana em meio às suas colegas de profissão. No canto inferior direito da página, o nome de Formiga também foi relacionado junto ao de outras atletas convocadas.

O conteúdo da matéria — um panorama sobre a modalidade do futebol feminino no Brasil — anunciava aquela que seria uma postura crítica da *Folha* frente às más condições estruturais enfrentadas pelas futebolistas brasileiras — temática que volta e meia ressurgirá, em maior ou menor intensidade, nas páginas do periódico paulista ao longo dos próximos anos.

Após apontar que “há muito que o futebol deixou de ser exclusividade masculina” na medida em que “mulheres de vários países [...] invadiram os gramados, mostrando que são boas de bola” (ZAHAR, 1996, p. 13), a autora afirmou que, no Brasil, o reconhecimento era

²⁰ ASSUMPÇÃO, João Carlos. Seleção feminina estreia no Mundial. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 5 jun. 1995. Esporte, p. 8.

²¹ BRASILEIRAS têm vaga de futebol em Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 jun. 1995. Esporte, p. 6.

²² ZAHAR, Cristina. Futebol é coisa de mulher. **Revista da Folha**, São Paulo, 18 jun. 1995. p. 13.

geral. A constatação era sustentada pela existência de um grande patrocínio bancado pela Maizena — cerca de U\$2 milhões — e pela alta presença de público que acompanhou a seleção nas eliminatórias da Copa do Mundo. Na final do Campeonato Sul-Americano²³, relata a matéria, o Brasil pôde contar com cerca de 72 mil espectadores presentes para vê-lo sagrar-se campeão sobre a Argentina.

Apesar do aparente tom otimista com que a matéria é introduzida, o texto trata de destacar o quão parecidas eram as trajetórias das vinte atletas que compunham aquela seleção, assim como denuncia a precariedade em que viviam as jogadoras e os desafios enfrentados por elas para que continuassem jogando futebol.

[...] A maioria vem de famílias humildes e numerosas. Começaram a bater bola na rua, **largaram a escola e jogam por amor à arte, já que o status de atleta amador não lhes garante um salário digno.** A centroavante Marileia dos Santos, 31, a Michael Jackson, tem dez irmãos. “Meu pai gosta tanto de futebol que fez logo um time inteiro.” Hoje no Saad, de Campinas (SP), **ela só sobrevive porque faz salgadinhos para festas. O sonho dourado é jogar no exterior.** Delma Gonçalves, 19, a Pretinha, diz que aceitaria sem exitar. “**Aqui falta profissionalismo. Vale a vontade.**” (C.Z., 1995, p. 13) [grifos nossos]

Diferentemente do que ocorreu na cobertura da Copa de 1995, que não contou com muita atenção por parte da *Folha*, a repercussão da trajetória da seleção brasileira de futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Atlanta seria radicalmente diferente. Sobretudo, o debate sobre as más condições estruturais da modalidade seria aprofundado, assim como novas temáticas e representações seriam mobilizadas pelo periódico.

Aos cuidados da Sport Promotion, a seleção brasileira de futebol feminino partiu para a disputa dos Jogos Olímpicos de 1996 sob forte atenção da imprensa. Durante a primeira fase, as oito seleções participantes foram divididas em dois grupos, cujos participantes jogaram entre si em duelo único. O Brasil classificou-se em segundo lugar de sua chave, somando uma vitória sobre o Japão e dois empates contra Alemanha e Noruega. Na partida semifinal diante da China, a equipe brasileira sofreria a virada após contar com uma jogadora a mais durante quase todo o segundo tempo, saindo de campo derrotada pelo placar de 3 a 2. Na derradeira partida, que valia a medalha de bronze, a equipe brasileira sofreu novo revés, desta vez diante das norueguesas, com quem haviam empatado na fase de grupos. O placar de

²³ Hoje, Copa América.

2 a 0 carimbou o passaporte das brasileiras, que voltaram para casa após terem realizado uma campanha que, a despeito da ausência no pódio, havia superado as expectativas.

De maneira diversa do ocorrido no ano anterior, a cobertura da *Folha de S. Paulo* ganhou muito mais corpo em Atlanta: as matérias encontradas apresentaram maiores detalhes sobre o cotidiano do selecionado nacional; evidenciaram os preparativos para a competição; e ressaltaram tanto a expectativa das atletas sobre seu próprio desempenho quanto as reflexões que teciam sobre o presente e o futuro da modalidade.

Não foi possível constatar de forma objetiva quais teriam sido os motivos que levaram a *Folha* a ampliar, quantitativa e qualitativamente, a cobertura da seleção feminina em tão curto espaço de tempo²⁴. A hipótese sustentada por este trabalho é de que a selecionado brasileiro usufruiu do status de “novidade” gerado pela estreia da modalidade nos Jogos; assim como se beneficiou tanto da importância da competição — tradicionalmente prestigiada pelos veículos de imprensa do Brasil e do mundo — quanto da presença de equipes de reportagem que já encontravam-se em Atlanta para cobrirem as mais diferentes modalidades esportivas. Hipóteses à parte, fato é que a *Folha* passou a realizar uma cobertura muito mais pormenorizada da modalidade do futebol feminino a partir dos Jogos de 1996.

É possível notar tal mudança de postura na reportagem “Seleção feminina peregrina pelo Brasil”²⁵, escrita por Rodrigo Bertolotto. Ao longo do texto, o leitor é informado sobre os detalhes que cercaram a preparação das futebolistas para a disputa dos Jogos Olímpicos de Atlanta. Segundo Bertolotto, a equipe feminina peregrinou pelo interior do Estado de São Paulo no intuito de utilizar a estrutura fornecida por prefeituras durante os treinamentos, sendo esta a parte final de uma rotina de preparação que já durava seis meses e que custou aos cofres da Sport Promotion a quantia de US\$1 milhão.

Ao passo que Bertolotto afirma que “as jogadoras acabaram por se adaptar com as andanças” (BERTOLOTTI, 1996) — indício de que aquela rotina era de fato cansativa — o depoimento de Romeu de Castro, que participava da organização do selecionado à época, nos revela que a estratégia montada privilegiou o uso das estruturas municipais no intuito de cortar parte dos custos da operação²⁶.

²⁴ Uma prova do incremento qualitativo da cobertura jornalística da *Folha* pode ser identificada pelo aumento de fotografias que retratam as jogadoras; o maior detalhamento e a diversidade das matérias; e as informações de bastidores trazidas à tona pela reportagem local.

²⁵ BERTOLOTTI, Rodrigo. Seleção feminina peregrina pelo Brasil. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 mai 1996. Esporte, p. 6.

²⁶ Sobre este assunto, Romeu de Castro, que participou da preparação para os Jogos Olímpicos de Atlanta, relata que: “O que aconteceu foi o seguinte: como a gente conseguiu aumentar a verba para as meninas, eu achei que era justo ajudar a Sport Promotion a economizar um pouco durante a preparação. Como nós tínhamos muitos contatos com as prefeituras do interior, o que a gente fazia era ir até essas cidades, por exemplo, Monte Verde, interior de São Paulo, e elas nos forneciam

Por fim, o jornalista destaca que, ao contrário do praticado na competição olímpica masculina, o campeonato feminino não contaria com o limite de idade de 23 anos. Deste modo, o regulamento favoreceria o Brasil, que contava apenas com duas atletas abaixo deste limite etário: a atacante Pretinha, de 20 anos, e a *jovem Formiga*, que, com os seus recém completados 18 anos, já despontava como parte da renovação da seleção brasileira.

Em “Vai para o Olimpo ou não vai?”²⁷, a *Folha* destacou a dura rotina dos atletas “teens” da delegação brasileira, que, assim como Formiga, eram marinheiros de primeira viagem, muitos deles recém saídos da adolescência. Ao traçar um breve perfil sobre alguns desses atletas, podemos ler as seguintes informações sobre a jogadora baiana:

Miraildes Motta, a Formiga, 18, baiana: titular da seleção brasileira, é do time paulista Saad, atual campeão nacional. De tanto ver os irmãos jogando bola, aos cinco anos resolveu aprender futebol. Forte na marcação, passa cinco horas por dia treinando. Parou de estudar aos 12 para se dedicar ao esporte. A primeira fase será nos dias 21, 23 e 25 de julho. (SALLUM, 1996)

A descrição de Formiga veiculada pela *Folha* perpassa tanto por aspectos técnicos e físicos, como a boa marcação e a dedicação aos treinos, quanto por informações sobre a sua vida pessoal, como a necessidade de deixar os estudos para se dedicar exclusivamente ao futebol, história que se assemelha a de muitos outros garotos e garotas de nosso país. De toda forma, a veiculação de uma matéria que mencionava Formiga em razão de sua jovialidade, contribuiu para a construção do que aqui estamos chamando de representação da *Jovem Formiga*²⁸.

Em “Terceirização do feminino quer retorno com medalha”²⁹, matéria publicada ainda durante a fase de grupos da competição, e assinada pelos jornalistas João Carlos Assumpção e Rodrigo Bertollo, o leitor é apresentado ao discurso da “busca por medalhas”, tema que volta

hospedagem, alimentação e campo de treinamento por uma semana. No final de semana, nós fazíamos um jogo treino, geralmente contra o sub-17 do Saad que, junto com jogadoras de outros clubes, vestia a camisa da seleção paulista.” (CASTRO, 2022, p. 21).

²⁷ SALLUM, Erika. Vai para o Olimpo ou não vai? **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 jun. 1996. Folhateen, p. 4.

²⁸ Em outras oportunidades, a *Folha* voltaria a reafirmar a representação de Formiga enquanto jovem atleta. Em “Brasileiras são as mais velhas”, reportagem publicada em 27 de julho de 1996, o jornal destaca que a seleção brasileira possui uma média de idade elevada em comparação com suas rivais diretas. Além disso, o periódico destaca a existência de dois grupos: o primeiro, mais velho, seria composto por atletas remanescentes da “geração Radar”, em alusão à equipe do Rio de Janeiro; o segundo grupo, ao qual pertence Formiga, seria composto por jogadoras “da nova geração”, atletas novatas da faixa de 18 a 21 anos.

²⁹ ASSUMPÇÃO, João Carlos; BERTOLLOTTO, Rodrigo. Terceirização do feminino quer retorno com medalha. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 jul. 1996. Atlanta-96, p. 4.

e meia reapareceria nas páginas da *Folha*. Como veremos ao longo deste trabalho, tal discurso nasceu das pretensões dos administradores da Sport Promotion em reaver rapidamente os investimentos realizados no futebol feminino, transformando-se, em um segundo momento, na convicção — partilhada por atletas e comissões técnicas — de que somente a conquista de títulos expressivos possibilitariam com que modalidade recebesse a atenção e os investimentos de que precisava³⁰.

Neste sentido, Assumpção e Bertolotto ressaltam que o empate contra a Alemanha não apenas valia a passagem para a semifinal, como também agilizaria

[...] **o retorno do investimento feito pela Sport Promotion, empresa que custeou as despesas com a preparação da equipe.** Em dezembro de 94, Ricardo Teixeira, presidente da Confederação Brasileira de Futebol, terceirizou a administração do futebol feminino no país, delegando o comando à Sport Promotion. “Fizemos um acordo até 99”, explicou Paulo Roberto Bastos, sócio de José Francisco Coelho Leal na Sport Promotion. “Foi um contrato de risco. Até agora gastamos US\$1 milhão”, disse Bastos. “Somos responsáveis por tudo, desde a folha salarial até gastos com médicos, viagens, escolha da comissão técnica...”. A empresa de Bastos e Leal organizou o Sul-Americano de 95, em Uberlândia, e montou a preparação da equipe para o Mundial de 95, na Suécia, e para a Olimpíada de 96, nos Estados Unidos. “Foram sete meses de trabalho para os Jogos Olímpicos, parte feita no Brasil, parte nos Estados Unidos”, afirmou Bastos. **Se conquistar uma medalha olímpica, a Sport Promotion espera recuperar o investimento feito até dezembro do ano que vem.** A empresa está em contato com a Federação Paulista de Futebol para organizar um campeonato feminino e espera obter receita com venda de direitos de TV e publicidade. (ASSUMPÇÃO; BERTOLOTTTO, 1996) [grifos nossos]

Como ressaltado anteriormente, o discurso da busca por medalhas seria adotado pelas jogadoras da seleção, a exemplo do que pode ser lido na matéria “Sob emoção, feminino vai para a Vila”³¹, que repercutiu a classificação brasileira para a fase semifinal. Ao ressaltar a emoção das atletas com a classificação, assim como a alegria sentida por elas em poder estar, finalmente, na Vila Olímpica, convivendo com os demais desportistas, o texto traz uma fala da atleta Sissi que nos possibilita entender um pouco mais sobre as pretensões e expectativas das jogadoras.

³⁰ Ao ser questionado sobre se a vinculação entre a conquista de uma medalha olímpica e a melhoria da estrutura da modalidade havia sido tema de conversas entre dirigentes, comissão técnica e atletas, Romeu de Castro salienta que “isso era conversado constantemente, debatido constantemente” (CASTRO, 2022, p. 18).

³¹ ASSUMPÇÃO, João Carlos. Sob emoção, feminino vai para a Vila. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 jul. 1996. Atlanta-96, p. 4.

Apesar de ter conseguido o segundo lugar do Grupo F (a Noruega foi a primeira), as jogadoras acham que podem ir mais longe. "Agora que ficamos entre as quatro, **temos que conseguir uma medalha**", disse a meia-atacante Sissi. "**Só assim vão valorizar nosso trabalho.**" Mesmo considerando as chinesas favoritas, Sissi mostra-se confiante. "Estamos dando tudo da gente pela camisa amarelinha", afirmou. (ASSUMPÇÃO, 1996) [grifos nossos]

No dia seguinte, Sissi voltaria às páginas da *Folha* ao dar o seu depoimento para a coluna Pódio. Dentre os assuntos abordados, a atleta destacou a dureza da vida das jogadoras de futebol feminino no Brasil, ao passo que também evidenciou quão fundamental foi o apoio da Sport Promotion para que o selecionado dispusesse da estrutura necessária durante a preparação para os Jogos³². Neste sentido, Sissi afirma que sua vontade era a de conquistar uma medalha para retribuir o apoio que as atletas haviam recebido.

[...] A vida de uma jogadora de futebol no Brasil é sacrificante, mas vale a pena lutar por um sonho. Jogadora de futebol no Brasil não ganha o suficiente para se manter. Tem que arrumar outra coisa para fazer, algum bico. E aí fica difícil. É duro se dedicar seriamente a um esporte tendo que trabalhar oito horas por dia fazendo outra coisa. **A seleção brasileira foi uma salvação. Nós, jogadoras, fomos contratadas pela Sport Promotion, que nos ajudou na preparação para a Olimpíada. Assim, pudemos nos dedicar para os Jogos Olímpicos sem ficar perdendo tempo com outros empregos. A minha vontade é retribuir o apoio e ganhar uma medalha.** Antes do nosso último jogo, eu tinha dito que não adiantava ter ido bem contra a Noruega e o Japão e perder da Alemanha. Agora é a mesma coisa. **Ainda não ganhamos nada. Vamos ganhar se o time vencer a China. Aí sim vale medalha.** E contamos com a torcida de todos vocês. Porque, dentro de campo, procuramos retribuir com a maior garra, suando a camisa do Brasil. (DO AMOR, 1996)³³ [grifos nossos]

De fato, a cobertura realizada pela *Folha* durante as Olimpíadas de Atlanta permitiu com que as jogadoras pudessem manifestar suas preocupações com relação à sequência de

³² Na mesma página, a matéria "Média salarial da seleção é de R\$1.000 por mês" destaca que caso as atletas conquistassem a medalha de ouro, receberiam como prêmio R\$4.000 cada, quatro vezes a média salarial do time. Segundo Paulo Roberto Bastos, sócio da Sport Promotion ouvido pela reportagem, o valor mensal era pago para que as jogadoras se dedicassem em tempo integral à equipe. O difícil cenário da modalidade no Brasil foi lembrado ao longo do texto, sendo a imigração uma alternativa tomada por algumas atletas da seleção.

³³ DO AMOR, Sisleide Lima do Amor. Falsa surpresa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 28 jul. 1996. Atlanta-96, p. 8.

suas carreiras em um país em que o futebol feminino não contava com o menor prestígio. Em “Feminino já teme desemprego”³⁴, a reportagem local afirma que o contrato das atletas com a Sport Promotion se encerraria logo após os Jogos, e que a empresa, que visava promover uma renovação na equipe³⁵, apenas renovaria com algumas das jogadoras. A apreensão pôde ser constatada na fala da goleira Meg, que afirmou ter “medo de que depois da Olimpíada todo mundo volte a esquecer do futebol feminino” (FEMININO, 1996).

A goleira voltaria a ganhar voz na reportagem “Brasileiras jogam por ‘divulgação’”³⁶, publicada nas vésperas da disputa pela medalha de bronze contra a Noruega. Segundo Meg, aquela seria “a chance de tentar mudar alguma coisa [...] Com uma medalha, a imprensa e os torcedores passarão a valorizar as mulheres no futebol” (ASSUMPÇÃO, 1996). A busca por medalha também foi lembrada por outras jogadoras como uma forma de melhorar a visibilidade da modalidade:

As atacantes Roseli e Pretinha, as duas melhores do time, também acham que a medalha de bronze daria maior visibilidade ao esporte no Brasil. "Ninguém gosta de torcer para um time que só perde", disse Roseli. **"Se ficarmos em terceiro, os brasileiros vão nos valorizar." Para Pretinha, "o bronze vale ouro".** "Vamos jogar um trabalho de 7 meses em 90 minutos." (ASSUMPÇÃO, 1996) [grifos nossos]

Com a derrota contra as norueguesas, o bronze acabou escapando entre os dedos das jogadoras brasileiras, que voltaram ao Brasil em voo fretado especialmente para trazer as delegações de futebol masculino e feminino, fato destacado pela matéria “Feminino fotografa ‘ídolos’ do masculino”³⁷. Para além da informação de que as jogadoras haviam tido os jogadores da equipe masculina, tidos pela reportagem como os grandes ídolos das atletas da equipe feminina, um fato curioso — e que evidencia que a atenção da mídia com as mulheres ainda tinha muito o que melhorar — é que, apesar da imagem que acompanha a matéria mostrar Zé Duarte, Amaral e Formiga juntos, trajados em roupas sociais, a legenda que acompanha a fotografia credita a jogadora como sendo a atacante Roseli.

³⁴ FEMININO já teme desemprego. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 31 jul. 1996. Atlanta-96, p. 4.

³⁵ A temática da renovação voltaria às páginas da *Folha* com a matéria “Renovação é a palavra de ordem no time feminino”, publicada em 3 de agosto de 1996, que destaca as intenções da Sport Promotion em renovar o contrato de parte das atletas da seleção; organizar um campeonato feminino junto à Federação Paulista de Futebol; renovar o contrato do técnico Zé Duarte; e criar uma equipe juvenil permanente, visando a garantir experiência internacional às jovens atletas.

³⁶ ASSUMPÇÃO, José Carlos. Brasileiras jogam por “divulgação”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 01 ago. 1996. Atlanta-96, p. 4.

³⁷ DO RIO, Sucursal. Feminino fotografa “ídolos” do masculino. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 5 ago. 1996. Atlanta-96, p. 6.

5.2 Entre a Paulistana e a Copa do Mundo de 1999: a consolidação de Formiga

Dentre as fontes do final da década de 1990 encontradas no acervo online da *Folha de S. Paulo*, poucas são as matérias que mencionam Formiga no âmbito de sua atuação por clubes. Entre o final dos Jogos de Atlanta e a Copa do Mundo de 1999, a imagem de Formiga veiculada pela *Folha* esteve estritamente ligada a sua participação na equipe do São Paulo F.C. durante o Paulistana de 1997, não tendo sido encontradas fontes que mencionassem sua passagem pela equipe da Lusa Sant’anna, onde foi campeã paulista em 1998, ou o seu retorno à equipe tricolor em 1999. A maior parte das fontes encontradas sobre a atleta dizem respeito exclusivamente sobre sua atuação na seleção brasileira.

Neste sentido, a partir da análise da cobertura realizada pela *Folha de S. Paulo* nos anos que se seguiram até a Copa do Mundo de 1999, foi possível identificar dois aspectos principais veiculados pelo periódico. Em primeiro lugar, consolidava-se a imagem da *jovem Formiga* enquanto atleta de ponta, titular e dona do meio-campo das equipes do São Paulo F.C. e da seleção brasileira. Em segundo lugar, a cobertura da *Folha* permitiu identificar que certos discursos preconceituosos a respeito das mulheres jogadoras de futebol — como a necessidade de reforçar a feminilização das atletas — ainda encontravam na mídia esportiva uma plataforma para repercutirem socialmente.

Como comentado anteriormente, o ano de 1997 foi marcado pela iniciativa da Sport Promotion em elaborar um campeonato paulista de futebol feminino que contasse com certo nível de profissionalização das atletas e das equipes participantes, no intuito de fomentar a modalidade regionalmente. O Paulistana, como seria chamado, contou com a participação de clubes tradicionais — como o Santos F.C., S.C. Corinthians Paulista, S. E. Palmeiras e São Paulo F.C. — e universidades.

Em “Mulheres sobram até nos vestiários”³⁸, matéria assinada por João Carlos Assumpção, o jornal destaca as dificuldades encontradas pelas jogadoras durante a preparação para o campeonato paulista que se aproximava. O principal obstáculo era a disputa travada entre as mulheres e as equipes masculinas — fossem elas profissionais ou advindas das categorias de base — por espaços para realizarem os seus treinamentos, dificuldade vivenciada de maneiras diferentes em cada um dos clubes participantes da competição. De acordo com Rogério Hamam, diretor do São Paulo escutado pela reportagem, as dificuldades

³⁸ ASSUMPÇÃO, José Carlos. Mulheres sobram até nos vestiários. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 jan. 1997. Esporte, p. 13.

eram “questão de tempo, até os clubes se adaptarem à nova realidade. As mulheres começam na periferia e, depois, vão ganhando espaço” (ASSUMPÇÃO, 1997).

Na mesma página, a matéria “Empresa vira ‘vendedora’”³⁹ destaca tanto os detalhes do contrato entre Sport Promotion e a TV Bandeirantes, que seria a responsável por transmitir o campeonato, quanto as estratégias levadas a cabo para garantir uma nova visibilidade para as atletas. De acordo com o texto:

Uma das armas dos participantes do torneio feminino é inovar nos uniformes. **As equipes esperam conseguir uma nova visibilidade, acrescentando "toques femininos"**. O São Paulo, por exemplo, pediu à Adidas um uniforme diferente do masculino para as mulheres. "É um novo segmento de mercado que se abre e pode ser bem explorado", disse Rogério Hamam, do São Paulo. (ASSUMPÇÃO, 1997) [grifos nossos]

A preocupação com a aparência e a feminilidade das jogadoras voltaria a ser destacada durante a reportagem “Apresentadora da Band é a nova atacante do São Paulo”⁴⁰. Ao longo do texto, o leitor é informado de que a apresentadora Cléo Brandão passaria a integrar a equipe do São Paulo F.C. visando a disputa do Paulistana, que começaria no mês seguinte. Tal iniciativa pode ter sido tomada visando aumentar a visibilidade da competição, já que Cléo continuaria comandando, de segunda a sexta-feira, o programa Esporte Total. De todo modo, fato é que o depoimento da apresentadora é muito esclarecedor no que diz respeito a preocupação em se conservar uma imagem atlética dotada de características femininas.

A apresentadora espera que a nova safra de jogadoras ajude a mudar a imagem das mulheres que se interessam por futebol. “Hoje já existe mulher que conserva sua feminilidade jogando bola”, diz Cléo, referindo-se a Suzana Werner, atleta do Fluminense e atriz de “Malhação”, da Globo. A jogadora conta que o único inconveniente do futebol é que o esporte deixa a perna mais grossa. “Em compensação, os músculos ficam sempre rígidos. **De qualquer forma, a feminilidade não se mede só pelas formas, mas sim pela atitude de cada uma.**” (GUERINI, 1997). [grifos nossos]

A defesa de uma imagem de feminilidade das jogadoras de futebol observada na fala de Cléo Brandão está ancorada em um antigo discurso baseado na ideia de que o futebol —

³⁹ ASSUMPÇÃO, José Carlos. Empresa vira ‘vendedora’. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 jan. 1997. Esporte, p. 13.

⁴⁰ GUERINI, Elaine. Apresentadora da Band é a nova atacante do São Paulo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 09 fev. 1997. TV Folha, p. 8.

assim como outros esportes lidos socialmente como pertencentes ao universo do homem — teria o poder de masculinizar as mulheres, desviando-as de suas características físicas e psicológicas naturais — tais como a beleza e a graciosidade. De acordo com os estudos de Silvana Goellner (2005), ao praticarem o futebol, as mulheres estariam sob constante suspeição, cercadas de questionamentos sobre sua aparência e identidade sexual.

A respeito do discurso de masculinização das mulheres através da prática de esportiva, Goellner é assertiva ao dizer que:

Os argumentos que sustentam esses discursos estão ancorados em uma representação essencialista dos gêneros, segundo a qual, a cada sexo correspondem algumas características que lhe são inerentes e, estas os define. Pressupõe, portanto, a existência de uma certa essência masculina e/ou feminina considerada natural e imutável. A esta concepção opõe-se uma outra, que afirma ser o gênero uma construção social e, por assim ser, admite, para cada pólo da unidade binária (masculino/feminino), diferenças significativas. Partindo das teorizações pós-estruturalistas, esse olhar sobre os gêneros, inaugurado pela historiadora norte-americana Joan Scott, rompe significativamente com a noção de que exista um único jeito masculino ou feminino de ser. **A masculinização das mulheres pelo futebol, portanto, só pode ser compreendida a partir de uma representação essencialista dos gêneros que não permite visualizar as multiplicidades que cada um dos dois pólos contém. Representa, ainda, admitir ser o futebol um esporte masculino e que, quando jogado pelas mulheres, deve se realizar de forma a evitar que sejam transpostos alguns limites culturalmente construídos e identificados como inerentes a cada gênero. Assim, se o futebol não pode masculinizar deve, no sentido inverso, reforçar sua feminilização.** Nesse contexto, feminizar as mulheres é, sobretudo, feminizar a aparência e o uso dos seus corpos. É também construir uma narrativa que ressalta a beleza, a graciosidade e a sensualidade como seus maiores atributos, reforçando, portanto, uma representação hegemônica de feminilidade. (GOELLNER, 2005, p. 148) [grifos nossos]

Quanto ao Paulistana, poucas foram as fontes encontradas que associaram o nome de Formiga a competição, entre elas a matéria “Favoritas ao título estreiam em Taubaté”⁴¹, que anuncia as estreias de São Paulo e Corinthians na competição realizada na cidade de Taubaté. Ao longo do texto, Formiga é mencionada como uma das estrelas do time tricolor, composto por sete jogadoras da seleção brasileira e comandado por Zé Duarte, técnico da equipe

⁴¹ OGO, Karina. Favoritas ao título estreiam em Taubaté. **Folha de S. Paulo**, 08 nov. 1997. Vale, p. 5.

nacional. Já em “São Paulo goleia e conquista Brasileiro”⁴², a *Folha* menciona Miraildes ao repercutir o título de sua equipe, que venceu a Lusa Sant’anna pelo placar de 4 a 0. Formiga, que àquela altura já se impusera, apesar da pouca idade, como uma atleta indispensável, marcou o terceiro gol de seu time.

Dois anos mais tarde, a *Folha de S. Paulo* voltou a cobrir uma Copa do Mundo de Futebol Feminino, desta vez disputada nos Estados Unidos da América — cujo selecionado sagraria-se campeão ao final da competição. O Brasil acabaria ficando em terceiro lugar: após uma boa campanha na fase de grupos, que rendeu a equipe o primeiro lugar de sua chave, as brasileiras conquistaram uma vitória apertada sobre a Nigéria nas quartas de final, confronto que foi decidido em uma cobrança de falta de Sissi, que garantiu o gol de ouro na prorrogação. Após terem sido derrotadas pelo time anfitrião pelo placar de 2 a 0, resultado que encerrou o sonho de título, as brasileiras enfrentaram a Noruega pelo terceiro lugar. A partida acabaria em vitória do Brasil na disputa de pênaltis, tendo a última penalidade sido cobrada por Formiga.

Figura 2 - Formiga e Maravilha comemoram o terceiro lugar na Copa de 1999



Fonte: Museu do Futebol

⁴² SÃO PAULO goleia e conquista Brasileiro. *Folha de S. Paulo*, 01 dez. 1997. Vale, p. 4.

Apesar da presente investigação não ter encontrado fontes que mencionassem diretamente o nome de Formiga⁴³, a cobertura realizada pela *Folha* durante a Copa de 1999 deve aqui ser destacada — mesmo que rapidamente — por ter sido profundamente marcada pela comparação entre o estado da arte da modalidade do futebol feminino no Brasil e nos Estados Unidos da América.

Em “EUA preferem Mundial feminino a Copa”⁴⁴, a *Folha* repercutiu o alto interesse dos espectadores norte-americanos na competição feminina em comparação com o interesse demonstrado durante a Copa do Mundo de Futebol Masculino realizada no país cinco anos antes. Em contraste, o jornal informa que “no Brasil, diferentemente do que aconteceu nos outros Mundiais, o torneio não está sendo exibido” (BUENO, 1999). Tal informação seria reafirmada na coluna “Futebol é pra homem (e pra mulher também)”⁴⁵, assinada pelo articulista José Geraldo Couto. Para o autor:

[...] o sucesso do torneio — que, infelizmente, não teve a cobertura que merecia da televisão brasileira — mostra que as mulheres entraram em campo para ficar. O mais interessante é constatar — como mostra a reportagem de Rodrigo Bueno publicada ontem na *Folha* — que nos Estados Unidos o futebol feminino é mais popular que o masculino. Mais um mistério do único grande país do mundo que prefere a cesta ao gol. O fato é que, nos EUA, o "soccer" ainda é um esporte de elite, quase restrito aos brancos (se excetuarmos os migrantes latinos), ao contrário do que ocorre no resto do mundo. Mas, por alguma razão, sua popularidade é crescente entre as meninas. O leitor mais atento já terá notado que, nos filmes norte-americanos, é muito comum as garotas adolescentes praticarem futebol (na escola ou no clube), enquanto seus irmãos preferem o basquete, o beisebol ou o videogame. Como resultado disso, a seleção norte-americana feminina de futebol é uma das mais fortes do mundo, enquanto a masculina ainda não saiu da mediocridade. **No Brasil, o grande público ainda acompanha pouco o futebol feminino — isso quando não torce o nariz, alegando que se trata de um espetáculo tecnicamente pobre, comparado ao futebol profissional masculino. E esquecem que os homens começaram a praticar cem anos antes.** Mas, aos poucos, nossas jogadoras conquistam a simpatia dos torcedores, e nomes como Sissi e Pretinha despontam como novas estrelas. **A questão — que não pretendo resolver aqui — é saber se, em termos bio-anatômicos (se é que existe isso), o homem tem mais condições do que a**

⁴³ A consolidação de Formiga na equipe se deu ao longo da competição. Passando do status de reserva frequentemente utilizada para jogadora titular, Formiga disputou todos os jogos da equipe brasileira no torneio.

⁴⁴ BUENO, Rodrigo. EUA preferem Mundial feminino a Copa. **Folha de S. Paulo**, 04 jul. 1999. Esporte, p. 8.

⁴⁵ COUTO, José Geraldo. Futebol é pra homem (e pra mulher também). **Folha de S. Paulo**, 05 jul. 1999. Esporte, p. 2.

mulher de praticar o futebol. Há, é claro, o problema dos seios, que seriam um ponto frágil do sexo idem, dificultando as matadas de peito e levando as jogadoras a, instintivamente, evitar a disputa de bola frontal. Mas, em contrapartida, os homens têm um ponto fraco um pouco mais embaixo. [...] O fato é que cada vez mais, nas escolas, clubes, praias e campinhos, vemos meninas jogando futebol. [...] (COUTO, 1999) [grifos nossos]

É interessante notar que, para além da afirmação equivocada de que os homens começaram a praticar o futebol cem anos antes que as mulheres, Couto traz à tona uma velha e ultrapassada discussão — que remonta à década de 1940, quando a modalidade foi proibida no Brasil — sobre se o futebol seria um esporte adequado à natureza feminina — ou, neste caso, se o homem teria, “em termos bio-anatômicos (se é que existe isso) [...] mais condições do que a mulher de praticar o futebol” (COUTO, 1999).

De todo modo, a cobertura da *Folha* acerca da Copa do Mundo de 1999 pode ser considerada pouco ambiciosa se comparada à visibilidade que as mulheres tiveram durante os Jogos de Atlanta, ou do destaque midiático conferido às atletas no ano seguinte, durante a disputa dos Jogos Olímpicos de Sidney.

5.3 Entre a busca por medalha e o fantasma da WUSA: os Jogos Olímpicos de Sidney

Sob os cuidados do técnico Zé Duarte, que retornara ao comando da seleção após o fim da Copa de 1999, a equipe brasileira chegou aos Jogos de Sydney como uma das equipes de maior potencial de medalha — expectativa criada a partir da conquista de resultados cada vez mais expressivos nas últimas competições internacionais. Após uma campanha de duas vitórias e uma derrota diante, respectivamente, das seleções da Suécia, Austrália e Alemanha, o Brasil classificou-se em segundo lugar na sua chave. Na partida semifinal, as brasileiras amargaram a derrota pelo placar de 1 a 0 diante da seleção dos Estados Unidos da América. Na decisão do terceiro lugar, uma nova derrota frente às alemãs terminou por frustrar de uma vez por todas a expectativa das brasileiras subirem ao pódio.

Como observado a partir da análise das fontes, a cobertura jornalística da *Folha de S. Paulo* sobre o desempenho da equipe brasileira de futebol feminino nos Jogos de Sydney ajudou a consolidar a postura crítica do periódico frente às más condições da modalidade no Brasil. Como será demonstrado a seguir, a *Folha* permitira, como nunca antes, com que fossem ouvidas as vozes das jogadoras, que não exitaram em refletir sobre o contexto

esportivo em que estavam inseridas e em projetar suas expectativas sobre o futuro da modalidade.

Mais do que isso, a partir da análise da cobertura da *Folha* sobre as Olimpíadas de Sydney foi possível identificar o ápice da disseminação do discurso da busca por medalha — que, uma vez conquistada, serviria como catalisador para as melhorias a serem implementadas no cenário do futebol feminino brasileiro. Em caso de insucesso, o temor repercutido pela *Folha* era de que as atletas pudessem iniciar uma debandada rumo a países onde o futebol feminino fosse melhor estruturado, como era o caso dos Estados Unidos da América.

Parte dessas preocupações puderam ser observadas em “Futebol feminino vai a Sydney atrás do (vil) metal”⁴⁶, reportagem assinada por Rodrigo Bertolotto. No decorrer do texto, o leitor é informado de que a competição olímpica serviria como uma espécie de vitrine para que as jogadoras brasileiras pleiteassem uma vaga na Women's United Soccer Association (WUSA), liga norte-americana que começaria suas atividades no ano seguinte. Segundo a reportagem, seis eram as jogadoras que já haviam sido sondadas — Sissi, Roseli, Kátia, Pretinha, Maycon e Formiga — e, por isso, teriam contratado um empresário para “trocar o anonimato no Brasil pela promessa de fama nos EUA” (BERTOLOTTTO, 2000).

Na sequência da matéria, Bertolotto reforça que, frente a perspectiva de sucesso comercial e de público projetado sobre a WUSA, as más condições da modalidade no Brasil faziam com que a migração de jogadoras parecesse algo inevitável: os baixos salários, a instabilidade de investimentos, a falta de contratos profissionais e a ausência de lei do passe seriam alguns dos fatores que contribuiriam para a precariedade do cenário brasileiro. Além disso, o jornalista destaca o tratamento diferenciado dispensado pela CBF às seleções masculina e feminina no contexto da Granja Comary, centro de treinamentos da entidade localizado em Teresópolis, Rio de Janeiro. De acordo com o texto, para além de terem que conviver com os barulhos das reformas, as próprias jogadoras tinham que “lavar suas roupas íntimas, porque o serviço de lavanderia não faz isso” (BERTOLOTTTO, 2000).

Fato curioso é que, na mesma reportagem, a *Folha* veiculou um depoimento de Formiga destacando que “no nível atual do Brasil, não dá mais para convocar atleta pela boniteza como antes, só para aparecer na foto” (BERTOLOTTTO, 2000). A afirmação da jogadora foi referendada pelo técnico Zé Duarte, que afirmou que “time de modelo atrai muito fotógrafo, mas não ganha título” (BERTOLOTTTO, 2000). Apesar do presente trabalho não ter identificado indícios que apontem para a ocorrência da situação destacada tanto pela jogadora

⁴⁶ BERTOLOTTTO, Rodrigo. Futebol feminino vai a Sidney atrás do (vil)metal. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 3 set. 2000. Esporte, p. 10.

quanto pelo treinador, fato é que a afirmação de Formiga recebeu destaque da *Folha*, que reproduziu as aspas da volante no jornal do dia seguinte.

Às vésperas da estreia brasileira nos Jogos, a crítica às más condições vivenciadas pelas jogadoras de futebol no Brasil voltariam a aparecer nas páginas da *Folha*. Em “Boa noite, Cinderela”⁴⁷, chamada de capa do caderno Folha Sydney 2000, o periódico paulista afirma que, ao adentrarem o campo para realizarem, diante da Suécia, sua estreia na competição, a seleção brasileira de futebol teria a dura missão de representar aquela que seria a participação mais feminina do Brasil em Olimpíadas. Fazendo alusão ao conto dos Irmãos Grimm, a reportagem enfatizou o status de “segregadas no país da bola” das jogadoras brasileiras, ressaltando a crença das futebolistas em poder reverter a situação da modalidade no país ao conquistar um resultado de expressão.

Festejada como esperança de medalha, a equipe da meia Sissi sai do obscuro mundo do futebol de mulheres do Brasil, de salários baixos e pouco apoio, para um quase estrelato. **Passados os Jogos Olímpicos, com uma medalha, elas acreditam conseguir reverter a situação. Sem sucesso, voltarão à realidade de “gata borralheira” ou iniciarão uma debandada rumo à meca da modalidade, os EUA, que abrem sua liga feminina em 2001.** No lugar do sapatinho de cristal, chuteiras. (BOA, 2000) [grifos nossos]

Em “Brasileiras esquecem adversidades para abrir corrida pelo inédito ouro olímpico”⁴⁸, o jornalista Fábio Victor aproveitou-se da repercussão da estreia brasileira nos Jogos para salientar a discriminação sofrida pelas jogadoras, a discrepância salarial entre homens e mulheres no esporte e a escassez de recursos e campeonatos no Brasil. Ouvida pela reportagem, a craque do selecionado brasileiro Sissi traria às páginas do jornal a sua opinião sobre o aumento de mulheres brasileiras inscritas para participarem da Olimpíada de Sydney. Segundo a atleta, “mesmo com tanta discriminação, a gente está cavando o nosso espaço e [provando] que temos valor. Mas, no caso do futebol feminino, mostra também que, depois de tanto tempo, ainda temos que superar dificuldades e mostrar que temos condições” (VICTOR, 2000).

Na coluna Pingue Pongue⁴⁹, disposta na mesma página que a matéria descrita anteriormente, Sissi voltaria a receber a oportunidade de falar sobre as condições da

⁴⁷ BOA noite, Cinderela. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 set. 2000. Folha Sydney 2000, p. D1

⁴⁸ VICTOR, Fábio. Brasileiras esquecem adversidades para abrir corrida pelo inédito ouro olímpico. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 set. 2000. Folha Sydney 2000, p. D3.

⁴⁹ FALTA de apoio fez Sissi pensar em se aposentar. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 set. 2000. Folha Sydney 2000, p. D3.

modalidade do futebol feminino no Brasil. Ao ser questionada sobre quais seriam as chances da seleção feminina, a atleta afirmou que:

Não pode nunca se apontar a seleção brasileira como favorita, porque não é. Entramos sempre como zebra, porque temos muitas dificuldades. Quem está de fora não sabe, mas é um sofrimento. Se tivéssemos um pouco mais de apoio, seria diferente. A gente nem sabe o que pode acontecer se a seleção não for bem nos Jogos. [...] (FALTA, 2000).

O temor de uma debandada brasileira em caso de insucesso rondava a seleção. Sob a sombra da formação de uma liga profissional norte-americana, a Women's United Soccer Association (WUSA), as atletas puderam expor suas reflexões sobre a situação nas páginas da *Folha*, como foi o caso de Roseli. Sobre o assunto, a atacante do Vasco da Gama e da seleção brasileira afirmou que “talvez, se a gente ganhar uma medalha, não precise sair” (VICTOR, 2000), retomando assim a ideia de que uma conquista expressiva pudesse trazer apoio e estabilidade para a modalidade no Brasil.

A falta de perspectiva de futuro estaria entre as principais causas do desgaste entre as atletas exposto na reportagem “Em crise de relacionamento, Brasil vence ‘matildas’ e vai às semifinais em Sydney”. De acordo com o jornalista Rodrigo Bertolotto, que ouviu técnico e jogadoras sobre os problemas internos da seleção, o ambiente estaria estremeado. Por um lado, algumas jogadoras — entre elas Formiga — teriam se queixado por terem ido para a reserva; por outro, duas jogadoras teriam chegado às vias de fato após disputarem o uso da internet na concentração. Se, por um lado, como declarou Formiga, não havia “mais briga no grupo. Não sei de onde surgiu isso [informação do repórter]” (BERTOLOTTTO, 2000), por outro o técnico Zé Duarte confirmara os problemas internos do selecionado ao afirmar que o maior adversário daquela seleção seria ela própria. De acordo com Duarte, “em um grupo de mulheres, sempre surgem coisas. É difícil de lidar” (BERTOLOTTTO, 2000).

Paralelamente à crise interna do selecionado brasileiro, a crítica às condições estruturais do futebol feminino acabou por ganhar cada vez mais corpo durante o desenrolar dos Jogos. Somando-se ao coro, Tostão, campeão do mundo em 1970 e colunista da *Folha*, teceu comentários sobre a seleção de futebol feminino após a classificação das brasileiras às semifinais⁵⁰. Segundo o ex-jogador:

⁵⁰ TOSTÃO. O futuro do futebol feminino. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 set. 2000. Folha Sydney 2000, p. D9.

A seleção olímpica feminina brasileira já é a quarta melhor do mundo, apesar da falta de estrutura, das críticas e do preconceito. Os dois gols brasileiros contra a Austrália, ontem, foram belíssimos. Kátia Cilene, de bico, para lembrar o Romário, deixou novamente seu gol. No início, o futebol feminino de todo o mundo não conseguia ocupar os espaços do campo. O gramado parecia enorme. Muitos sugeriram diminuir seu tamanho. As faltas eram raras, e as oportunidades de gols, dilatadas. Se as jogadoras soubessem finalizar melhor, os resultados seriam ainda maiores. Havia também despreocupação e desconhecimento dos detalhes táticos. Hoje, as coisas mudaram. A técnica melhorou muito. Por outro lado, a velocidade, os choques físicos e as faltas aumentaram. O número de gols e os espaços diminuíram. Há uma crescente preocupação com a disciplina tática. O futebol feminino, ainda com muito menos faltas, se aproximou do masculino. Nos aspectos positivos e negativos. Será que no futuro haverá pouca ou nenhuma diferença? Imaginem uma partida com 60 faltas entre as mulheres. Será que elas vão aprender a dar pontapés, carrinhos, cuspir na cara das adversárias e outras delicadezas? Alguns técnicos vão gostar. Dirão que é o futebol moderno. As mulheres, dentro e fora do esporte, não deveriam repetir as besteiras e os erros dos homens. A crescente presença feminina em todas as profissões é a grande e última esperança de que o mundo se torne mais criativo, generoso, sensível e humano. [...] (TOSTÃO, 2000) [grifos nossos]

Como é possível notar, Tostão reconhece o crescimento da modalidade, afirmando considerar que houve melhorias técnicas e táticas significativas. A seleção brasileira, denuncia o autor, estaria entre as quatro melhores seleções do mundo apesar da falta de estrutura, das críticas e do preconceito. Por outro lado, Tostão também identifica no futebol das mulheres uma série de problemas que reconhece serem advindos do futebol dos homens, os quais, segundo ele, não deveriam ser copiados pelas jogadoras.

Em “Brasileiras tentam subverter a lógica e eliminar EUA dos Jogos”⁵¹, matéria assinada pelo jornalista Fábio Victor, a conquista da medalha é novamente ressaltada como a única chance impedir ou amenizar a debandada brasileira para a liga norte-americana. Para Sissi, craque e camisa dez da equipe canarinho, a partida contra as norte-americanas era um momento chave para o futebol feminino brasileiro.

[...] “Ou a gente entra para a história ou o futebol feminino brasileiro não vai mudar, vai continuar na mesma, sem apoio, sem campeonatos, como sempre. [...] **Se a gente**

⁵¹ VICTOR, Fábio. Brasileiras tentam subverter a lógica e eliminar EUA dos Jogos. **Folha de S. Paulo**, 23 set. 2000. Folha Sydney 2000, p. D4

conseguir a medalha, as coisas podem melhorar no Brasil, e muitas não irão sair”, afirma Sissi, uma das pretendidas pelos norte-americanos (VICTOR, 2000).

Para a frustração das atletas e da comissão técnica, a medalha olímpica não viria. Após a derrota frente aos Estados Unidos, outro revés, desta vez diante da Alemanha, adiaria mais uma vez o sonho das brasileiras em subir ao pódio e, conseqüentemente, melhorar a vida das atletas no Brasil. Ademais, em outubro daquele mesmo ano, quatro jogadoras brasileiras foram selecionadas para jogarem na WUSA, liga norte-americana de futebol feminino: enquanto Kátia Cilene e Sissi foram selecionadas pelo californiano San José CyberRays na terceira rodada do *draft*⁵², Pretinha e Roseli foram as atletas escolhidas pelo Washington Freedom, time da capital estadunidense, na sétima rodada da etapa de seleção.

6 RECONHECIMENTO E CONSAGRAÇÃO (2001-2009)

A partir da análise da cobertura da seleção feminina pela *Folha* entre 2001 e 2009, foi possível identificar três pontos a serem destacados por este trabalho. Em primeiro lugar, foi durante este período em que o selecionado brasileiro incorporou duas das principais atletas de sua história, Marta e Cristiane, pilares daquela que seria conhecida como a geração de prata. Em segundo lugar, este período foi marcado pela cobertura da *Folha* acerca das primeiras conquistas expressivas do Brasil em Olimpíadas: as medalhas de prata em Atenas-2004 e Pequim-2008. Como veremos, a conquista das tão sonhadas medalhas não trouxeram as melhorias esperadas pelas jogadoras, que não tardaram em expor sua frustração. Em terceiro lugar, foi durante o intervalo destacado que Formiga passou a ser representada não apenas como uma das principais atletas da seleção como uma das melhores futebolistas do mundo.

6.1 A Copa de 2003 e os Jogos Olímpicos de Atenas

Em decorrência do surto de SARS na China, a sede da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2003 precisou ser alterada às vésperas da competição, tendo sido os Estados Unidos da América o país escolhido para receber as doze equipes classificadas para o torneio. Após ganhar os confrontos diante das seleções da Coreia do Sul e Noruega, e empatar com as

⁵² O *Draft* consiste em um evento em que as franquias de uma liga esportiva escolhem os atletas com quem desejam contar em suas equipes.

francesas na última rodada da fase de grupos, a seleção brasileira classificou-se na primeira posição de sua chave. Entretanto, para frustração das atletas e da comissão técnica, o Brasil acabaria desclassificado já na primeira etapa do mata-mata ao perder para a Suécia pelo placar de 2 a 1. Ao final da competição, a Alemanha sagrou-se a grande campeã.

A cobertura da *Folha* sobre a seleção brasileira de futebol feminino durante o ano de 2003 continuou a dar ênfase aos problemas de uma modalidade arrasada pela falta de estrutura. Em “Brasil não é o país do futebol (feminino)”⁵³, o jornalista Ricardo Westin ressalta que a ausência de clubes e campeonatos eram apenas alguns dos sintomas do descaso com as atletas brasileiras, que muitas vezes tinham de conviver com a ausência de salários. Esse era o caso da jogadora Marina, zagueira da seleção brasileira, que tinha de trabalhar como instrutora de academia para complementar a ajuda de custo disponibilizada por seu time. Como destaca Westin, a realidade de Marina era oposta àquela vivida por Kátia Cilene, sua companheira de seleção, que recebia U\$80 mil por ano para jogar pelo San José CyberRays, uma das equipes da liga norte-americana. A situação no Brasil era tão decadente que, na ausência de equipes femininas qualificadas, a seleção brasileira precisou treinar contra equipes de base masculina durante a preparação para o Sul-Americano da modalidade⁵⁴.

Todavia, as jogadoras brasileiras ainda nutriam a esperança de que bons resultados esportivos pudessem fazer com que a situação melhorasse. Após a conquista da medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos, Formiga, que aquela altura já era considerada uma das principais estrelas da equipe⁵⁵, declarou: “é sempre a mesma ladainha, mas precisamos crescer. Vamos ver se, com o ouro, a mulherada fica mais estimulada” (GOL, 2003)⁵⁶.

Com a medalha de ouro no peito, as jogadoras rumaram para a disputa da Copa do Mundo de 2003 em condições nada tranquilas. Se, no contexto geral, a situação já não era boa, haja visto que o fim a liga norte-americana às vésperas do torneio havia deixado dezenas de atletas do mundo todo desempregadas⁵⁷, uma novidade imposta pela direção da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) viria a desestabilizar o ambiente interno da seleção brasileira.

⁵³ WESTIN, Ricardo. Brasil não é o país do futebol (feminino). **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 abr. 2003. Esporte, p. D4.

⁵⁴ WESTIN, Ricardo. Sem ter rivais, atletas treinam contra homens. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 abr. 2003. Esporte, p. D4.

⁵⁵ TIME feminino atua de olho no Mundial. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 02 ago. 2003. Esporte, p. D2.

⁵⁶ GOL de ouro cumpre última meta do COB. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 16 ago. 2003. Esporte, p. D3.

⁵⁷ BUENO, Rodrigo. Nem EUA salvam Mundial feminino de seu anticlímax. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 set. 2003. Esporte, p. D2.

Em “Milene vira ‘barbie’ na seleção”⁵⁸, reportagem assinada por Sérgio Rangel, a *Folha* repercute a estratégia da CBF em angariar mais visibilidade para o futebol feminino através da convocação de Milene Domingues, então esposa do centroavante campeão do mundo Ronaldo, fato confirmado pelo técnico Paulo Gonçalves. Dentre as informações sobre Milene destacadas pela matéria estava sua estabilidade financeira, algo inimaginável para a maioria de suas colegas de concentração⁵⁹.

Para a infelicidade da CBF, o tiro sairia pela culatra. Justamente por não depender da seleção como fonte de renda, Milene Domingues acabou por tornar-se a porta voz das companheiras, que questionavam os métodos empregados pelo treinador Paulo Gonçalves, situação repercutida pela *Folha* em “Caos toma conta de seleção antes da Copa”⁶⁰. De acordo com a matéria, se por um lado o treinador não escondia a insatisfação de ter que contar com Milene Domingues por imposição do comando da CBF, por outro a jogadora não poupava palavras para criticar o trabalho de Gonçalves.

“Ele não conversa com as atletas. Nós já dissemos que queremos ser cobradas, mas ele não faz nada. Ainda não sei se vamos jogar no 4-4-2 ou no 3-5-2”, disse a jogadora, que recusa, contudo, receber o rótulo de líder. “Quando cheguei aqui, as jogadoras me passaram tudo o que aconteceu. Desde então, comecei a falar o que acontecia. Como não tenho nada a perder, me sinto mais solta para falar”, disse Milene, que vai disputar o Mundial por determinação da diretoria da CBF”. (RANGEL, 2003)

Em “Invicto, técnico da seleção se diz vítima de inovações”⁶¹, a *Folha* abriu espaço para que o treinador defendesse seu trabalho. Portador de um “currículo raro no futebol brasileiro”, o professor universitário aposentado apontou que o processo de renovação realizado na equipe⁶² pode ter sido um dos motivos que levaram à insatisfação das jogadoras. De acordo com a reportagem, o clima conturbado era tamanho que até mesmo o presidente da

⁵⁸ RANGEL, Sérgio. Milene vira “barbie” na seleção. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03 set. 2003. Esporte, p. D1.

⁵⁹ Parte da insegurança pela qual passavam as jogadoras foi abordada na matéria “Seleção estreia no Mundial em busca da sobrevivência”, de autoria do jornalista Sérgio Rangel. Ao longo do texto, o autor expõe que quase todas as jogadoras brasileiras encontravam-se desempregadas, tendo de recorrer ao futsal como forma de complementar a renda. Além do mais, a premiação pela conquista da medalha de ouro dos Jogos Pan-Americanos não havia sido paga pela CBF. (RANGEL, 2003).

⁶⁰ RANGEL, Sérgio. Caos toma conta de seleção antes da Copa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 set. 2003. Esporte, p. D4.

⁶¹ RANGEL, Sérgio. Invicto, técnico da seleção se diz vítima de inovações. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 01 out. 2003. Esporte, p. D1.

⁶² Dentre as atletas reveladas por Gonçalves estavam Marta e Cristiane, dois nomes que viriam a marcar época com a camisa amarelinha.

CBF, Ricardo Teixeira, incomodado com a atitude das atletas, planejava reunir-se com a equipe.

Todavia, o conflito entre jogadoras e treinador não duraria muito tempo. No jogo seguinte, o Brasil acabou desclassificado ao perder por 2 a 1 diante das suecas, resultado que decretou a mudança de comando técnico antes do início da preparação para os Jogos de Atenas. Por sua vez, Milene Domingues terminou a competição sem jogar um minuto sequer.

Quanto a cobertura da *Folha* sobre a continuidade do mundial feminino, esta perdeu fôlego após a desclassificação brasileira. Uma pequena amostra deste decréscimo de interesse pode ser percebida na discreta repercussão da partida final, que ocupou um espaço marginal ao fim do caderno de esportes⁶³.

Após atravessar um ano de altos e baixos, a seleção brasileira de futebol feminino viveu uma temporada especial em 2004, quando o bom desempenho nos Jogos Olímpicos de Atenas assegurou às brasileiras o direito de subir ao pódio para receber a tão aguardada medalha olímpica. O caminho até a prata começou com a classificação da seleção no segundo lugar de seu grupo, com duas vitórias, diante de Austrália e Grécia, e uma derrota, frente a seleção norte-americana. Nas quartas de final, o Brasil goleou o México pelo placar de 5 a 0, e, na fase seguinte, saiu vitorioso após conquistar o placar mínimo diante da Suécia. Na grande final, um novo revés frente aos Estados Unidos da América sacramentou o segundo lugar no pódio.

A cobertura da seleção feminina de futebol nos Jogos Olímpicos de Atenas realizada pela *Folha de S. Paulo* pode ser considerada singular no sentido de que, pela primeira vez, as mulheres não teriam de disputar a atenção da imprensa brasileira com a seleção masculina, que não havia se classificado para a competição. Todavia, se por um lado a ausência dos homens acabou por garantir às jogadoras um espaço midiático nunca antes experienciado, por outro fez com que recaísse sobre o time feminino não apenas a obrigação de realizar uma campanha de sucesso como a expectativa de que as mulheres conquistassem a medalha de ouro olímpica, única marca ausente no rol de conquistas do time masculino.

Tamanha expectativa imposta às mulheres pode ser observada, por exemplo, em “Mulheres falam grosso para salvar honra do país da bola”⁶⁴, matéria publicada no *Guia Atenas 2004*, publicação da *Folha* dedicada ao torneio olímpico.

⁶³ ALEMÃES batem suecas e conquistam Mundial. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 out. 2003. Esporte, p. D4.

⁶⁴ MULHERES falam grosso para salvar honra do país da bola. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 ago. 2004. Guia Atenas 2004, p. 9.

Se o masculino não irá aos Jogos, é no feminino que o Brasil aposta suas fichas para conseguir o inédito ouro olímpico. É o único título que ainda falta ao país pentacampeão mundial. Por duas vezes o Brasil bateu na trave. Com os homens, foi prata em Los Angeles-84 e Seul-88. As brasileiras, distantes das cifras milionárias de astros como Ronaldo e Ronaldinho, chegaram perto da medalha nas duas vezes que disputaram o torneio olímpico, em Atlanta-96 e Sydney-00. Mas caíram nas semis e acabaram em quarto. [...] (MULHERES, 2004) [grifos nossos]

Sem sombra de dúvidas, a não classificação dos homens para aquela Olimpíada era uma questão que, volta e meia, rondava o ambiente da seleção feminina. Em “Renê Simões da primeira bronca nas jogadoras”⁶⁵, o jornal informa que o treinador da seleção brasileira coibiu as “brincadeiras de gosto duvidoso” protagonizadas por algumas veteranas da equipe⁶⁶, que, sob as lentes dos fotógrafos e cinegrafistas que acompanhavam o treinamento, estavam jogando água gelada nos rostos de suas companheiras e membros da comissão técnica. Ao comentar o caso, Simões fez questão de traçar um paralelo com o ambiente do futebol masculino ao afirmar que “a seleção brasileira sub-23 foi culpada pela imprensa por ter perdido o torneio Pré-Olímpico por excesso de brincadeira” (RANGEL, 2004), comportamento que tratou de rechaçar.

A metodologia de trabalho de Renê Simões foi objeto de diversas reportagens da *Folha* ao longo da cobertura dos Jogos de Atenas, seja pela rigidez dos treinamentos inspirados em Bernardinho⁶⁷, técnico da seleção brasileira de vôlei feminino, ou pelos momentos musicais desfrutados após as vitórias⁶⁸. Fato é que a seleção ganhou corpo sob os cuidados de Simões, apresentando atuações que impressionaram os colunistas da *Folha* — mesmo quando os elogios à habilidade das mulheres eram acompanhados por críticas ao futebol masculino, como ocorre na coluna “Evolução do futebol feminino”⁶⁹, de autoria de Tostão.

Comandadas por Marta, Cristiane e Formiga, as brasileiras apresentaram uma atuação de gala diante do México, nas quartas de final, e superaram a Suécia, nas semis, para, enfim,

⁶⁵ RANGEL, Sérgio. Renê Simões dá primeira bronca nas jogadoras. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 mar. 2004. Esporte, p. D2.

⁶⁶ Formiga foi uma das atletas citadas pela reportagem, que identificou-a como sendo uma das veteranas.

⁶⁷ SEIXAS, Fábio. Futebol imita Bernardinho e impõe choro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 07 ago. 2004. Esporte, p. D3.

⁶⁸ SEIXAS, FÁBIO. Treinador premia goleada com luau e batuque na praia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21 ago. 2004. Atenas 2004, p. 3.

⁶⁹ TOSTÃO. Evolução do futebol feminino. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 ago. 2004, Esporte, p. D2.

terem assegurada a tão sonhada medalha olímpica. O alívio das jogadoras — e a comparação com os homens — foi retratado pela *Folha* em “Elas estão descontroladas”⁷⁰, reportagem que repercutiu a classificação das brasileiras para a grande final do torneio.

Foram movimentos seguidos. Uma explosão, um princípio de descontrole. E uma implosão. Assim que a juíza apitou o final do jogo, **as atletas brasileiras explodiram em comemoração. Agarradas a bandeiras do país, abraçaram-se, jogaram-se no chão. Choraram. Extravasaram.** Minutos depois, saindo do vestiário, veio a implosão. Era outro grupo. Eram outras pessoas. Calmas, tranquilas, evitaram declarações entusiasmadas ou comparações. Mas o paralelo é inevitável. **A turma de Andreia, Juliana, Rosana, Marta, Formiga, Pretinha, Cristiane e companhia igualou o feito de estrelas como Dunga, Romário, Taffarel, Jorginho, Bebeto. E agora pode superá-las.** (SEIXAS, 2004) [grifos nossos]

Ao passo que a comparação com os homens estabelecia-se através de um discurso que impunha às futebolistas a obrigação, um tanto quanto desnecessária, da conquista do ouro, o sentimento de alívio das atletas por terem assegurado uma medalha — seja ela qual fosse — foi tamanho que a *Folha* voltou a ressaltá-lo em “‘Veteranas’ veem final como alívio”⁷¹. Segundo o jornal, para quatro das dezoito atletas convocadas, identificadas como veteranas pelo periódico — Pretinha, Roseli, Tânia e Formiga — aquela competição era, provavelmente, “a última chance de redenção” (SEIXAS, 2004) pelos maus resultados anteriores. Neste sentido, o peso das cobranças impostas anos a fio sobre as atletas pôde ser observado no depoimento de Formiga: “Saiu um peso dos nossos ombros. Só a gente sabe o que foi a luta, a batalha, o sofrimento dos últimos anos. Voltamos em baixa das últimas Olimpíadas e agora chegaremos de cabeças erguidas” (SEIXAS, 2004).

Para desalento das jogadoras brasileiras, a derrota diante das norte-americanas pelo placar de 2 a 1, resultado definido no segundo tempo da prorrogação, acabou com as possibilidades de conquistar o ouro. Às mulheres, restou o temor pelo desemprego, questão destacada pela *Folha* às vésperas da final⁷². Dentre as 18 jogadoras brasileiras presentes nos Jogos, 12 eram as atletas que encontravam-se desempregadas e nutriam a esperança de que boas atuações no torneio pudessem assegurar-lhes propostas profissionais. Este foi

⁷⁰ SEIXAS, Fábio. Elas estão descontroladas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 ago. 2004. Atenas 2004, p. 3.

⁷¹ SEIXAS, Fábio. ‘Veteranas’ veem final como alívio. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 ago. 2004. Atenas 2004, p. 3.

⁷² SEIXAS, FÁBIO. Alunas enfrentam mestras, trauma e desemprego na decisão pelo ouro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 26 ago. 2004. Atenas 2004, p. 6.

exatamente o caso de Formiga, que assinou com o time sueco Malmö e, portanto, não mais precisaria depender exclusivamente da seleção brasileira, que, na ausência de calendário, somente voltaria a se reunir dali três anos⁷³.

De fato, a baiana Formiga sairia dos Jogos de Atenas muito maior do que quando entrou. Desfilando boas atuações e gols decisivos, a atleta não só assumiu o papel de veterana — imagem pela qual foi representada nas páginas da *Folha* naquele ano — como tomou para si o papel de líder de uma equipe recheada de jovens talentosas. Ademais, o desempenho de Miraildes nos Jogos de 2004 possibilitou com que ela alcançasse um novo patamar em sua carreira, tendo seu talento reconhecido internacionalmente. Como reportado pela *Folha*, Formiga terminou aquele ano entre as 21 candidatas ao prêmio de melhor futebolista do mundo pela FIFA⁷⁴.

6.2 Entre o Pan do Rio-2007 e os Jogos Olímpicos de Pequim

Ao passo que o alívio trazido pela conquista da primeira medalha olímpica da seleção brasileira de futebol feminino foi destacado pela *Folha de S. Paulo* em sua cobertura dos Jogos de Atenas, o periódico passaria a ressaltar, anos mais tarde, a decepção das jogadoras por não terem visto a chegada das tão aguardadas melhorias à modalidade. Neste sentido, pouco a pouco, o discurso pela busca de medalhas, repetido inúmeras vezes nos anos anteriores, daria lugar a pronunciamentos carregados de desilusão.

Apesar de estar entusiasmada por poder jogar para a torcida brasileira na estreia do Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro⁷⁵, Formiga, citada pela *Folha* como um dos destaques da seleção⁷⁷, não escondia a sua frustração com a falta de investimento na modalidade.

Formiga já quase perdeu a esperança de que um resultado expressivo mude o futebol feminino. O título de 2003 não evitou que ela tivesse de sair do país para viver do esporte. “**Já fizemos tudo que podíamos, e reconheço que piorou.**” (RANGEL, 2007) [grifos nossos]

⁷³ SEIXAS, Fábio. Seleção deixará de existir no momento do desembarque. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 ago. 2004. Atenas 2004, p. 4.

⁷⁴ RANGEL, Sérgio. Em alta, Adriano está na lista de eleição da Fifa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 06 out. 2004. Esporte, p. D3.

⁷⁵ RANGEL, Sérgio. Público a favor é desafio para boleiras. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 jul. 2007. Pan Rio 2007, p. D3.

⁷⁶ RANGEL, Sérgio. Com Engenhão vazio, boleiras goleiam Uruguai. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 jul. 2007. Pan Rio 2007, p. D6.

⁷⁷ RANGEL, Sérgio. Público a favor é desafio para boleiras. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 jul. 2007. Pan Rio 2007, p. D3.

Em “Sem futuro, boleiras encaram o México”⁷⁸, matéria publicada às vésperas do duelo válido pelas semifinais do Pan, a *Folha* voltaria a abordar a desilusão das atletas com as condições da modalidade no Brasil. Neste sentido, as boas atuações poderiam servir de trampolim para que elas pudessem encontrar oportunidades fora do país, como ressaltado pela goleira Bárbara, que disse saber que “nada vai mudar no Brasil [depois dos Jogos]. Já conseguimos medalhas, títulos, e nada mudou. O bom do Pan é que podemos conseguir bons contratos” (RANGEL, 2007). Ouvida pela reportagem, Formiga era uma das atletas que pretendia jogar no exterior, apesar do sonho de um dia poder viver do futebol feminino em solo brasileiro.

A meia Formiga já recebeu uma proposta do futebol norte-americano e deverá ser a primeira a deixar o país. “O sonho é ver o futebol crescer no país e vivermos dele aqui. Mas a realidade é bem diferente. A saída para os Estados Unidos será ótima”, disse a jogadora. Ela joga no Saad, de São Paulo, mas tem de disputar torneios de futsal no Pará para garantir “uma renda regular”. “O futebol é minha paixão. Já fiquei até quatro anos sem ver minha família por causa da dificuldade de comprar uma passagem aérea. Mas adoraria ter mais tranquilidade na minha vida com a ajuda do futebol”, acrescentou a meia baiana. (RANGEL, 2007).

Após a conquista do ouro Pan-Americano, a seleção feminina de futebol voltaria a disputar a final de um torneio internacional na Copa do Mundo de 2007, competição realizada na China. Após uma excelente primeira fase, que contou com vitórias sobre Nova Zelândia, China e Dinamarca, as brasileiras venceram as australianas nas quartas de final pelo placar de 3 a 2. Na semifinal, o show de Marta e companhia garantiu o placar elástico de 4 a 0 diante da seleção dos Estados Unidos da América. Na grande final, entretanto, as brasileiras foram superadas pela organizada seleção alemã, que sagrou-se bicampeã mundial após ganhar por 2 a 0.

Se dentro do campo a campanha brasileira na Copa foi marcada por boas atuações da dupla Marta e Cristiane, artilheiras do time⁷⁹, e pela solidez defensiva da equipe brasileira⁸⁰, a

⁷⁸ RANGEL, Sérgio. Sem futuro, boleiras encaram o México. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 jul. 2007. Pan Rio 2007, p. D6.

⁷⁹ COBOS, Paulo. Dupla artilheira move o Brasil contra Dinamarca. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 set. 2007. Esporte, p. D2.

⁸⁰ COBOS, Paulo. Blindado, Brasil vai às quartas no mundial. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21 set. 2007. Esporte, p. D3.

Folha não deixou de repercutir a falta de perspectiva de melhorias na modalidade do futebol feminino no Brasil, opinião compartilhada entre jogadoras e colunistas⁸¹.

Às vésperas da decisão entre Brasil e Alemanha, a comparação entre a estrutura do futebol feminino dos dois países expôs como nunca as deficiências brasileiras. Em “Alemanha é o caixa-forte dos futebol das mulheres”⁸², reportagem assinada pelo jornalista Paulo Cobos, o leitor é informado de que, enquanto no Brasil não havia campeonatos nacionais regulares, a Alemanha possuía mais de cem equipes disputando as três principais divisões do país (COBOS, 2007).

Em “Nem título mudará a realidade, diz seleção”⁸³, matéria de Mariana Lajolo, a *Folha* ressaltaria que, ao passo que a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) ainda estudava criar uma Copa do Brasil de Futebol Feminino, as jogadoras brasileiras já haviam perdido as esperanças de que uma nova medalha pudesse trazer mudanças significativas para a estrutura do futebol feminino no Brasil. Ouvidas pela reportagem, as atletas trataram de denunciar as promessas não cumpridas.

Atenas, agosto de 2004. Com a medalha de prata no peito, as jogadoras da seleção feminina de futebol começaram a sonhar. Acreditavam que o feito inédito pudesse mudar a dura realidade enfrentada no país pelo esporte que abraçaram. Ouviram muitas promessas. Hoje, na véspera de buscarem a maior conquista da equipe na história, elas não acreditam que a inédita taça possa transformar de fato o cenário da modalidade no Brasil. [...] **“Hoje a gente joga para dar nosso melhor, mas não espera muito reconhecimento de fora. Já prometeram muito, e pouco aconteceu.** A gente torce, quer que melhore, mas nem todos estão interessados”, afirmou a meia Daniela Alves, 23. [...] “Eu falo para as meninas que um dia elas podem comer o filé mignon. Mas a gente roeu muito osso. O que quero é jogar pelo futebol do meu país. **Todo mundo fala que temos que provar nosso valor e que aí virão as mudanças. A gente tem que provar mais o quê? Só queremos um trabalho. É muito?”**, disse Tânia Maranhão, 32 anos, 17 deles na seleção feminina. [...] “A gente já ouviu muitas promessas. Na época da medalha de prata na Olimpíada, todo mundo achou que tudo ia mudar. Agora, com o Pan, veio a mesma esperança. **Estamos fazendo a nossa parte, mas não espero mais nada**”,

⁸¹ Em “À revelia”, a colunista Soninha afirma não entusiasmar-se com a onda de otimismo surgida após a classificação brasileira para a final da Copa da China, e critica a falta de apoio às mulheres no país. (SONINHA, 2007).

⁸² COBOS, Paulo. Alemanha é o caixa-forte do futebol das mulheres. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 set. 2007. Esporte, p. D2.

⁸³ LAJOLO, Mariana. Nem título mudará a realidade, diz seleção. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 set. 2007. Esporte, p. D1.

resigna-se Aline Pellegrino, 25, que ganha R\$250 de ajuda de custo. (LAJOLO, 2007) [grifos nossos]

Com a derrota na grande final pelo placar de 2 a 0, as brasileiras voltaram a expor sua insatisfação com o tratamento reservado à modalidade, fato repercutido pela *Folha* em “Alemanha faz brasileiras acordarem”⁸⁴. Após a partida, informa o periódico, as jogadoras pediram por apoio através de um cartaz improvisado. Marta, estrela da seleção, foi enfática ao afirmar: “Nós vamos perder de novo se não lutarmos para melhorar o nível de administração do futebol feminino. Nós não podemos ficar de novo só nas promessas, como aconteceu na Olimpíada”. (ALEMANHA, 2007).

Ao noticiar o desembarque da delegação brasileira no Rio de Janeiro⁸⁵, a *Folha* afirmou que as atletas esperavam a concretização das promessas da CBF de criar uma liga nacional, melhorar a estrutura do esporte no país e pagar o prêmio destinado à equipe referente ao desempenho no Mundial da China e ao ouro conquistado nos Jogos Pan-Americanos. Ouvida pela reportagem, a atacante Cristiane declarou que aguardava que as promessas realmente fossem cumpridas desta vez: “Tomara que venham as mudanças, que não sejam promessas, como foi na Olimpíada. Passaram três anos e nada aconteceu [...] Não dá pra depender de pai ou mãe para ir treinar” (NOGUEIRA, 2007). Para a meia Formiga, o povo iria cobrar por melhorias: “Desta vez vai ter que acontecer. O povo também vai cobrar [melhor estrutura para o futebol feminino].” (NOGUEIRA, 2007).

Ao analisarmos a cobertura da *Folha de S. Paulo* sobre o futebol feminino brasileiro nos meses que se seguiram ao final da Copa do Mundo, podemos aferir que ao menos a promessa de organização de uma competição nacional foi levada à cabo pela CBF. Jogando pela equipe do Mato Grosso do Sul, que contava com a base do paulista Saad E.C.^{86 87}, Formiga sagrou-se campeã da primeira edição da Copa do Brasil de Futebol Feminino⁸⁸. Além do mais, a jogadora baiana seria retratada pela *Folha* novamente como uma das melhores atletas do mundo ao estar presente no seleto grupo de 26 jogadoras indicadas para o prêmio da FIFA⁸⁹.

⁸⁴ ALEMANHA faz brasileiras acordarem. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 01 out. 2007. Esporte, p. D1.

⁸⁵ NOGUEIRA, Ítalo. ‘O povo vai cobrar’, diz vice campeã mundial. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03 out. 2007. Esporte, p. D3.

⁸⁶ COBOS Paulo. CBF bane estrelas de seu torneio feminino. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 out. 2007. Esporte, p. D3.

⁸⁷ GRIJÓ, Fábio. Sem TV e holofotes, mulheres abrem copa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 out. 2007. Esporte, p. D4.

⁸⁸ TIME de MS conquista o título da Copa do Brasil. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 09 dez. 2007. Esporte, p. D2.

⁸⁹ MARTA está na disputa pelo bi. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 out. 2007. Esporte, p. D3.

No ano seguinte, de volta à China após o vice-campeonato mundial, a seleção brasileira de futebol feminino precisou disputar a repescagem olímpica por não ter garantido a classificação direta via Copa América⁹⁰. Comandadas por Marta e Cristiane, as brasileiras passaram facilmente por Gana, vice-campeã africana, na repescagem e realizaram uma fase de grupos sem maiores percalços: após empatarem com a Alemanha na estreia, as vitórias diante da Coreia do Norte e Nigéria levaram o Brasil a se classificar no primeiro lugar de seu grupo. Nas quartas de final, a seleção brasileira venceu a Noruega por 2 a 1 e avançou às semis para enfrentar as alemãs, algozes da última Copa. Com gols de Formiga, Marta e Cristiane — duas vezes —, o Brasil vingou-se da derrota do ano anterior e rumou para a grande final diante dos Estados Unidos da América. Na decisão, as brasileiras amargaram o gol sofrido durante a prorrogação e acabaram a competição no segundo lugar mais alto do pódio.

A cobertura da *Folha* sobre o desempenho da seleção brasileira feminina nos Jogos de Pequim não poupou críticas às más atuações do time, que dependia imensamente da inspiração do trio de ataque composto por Marta, Cristiane e Daniela. Por outro lado, o jornal continuou a denunciar as más condições estruturais vivenciadas pelas jogadoras de futebol no Brasil. Em “Time jovem e sem verba destoa da delegação do país”⁹¹, reportagem assinada pelo jornalista Paulo Cobos, o desemprego, a falta de apoio governamental e o escasso financiamento da CBF foram alguns dos problemas enfrentados pelas futebolistas ressaltados pela *Folha*. De acordo com a matéria, ao contrário do restante da delegação, as jogadoras não haviam recebido dinheiro da Lei Piva⁹².

Donas de um desempenho apático⁹³, foco na individualidade, indisciplina⁹⁴, performance medíocre⁹⁵: estas foram algumas das críticas realizadas pela *Folha* sobre o desempenho da seleção ao longo da jornada brasileira em solo chinês. Para o periódico, “o time que já foi apontado como a redenção do bom futebol em seleções brasileiras é, na

⁹⁰ A Copa América de 2006, disputada na Argentina e vencida pelas anfitriãs, foi a primeira edição em que a seleção vencedora garantiu a vaga direta tanto para a Copa do Mundo quanto para os Jogos Olímpicos seguintes. Também classificada para a Copa seguinte, a seleção vice-campeã do torneio teria de disputar a vaga olímpica via repescagem. (BONFIM, 2022).

⁹¹ COBOS, Paulo. Time jovem e sem verba destoa da delegação do país. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 05 ago. 2008. Pequim 2008, p. D3.

⁹² Sancionada em 16 de julho de 2001, a Lei N° 10.264, ou Lei Piva, versa sobre a captação de recursos para o desenvolvimento dos esportes olímpicos e paraolímpicos no Brasil.

⁹³ COBOS, Paulo. Com auxílio da goleira rival, Brasil vence a primeira. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 ago. 2008. Pequim 2008, p. D8.

⁹⁴ COBOS, Paulo. Seleção feminina troca show por indisciplina e partidas amarradas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 ago. 2008. Pequim 2008, p. D4.

⁹⁵ COBOS, Paulo. Fantasma europeu põe mulheres à prova hoje. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 ago. 2008. Pequim 2008, p. D4.

Olimpíada de Pequim, o campeão da falta de bons modos e um dos líderes do jogo com poucas emoções” (COBOS, 2008)⁹⁶.

Apesar das más atuações e do baixo número de gols, a seleção brasileira conseguiu avançar na competição, encontrando a Alemanha, sua algoz na final da Copa do Mundo de 2007, na fase semifinal. Desta vez, o resultado do confronto foi diferente, tendo o Brasil saído vencedor de campo após golear as alemãs pelo placar de 4 a 1. Para além do acerto de contas, o resultado do confronto garantiu às brasileiras ao menos uma nova medalha de prata.

O protagonismo de Formiga durante a partida semifinal diante da Alemanha — haja visto que o gol de empate brasileiro foi marcado pela atleta baiana, que injetou novo ânimo à sua equipe — foi amplamente repercutido pela *Folha*, de modo que a representação de Miraildes enquanto uma das líderes técnicas e protagonistas de seu time foi novamente reforçada. Em “Seleção faz 4 em algoz do passado e vai à final”⁹⁷, matéria assinada pelo jornalista Eduardo Ohata, a *Folha* ouviu as impressões de Formiga sobre a vitória brasileira. Miraildes confidenciou à reportagem que as vitórias sobre Noruega, nas quartas, e Alemanha, nas semis, assim como o confronto contra as norte-americanas na grande final, configurava uma espécie de “acerto de contas”.

Formiga declarou que, além de ser trajetória obrigatória para conquistar uma medalha de ouro, a lista de adversários do Brasil também representa uma oportunidade de corrigir alguns erros do passado. “Estou acertando as contas com o passado [nesses Jogos]”, afirmou Formiga, remanescente, ao lado de Maycon e Simone, do grupo que vê o sonho olímpico ser frustrado desde Atlanta-96, quando as brasileiras perderam a medalha de bronze para a Noruega. Posteriormente, sofreram reveses em Sydney-00 (para a Alemanha) e Atenas-04 (para os EUA). (OHATA, 2008)

Estampando as capas da *Folha de S. Paulo* e do suplemento *Folha Pequim 2008* publicados em 19 de agosto de 2008, assim como sendo um dos destaque da coluna “ABC do futebol olímpico”, de José Roberto Torero⁹⁸, Formiga foi o grande destaque da semana. A atleta baiana chegou a ser a protagonista da reportagem “‘Heroína da resistência’, Formiga

⁹⁶ COBOS, Paulo. Seleção feminina troca show por indisciplina e partidas amarradas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 ago. 2008. Pequim 2008, p. D4.

⁹⁷ OHATA, Eduardo. Seleção faz 4 em algoz do passado e vai à final. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 ago. 2008. Pequim 2008, p. D2.

⁹⁸ TORERO, José Roberto. ABC do futebol olímpico. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 ago. 2000. Esporte, p. D11.

honra o nome”⁹⁹, que informava o leitor que, contra os Estados Unidos da América, a jogadora alcançaria a marca de 21 partidas em Jogos Olímpicos, tornando-se assim a atleta da modalidade com o maior número de partidas pela competição.

Chegado o fim do torneio após uma derrota frustrante diante das norte-americanas, fato repercutido pela *Folha* em “Retranca americana bate talento brasileiro de novo”¹⁰⁰, as brasileiras receberam suas medalhas de prata e, mais uma vez, tiveram de lidar com o descaso dos administradores da CBF, que não previam nenhum tipo de premiação pelo segundo lugar conquistado — segundo uma atleta ouvida pelo jornal, “a entidade prometeu só ‘um prêmio bom’ em caso de ouro.” (SEIXAS, 2008)¹⁰¹.

Por sua vez, Formiga saiu muito valorizada dos Jogos de Pequim. Diante das especulações que rondavam a captação de atletas brasileiras pela mais nova liga norte-americana, a Women's Professional Soccer (WPS), o nome de Formiga esteve bem cotado para ocupar um lugar nas equipes do Saint Louis, dirigido pelo ex-técnico da seleção brasileira Jorge Barcellos, e do Bay Area, que contava com o trabalho da auxiliar técnica e ex-jogadora Sissi. Tanto a ex-camisa dez da seleção quanto o técnico brasileiro demonstraram à *Folha* a intenção de contar com Miraildes, tamanha era sua qualidade técnica¹⁰². Ao final da fase de *draft* dedicada às atletas internacionais — etapa em que as equipes que compunham a liga deveriam escolher, a partir de uma lista de atletas disponíveis, com quais jogadoras desejavam contar — Formiga acabou ocupando um lugar de prestígio ao ser a primeira escolhida dentre as jogadoras estrangeiras, à frente das compatriotas Marta e Cristiane¹⁰³. Ao todo, nove atletas brasileiras rumaram aos Estados Unidos da América para se juntarem à nova liga, que iniciou suas atividades em 2009¹⁰⁴.

7 FORMIGA VETERANA E A HORA DE PARAR (2010-2016)

⁹⁹ COBOS, Paulo. ‘Heroína da resistência’, Formiga honra o nome. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 ago. 2008. Pequim 2008, p. D4.

¹⁰⁰ SEIXAS, Fábio. Retranca americana bate talento brasileiro de novo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 ago. 2008. Pequim 2008, p. D3.

¹⁰¹ SEIXAS, Fábio. Sem prêmio, atletas veem sonho longe. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 ago. 2008. Pequim 2008, p. D3.

¹⁰² BASTOS, Mariana. Nova liga americana caça brasileiras. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 07 set. 2008. Esporte, p. D5.

¹⁰³ Disponível em:

<<https://archive.ph/20130202134811/http://www.socceramerica.com/index.cfm#selection-889.1-915.19>>
. Acesso em: 10 nov. 2023.

¹⁰⁴ ARAÚJO, Carolina. Forasteiras são atração do futebol nos EUA. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 mar. 2009. Esporte, p. D2.

Ao analisarmos a cobertura da seleção feminina realizada pela *Folha de S. Paulo* entre 2010 e 2016, ano em que Formiga anunciou sua aposentadoria da seleção brasileira de futebol, foi possível identificar que esta configurou-se a partir de três eixos principais. Em primeiro lugar, Marta tornou-se o símbolo máximo da seleção feminina nas páginas da *Folha*. Detentora de inúmeros prêmios de melhor jogadora do mundo, a atleta alagoana estabeleceu-se como a principal ídolo e porta-voz da equipe. Em segundo lugar, foi durante este período em que a *Folha* passou a noticiar seguidos insucessos da seleção brasileira, que acabaria as Copas de 2011 e 2015, e os Jogos do Rio-2016, em colocações abaixo do esperado pela imprensa. Por fim, foi durante este recorte temporal em que surgiu nas páginas do periódico a representação da *Formiga Veterana*, dona de recordes de jogos e participações em competições internacionais à serviço da seleção canarinho.

7.1 Entre a Copa do Mundo de 2011 e os Jogos de Londres, uma *Formiga Veterana*

Se as medalhas de prata nos Jogos de Atlanta-2004 e Pequim-2008, e o vice-campeonato na Copa do Mundo de 2007 não trouxeram os investimentos à modalidade do futebol feminino no Brasil como esperavam as atletas, os bons desempenhos da seleção brasileira ao menos fizeram com que os olhos da imprensa estivessem voltados para a equipe às vésperas e durante a Copa de 2011¹⁰⁵.

Realizado na Alemanha, o torneio mundial contou com a presença de 16 times, que foram divididos em 4 grupos para a disputa da fase inicial. Após as vitórias contra Austrália, Noruega e Guiné Equatorial, o Brasil classificou-se no primeiro lugar de seu grupo, somando sete gols feitos e nenhum sofrido. Na fase seguinte, as brasileiras acabaram desclassificadas pelos Estados Unidos da América após um empate em 2 a 2 que levou à disputa de pênaltis. Na decisão do torneio, o Japão sagrou-se campeão pela primeira vez em sua história após derrotar as norte-americanas.

Às vésperas da Copa, a *Folha de S. Paulo* voltou a salientar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres brasileiras que tentavam viver do futebol em sua terra natal. Ao longo da reportagem “Do terrão à seleção”¹⁰⁶, o jornal identificou a “falta de estrutura e profissionalismo, campeonatos desinteressantes ao público em geral, pouco investimento e

¹⁰⁵ A atenção dedicada às futebolistas pode ser percebida pelo acréscimo no número de matérias sobre as atletas brasileiras na competição; o aumento do número de colunas cujo tema central foi o desempenho das futebolistas; e a presença das jogadoras nas capas do caderno de esportes da *Folha*.

¹⁰⁶ REIS, Lucas. Do terrão à seleção. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 05 jun. 2011. Esporte, p. D8.

visibilidade” (REIS, 2011) como sendo alguns dos fatores que moldavam o futebol feminino no Brasil. Nem mesmo a seleção escapava das condições precárias da modalidade, haja visto que duas das atletas pré-convocadas para a Copa da Alemanha estavam desempregadas: Renata e Formiga. Segundo a *Folha*, “elas podem ser campeãs na Europa, ganhar o mundo, mas têm o presente e o futuro incertos” (REIS, 2011).

Iniciada a competição, Marta, eleita quatro vezes a melhor jogadora do mundo, rapidamente assumiu o papel de protagonista do time feminino nas páginas da *Folha de S. Paulo*. Parte de seu protagonismo pode ser observado em “Nossa seleção não precisa provar mais nada a ninguém”¹⁰⁷, entrevista assinada pelo jornalista Lucas Reis, em que a atleta alagoana é ouvida a respeito de diversos assuntos ligados ao universo do futebol feminino.

Um dos fatores elencados por Marta que dificultavam o bom desempenho das atletas brasileiras era a ausência de calendário regular, temática que voltaria a aparecer nas páginas da *Folha* na matéria “Falta de entrosamento”¹⁰⁸, que informava o baixo número de jogos realizados pela seleção brasileira desde a última Copa do Mundo, ocorrida quatro anos antes, situação que contribuía para a falta de entrosamento entre as jogadoras. De acordo com a matéria, enquanto as seleções dos Estados Unidos e do Canadá haviam disputado, respectivamente, 76 e 60 jogos desde 2007, o Brasil havia realizado apenas 32 partidas, número superior apenas aos das seleções da Coreia do Norte, Nigéria, Colômbia e Guiné Equatorial.

Ao passo que a falta de entrosamento havia sido apontada como um dos motivos para a fraca estreia diante da Austrália, a boa atuação da atacante Marta foi amplamente destacada como tendo sido crucial para a vitória sobre a Noruega pelo placar de 3 a 0¹⁰⁹. A camisa dez da seleção também foi elogiada em “Domingão da Marta”¹¹⁰, coluna escrita por Juca Kfourri. Ao passo que afirmou ser Marta “uma das três pessoas que melhor jogam futebol pelo mundo afora” (KFOURI, 2011), o jornalista criticou o meio de campo da seleção.

Pena que o meio de campo da seleção nunca mais tenha encontrado um talento como o de Sisleide de Amor Lima, a fabulosa Sissi, porque com ela a Marta teríamos Didi e Pelé outra vez juntos. **Formiga trabalha, mas está longe de alimentar Marta e Cristiane como ambas merecem.** (KFOURI, 2011) [grifos nossos]

¹⁰⁷ REIS, Lucas. Nossa seleção não precisa provar mais nada a ninguém. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 28 jun. 2011. Esporte, p. D6.

¹⁰⁸ REIS, Lucas. Falta de entrosamento. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03 jul. 2011. Esporte, p. D12.

¹⁰⁹ MELHOR. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 04 jul. 2011. Esporte, p. D12.

¹¹⁰ KFOURI, Juca. Domingão da Marta. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 04 jul. 2011. Esporte, p. D3.

Após a vitória brasileira sobre a seleção de Guiné Equatorial pela última rodada da fase de grupos, Kfourri voltaria a criticar a atuação do meio de campo da seleção brasileira, desta vez dando ainda mais ênfase ao que via como más atuações da volante Formiga.

[...] **Já foi dito aqui que o meio de campo deixa a desejar porque a nossa Formiga já está cansada, cinco Copas do Mundo nas costas.** O que lhe sobra em experiência, e por isso merece todo o respeito, falta em capacidade criativa e de alimentação ao ataque, o que obriga Marta a voltar demais para buscar jogo, o que a tira do espaço onde é mais letal. Como resolver, francamente, não sei, porque não há mesmo ninguém no grupo que possa fazer o papel de pensadora e armadora do time, o que revela que a falta de tal especialista não se limita aos homens do Brasil. (KFOURI, 2011) [grifos nossos]

As palavras de Kfourri, que associava o mal desempenho do meio campo brasileiro ao cansaço da experiente Formiga, contribuíram para o que identificamos ser a construção de uma representação sobre a atleta baiana centralizada em sua longa experiência à serviço da seleção brasileira; recordes de participações em competições internacionais; e idade avançada para os padrões de atletas de futebol. Como veremos no decorrer deste trabalho, a *Formiga Veterana* tornaria-se uma representação constantemente acionada nas páginas da *Folha* até a sua aposentadoria em 2016.

Às vésperas da partida contra os Estados Unidos da América, Formiga foi citada, ao lado da goleira Andréia, a zagueira Aline Pellegrino e a atacante Marta, como uma das experientes estrelas da seleção brasileira. Segundo a matéria “Gerações”¹¹¹, assinada pelo jornalista Lucas Reis, uma derrota para os Estados Unidos poderia significar uma renovação obrigatória no selecionado. Neste sentido, do alto de seus 33 anos, Formiga poderia ser uma das peças a serem substituídas em um eventual processo de revitalização da equipe.

De fato, a derrota para as norte-americanas veio, e com ela também vieram as críticas ao desempenho da equipe. Ao passo que a capa do caderno de esportes repercutindo a derrota brasileira estampou uma fotografia de Marta olhando para baixo, completamente desolada, seguida da manchete “Acostumado a perder”¹¹², o conteúdo do jornal trouxe a reportagem “Sem título, sem arte”¹¹³, texto que sugeria que o futebol feio apresentado na queda diante das norte-americanas era somente o último de uma série de fracassos das equipes da CBF em mundiais. Apesar dos dois gols da estrela Marta — um deles na prorrogação — Ricardo Reis,

¹¹¹ REIS, Lucas. Gerações. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 jul. 2011. Esporte, p. D10.

¹¹² ACOSTUMADO a perder. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 jul. 2011. Esporte, p. D1.

¹¹³ REIS, Lucas. Sem título, sem arte. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 jul. 2011. Esporte, p. D2.

que assina a matéria, aponta que a “seleção brasileira feminina perdeu como sempre, mas jogou feio como nunca” (REIS, 2011), uma alusão às últimas três derrotas em finais de grandes torneios internacionais.

Se a campanha brasileira na Copa do Mundo da Alemanha já havia sido um tanto quanto decepcionante aos olhos da imprensa, a atuação das atletas brasileiras voltaria a ser duramente criticada no ano seguinte, em decorrência de uma péssima campanha nos Jogos Olímpicos de Londres. Após vitórias diante da seleção de Camarões e da Nova Zelândia, o Brasil acabou derrotado pela Grã-Bretanha no último confronto da primeira fase, resultado que fez com que as brasileiras avançassem na segunda colocação de seu grupo. Na fase seguinte, o Brasil foi derrotado pelo Japão por 2 a 0, e despediu-se dos Jogos com a pior campanha de sua história. Ao final do torneio, a seleção dos Estados Unidos da América conquistou a medalha de ouro após vitória sobre as japonesas pelo placar de 2 a 1.

De acordo com a cobertura da *Folha de S. Paulo* sobre o futebol feminino ao longo do ano de 2012, eram más as condições gerais da modalidade tanto no Brasil quanto no exterior. Na reportagem “Para quase ninguém”¹¹⁴, assinada pelo jornalista Marcel Rizzo, o leitor era informado que, às vésperas da decisão da Copa do Brasil — único campeonato nacional feminino organizado pela CBF —, as brasileiras tinham que conviver com a falta de estrutura e o anonimato em sua terra natal. Identificada pelo jornal como um campeonato “que não emplacou” (RIZZO, 2012), a Copa do Brasil não contou com transmissão televisiva, obteve uma baixa média de público — 320 presentes — e, na ausência de grandes clubes participantes, era integrada por times que contavam com o apoio de prefeituras, como eram os caso dos finalistas São José dos Campos e Centro Olímpico.

Nos Estados Unidos da América, a segunda tentativa de se organizar uma liga de futebol feminino consistente fracassou com o encerramento da Women’s Professional Soccer (WPS), fato noticiado na matéria “Futebol das mulheres vai mal nos EUA”¹¹⁵. De acordo com o texto, “a eterna situação de penúria do futebol feminino se espalhou e chegou aos EUA, ex-eldorado da categoria” (FERNANDEZ, 2012) resultando em dezenas de atletas desempregadas. Uma vez vistas como atração principal da liga, nenhuma atleta brasileira jogava nos Estados Unidos à época do encerramento da competição. Tal situação era bastante diversa à realidade vivida em 2008, quando as sul-americanas compuseram quatro das cinco primeiras escolhas no *draft*.

¹¹⁴ RIZZO, Marcel. Para quase ninguém. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03 jun. 2012. Esporte, p. D6.

¹¹⁵ FERNANDEZ, Martin. Futebol das mulheres vai mal nos EUA. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 jul. 2012. Esporte, p. D3.

Quanto à cobertura da *Folha* sobre a participação brasileira na Olimpíada de Londres, esta foi impactada diretamente pela rápida eliminação do Brasil na primeira fase de mata-mata. Neste sentido, à luz da análise do corpo documental, identificamos como um ponto a ser destacado por este trabalho o fato de que a reafirmação da representação da *Formiga Veterana* nas páginas do jornal tornou-se uma constante durante a cobertura da seleção feminina nos Jogos.

Ao passo que a matéria “Experiência e longevidade”¹¹⁶ citou Formiga — que, aos 34 anos, iria à sua 5ª Olimpíada — enquanto a última remanescente do time de futebol que foi a Atlanta-96, a atleta baiana estampou a capa do caderno Folha Londres 2012¹¹⁷, que informava o elevado número de participações olímpicas da jogadora. Na matéria contida no interior do mesmo caderno, intitulada “Recordista brasileira em Jogos, Formiga vê feito como ‘normal’”¹¹⁸, o jornalista Nelson Barros Neto traz informações sobre a expectativa da atleta em se tornar a mulher com mais participações olímpicas pelo país, empatando com a jogadora de vôlei Fofão. Para Formiga, que se recorda da participação, aos dezoito anos, em Atlanta-96 como “coisa de outro mundo”, a quebra de recordes era vista como algo normal. O que realmente importava para Miraildes era o tão sonhado ouro.

“Sinceramente, não ligo para essas coisas não. Claro que é importante para qualquer atleta, mas é algo normal para mim”. Em Pequim-08, Fofão se aposentou da seleção com a medalha de ouro. Após bater na trave nas últimas duas disputas, ambas com derrotas para os EUA, esse é o objetivo de Formiga, que se coloca à disposição para os Jogos do Rio, quando terá 38 anos. **“Acredito muito nessa equipe, estamos bem mais experientes. Sem dúvidas, iremos lutar pelo ouro”**, afirma. No ano passado, a meio-campista voltou do Pan desempregada. Desta vez, celebra: o contrato com o São José-SP, onde ganhou o título brasileiro, vai até dezembro. (NETO, 2012). [grifos nossos]

Após a vitória diante da Nova Zelândia pela segunda rodada da fase de grupos, duelo em que o Brasil saiu de campo classificado para a próxima fase e Formiga atingiu a marca de 100 jogos pela seleção, a falta de empolgação de Miraildes com os recordes pessoais voltaria às páginas da *Folha*: “É um grande orgulho para mim, mas confesso que não tinha pensado

¹¹⁶ BRITO, Daniel; LAJOLO, Mariana. Experiência e longevidade. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 jul. 2012. Especial, p. 16.

¹¹⁷ IGUAL mas diferente. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 jul. 2012. Londres 2012, p. D1.

¹¹⁸ NETO, Nelson Barros. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 jul. 2012. Londres 2012, p. D6.

nisso’, comentou a camisa 8 do time nacional. ‘Estou aqui só pensando em ganhar o ouro’” (SELEÇÃO, 2012)¹¹⁹.

Derrotadas pelo Japão nas quartas de final, as brasileiras tiveram de adiar mais uma vez o sonho da conquista do ouro olímpico. Como já havia acontecido em outras oportunidades, a expectativa de subir ao lugar mais alto do pódio cedeu lugar à cobrança das atletas por melhorias na modalidade. Ouvidas pela equipe de reportagem da *Folha*, as atacantes Marta e Cristiane pediram por mais apoio para o esporte¹²⁰. Em suas falas, é possível vislumbrar que os olhares das jogadoras já estavam voltados para a próxima Olimpíada, a ser disputada no Brasil.

A seleção feminina deixou o estádio de Cardiff repetindo o pedido de apoio estrutural à modalidade no país. **“Tem que ser um projeto a longo prazo, hoje o futebol feminino tem que começar do zero para tentar mudar alguma coisa para 2015 e 2016”**, disse a atacante Cristiane. “Se você olhar, nosso esporte em geral, está horrível, olha nosso quadro de medalhas. Que apoio a gente tem?”, falou a atacante. Marta, estrela da equipe, que evitou falar sobre participar dos Jogos do Rio, adotou um discurso mais ameno. “A gente chegou a uma competição com todos os requisitos para desenvolver bem. E o que a gente cobra é que isso continue, talvez não para mim e para a Cristiane, mas para as meninas que sonham chegar na seleção.” (COLON, 2012)

7.2 Copa do Mundo de 2015 e os Jogos do Rio-16

Com a chegada da Copa do Mundo de 2015, disputada no Canadá, a *Folha de S. Paulo* realizaria uma cobertura marcada tanto pela afirmação da má fase da seleção brasileira de futebol feminino quanto pelo reforço da representação da *Formiga Veterana*, que, à serviço do selecionado nacional, quebrava cada vez mais recordes.

Para a realização da 7ª Copa do Mundo de Futebol Feminino, a FIFA aumentou o número de participantes do torneio, passando de 16 para 24 seleções, que foram divididas em 6 grupos de quatro equipes para a disputa da fase inicial. No grupo E, o Brasil conquistou três vitórias diante das seleções da Coreia do Sul, Espanha e Costa Rica, desempenho suficiente para que a equipe avançasse em primeiro lugar. Nas oitavas, as brasileiras foram surpreendidas pelas australianas e, derrotadas pelo placar de 1 a 0, despediram-se do torneio.

¹¹⁹ SELEÇÃO feminina passa aperto, mas já sela a classificação. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 jul. 2012. Londres 2012, p. D6.

¹²⁰ COLON, Leandro. Equipe de Marta cai e faz sua pior campanha. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 04 ago. 2012. Londres 2012, p. D10.

Na grande final, Japão e Estados Unidos reeditaram a final olímpica, e as norte-americanas sagraram-se campeãs mundiais pela terceira vez.

Eclipsada pela disputa da Copa América masculina, a disputa da Copa do Mundo do Canadá foi pouco comentada pela *Folha*, como evidencia a diminuta repercussão realizada pelo periódico a respeito da vitória das brasileiras sobre a Coreia do Sul, partida de estreia da seleção na competição¹²¹. Tamanha falta de interesse da *Folha* acabou sendo duramente criticada por uma de suas colunistas, a jornalista Mariliz Pereira Jorge, autora do texto “Futebol, sangue, suor e machismo”¹²².

Todo mundo sabe que está tendo Copa América. Mas talvez você não tenha se dado conta de que a Copa do Mundo feminina de futebol começou há uma semana no Canadá. **Quase não se fala nisso. Ninguém. Nem o público nem a imprensa. A própria Folha vem ignorando solenemente a competição. Abro o jornal, nada. Entro no site, nada. Me pergunto se a imprensa ignora por falta de interesse do público ou se o público acaba não se interessando em razão da cobertura pífia.** [...] A seleção das garotas só vai virar notícia se começar a ganhar e chegar à final no dia 5 de julho, em Vancouver — onde eu gostaria de estar. Mesmo no futebol feminino, são os homens os donos da bola, tanto os que escolhem um gramado de merda quanto os que pautam as notícias, ou a falta delas. Se isso tudo não é machismo, gostaria de saber o que é. (JORGE, 2015) [grifos nossos].

Apesar de contundente, as críticas não surtiram o efeito necessário para que a cobertura da Copa do Mundo mudasse drasticamente. Todavia, mesmo que reduzidos, os textos publicados pela *Folha* permitiram identificar que o periódico continuou a ressaltar a longevidade da meio-campista Formiga.

Ao passo que a *Folha* já havia atribuído à futebolista baiana o adjetivo de “veterana” ao mencionar seu gol na partida de estreia¹²³, seria na reportagem “Formiga, 37, lidera seleção contra a Espanha na Copa do Mundo”¹²⁴ em que a *Folha* elencaria de vez Miraildes ao papel de referência da seleção brasileira feminina. Ouvida pela reportagem, a quarta jogadora mais

¹²¹ BRASIL vence e segue sem tomar gol em estreias. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 jun. 2015. Esporte, p. B8.

¹²² JORGE, Mariliz Pereira. Futebol, sangue, suor e machismo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 jun. 2015. Esporte, p. B14.

¹²³ BRASIL vence e segue sem tomar gol em estreias. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 jun. 2015. Esporte, p. B8.

¹²⁴ COSENZO, Luiz. Formiga, 37, lidera seleção contra a Espanha na Copa do Mundo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13. jun. 2015. Esporte, p. B15.

velha daquele torneio pareceu saber muito bem o que ela representava para a seleção nacional e o tamanho da influência que exercia sobre as jogadoras mais jovens.

“Converso com as meninas que até hoje procuro saber de que mundo eu vim pela energia e disposição que tenho aos 37 anos. Sei que sirvo de referência para o grupo e espero que elas sigam o mesmo caminho. Quando você faz algo bom, se torna espelho”, disse Formiga à *Folha*. (CONSENZO, 2015)

Terminada a fase grupos, o Brasil rumou para enfrentar aquela que era considerada pela imprensa como a sua maior freguesa, a Austrália: “O adversário no caminho não poderia ser melhor, pelo menos no histórico dos confrontos. A Austrália é o maior freguês do Brasil em partidas válidas por Copas do Mundo e pelos Jogos Olímpicos” (COSENZO, 2015), escreveu o jornalista Luiz Cosenzo. Todavia, o favoritismo brasileiro acabou por não se concretizar, tendo as australianas se classificado para as semifinais após ganharem pelo placar de 1 a 0.

Em “Goleira falha, e Brasil está fora da Copa”¹²⁵, a *Folha* repercutiu a derrota das brasileiras, salientando que a melhor oportunidade havia surgido dos pés — ou melhor, da cabeça — da “veterana Formiga, 37” (GOLEIRA, 2015), que acertou a trave adversária aos 17 minutos do segundo tempo. A atuação da longeva atleta soteropolitana também seria elogiada na coluna “Vexame Afastado”¹²⁶, escrita por Juca Kfourri, que afirmou que “se Marta já não é mais a mesma, Formiga, aos 37, está cada vez melhor” (KFOURI, 2015).

A despeito da má campanha brasileira na Copa do Canadá, o ano de 2015 — analisado à luz da produção jornalística da *Folha de S. Paulo* — pode ser entendido como aquele em que Miraildes alcançou um novo patamar de reconhecimento profissional. A hipótese sustentada por este trabalho que explicaria este fenômeno estrutura-se a partir de dois fatores principais.

Em primeiro lugar, se antes a qualidade do futebol de Formiga — assim como do futebol praticado por mulheres de uma maneira geral — era constantemente avaliado através de critérios subjetivos, muitos dos quais afeitos às predileções dos jornalistas, a quebra de marcas e a conquista de recortes concretos, como o número de participações em competições internacionais e de jogos pela seleção brasileira, tornaria inequívoca sua relevância tanto para o contexto do futebol feminino quanto para a história do esporte nacional.

¹²⁵ GOLEIRA falha, e Brasil está fora da Copa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 jun. 2015. Esporte, p. B2.

¹²⁶ KFOURI, Juca. Vexame afastado. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 jun. 2015. Esporte, p. B3.

Em segundo lugar, parte da crescente valorização da trajetória de Formiga foi catalisada por iniciativas que tinham como propósito resgatar a memória e a contribuição das mulheres para o universo do futebol brasileiro. Uma dessas iniciativas foi a implementação do projeto “Visibilidade para o Futebol Feminino” no Museu do Futebol — à época sob a direção técnica de Daniela Alfonsi — buscando “tornar mais conhecida a trajetórias das mulheres que lutaram pelo direito de jogar bola e conseguiram, ainda que de forma tardia”¹²⁷. Ao repercutir a novidade chegada ao museu paulistano, a *Folha de S. Paulo* afirmou que a inserção de Marta e Formiga no panteão de ídolos do espaço Anjos Barrocos havia sido merecida¹²⁸.

No ano seguinte, a *Folha* voltaria a dar ênfase à cobertura da seleção brasileira de futebol feminino em decorrência dos Jogos do Rio 2016. Por ter sido aquele o primeiro torneio olímpico disputado em solo nacional, a expectativa sobre as jogadoras brasileiras nunca esteve tão alta. Após vencer a China por 3 a 0 na estreia, o Brasil derrotou a seleção da Suécia por 5 a 1, e concluiu a fase de grupos na primeira colocação ao empatar em 0 a 0 contra a seleção sul-africana. Nas quartas de final, um novo empate sem gols, desta vez diante da Austrália, acabou levando a partida para os pênaltis, tendo o Brasil saído vencedor após a goleira Bárbara defender a cobrança de Kennedy. Na fase seguinte, as brasileiras voltaram a enfrentar a Suécia, mas o resultado foi bem diferente da goleada empregada na fase de grupos: após o 0 a 0 persistir no placar, o Brasil acabou eliminado nos pênaltis. Na disputa pela medalha de bronze, a derrota diante do Canadá pôs fim ao sonho das jogadoras brasileiras de subir ao pódio em casa. Ao final do torneio, a Alemanha conquistaria a medalha de ouro.

Sem sombra de dúvidas, Marta e Formiga foram as principais personagens presentes nas páginas da *Folha de S. Paulo* durante a cobertura dos Jogos do Rio. Enquanto a primeira foi alvo de inúmeras comparações com o atacante Neymar, camisa dez da seleção masculina, Formiga, por sua vez, foi transformada no tema principal de matérias que destacavam sua vasta experiência e longevidade — aspectos que reforçaram a representação da *Formiga Veterana*.

Em “Brigo por igualdade desde que comecei a jogar bola”¹²⁹, entrevista concedida por Marta ao jornalista Luiz Cosenzo, a então cinco vezes melhor do mundo declarou que as dificuldades enfrentadas pelas jogadoras de futebol no Brasil teriam sido os principais

¹²⁷ Exposição Visibilidade para o futebol feminino. Disponível em: <<https://museudofutebol.org.br/exposicoes/visibilidade-para-o-futebol-feminino/>>. Acesso em: 08.nov.2023

¹²⁸ FUTEBOL unissex. **Revista São Paulo**, São Paulo, 05 jul. 2015. Atrações, p. 32.

¹²⁹ COSENZO, Luiz. Brigo por igualdade desde que comecei a jogar bola. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 jul. 2016. Esporte, p. B15.

motivos para os fracassos brasileiros recentes, já que muitas jogadoras haviam ficado pelo caminho “por falta de oportunidade ou pela opção de trabalhar para se manter” (COSENZO, 2016), o que prejudicava a renovação do selecionado. Perguntada se existia pressão ou cobrança pela medalha de ouro, Marta declarou:

Desde que a seleção se formou, e o apoio era menor, já existia a cobrança. No Brasil, o segundo lugar é menos do que nada. Se fosse, estaríamos numa situação melhor pelas duas pratas que conseguimos. Não podemos nos cobrar muito, das outras vezes, houve bastante cobrança e isso atrapalhou. (COSENZO, 2016) [grifos nossos]

Às vésperas da estreia olímpica, a equipe brasileira vivia a ansiedade de ser o centro das atenções por terem de iniciar os Jogos do Rio antes das demais modalidades, já que o calendário do futebol precisaria estender-se para dar conta do tempo de recuperação das atletas entre as partidas. Sobre o tema, Marta, líder e porta-voz da equipe, declarou: “É meio estranho entrar antes da abertura, todos olhando para a gente. Mas é o momento de mostrarmos que todo esse trabalho valeu a pena” (RIZZO, 2016)¹³⁰.

Empolgados, os vinte e sete mil presentes no Estádio Nilton Santos, o Engenhão, fizeram uma grande festa durante a vitória brasileira sobre a China. “Teve momentos em que a China parecia que iria engrenar no jogo, mas a torcida ia lá, gritava, e nos colocava para frente. O apoio dos torcedores foi sensacional, eles nos abraçaram mesmo” (RIZZO, 2016)¹³¹, declarou Marta ao fim da partida.

Como evidenciado pela *Folha* em “Torcida consagra Marta em noite de goleada do Brasil”¹³², os torcedores voltaram a abraçar a craque alagoana durante a vitória brasileira diante da Suécia, pela segunda rodada da fase de grupos. Ao longo do confronto, a atleta eleita cinco vezes melhor do mundo ouviu a plateia gritar o seu nome incessantemente. Para os milhares de compatriotas presentes, a afirmação “Ah, Marta é melhor que Neymar!” era o mantra da vez, entoado a plenos pulmões.

Seja como forma de crítica a seleção masculina, que havia empatado seus dois primeiros jogos pelo placar de zero a zero, ou como apoio à Marta e às mulheres da seleção feminina, fato é que a torcida brasileira continuaria a entoar as comparações entre os dois

¹³⁰ RIZZO, Marcel. Estrelas por um dia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03 ago. 2016. Rio 2016, p. B1.

¹³¹ RIZZO, Marcel. Com festa, Brasil bate a China na estreia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 04 ago. 2016. Rio 2016, p. B4.

¹³² RIZZO, Marcel. Torcida consagra Marta em noite de goleada do Brasil. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 07 ago. 2016. Rio 2016, p. B9.

camisas dez brasileiros, tema que voltaria a ser destacado pela *Folha* em outras oportunidades¹³³. Todavia, faz-se necessário salientar que Marta evitava, sempre que perguntada, as comparações com o compatriota Neymar¹³⁴.

Por outro lado, a cobertura da *Folha* sobre a atleta Formiga nos Jogos do Rio foi balizada pela expectativa de que a baiana alcançasse a marca de seis participações em Olimpíadas, tornando-se assim a atleta brasileira que mais vezes havia participado da competição. Neste sentido, Miraildes foi mencionada, ao lado do velejador Robert Scheidt, como uma exceção na delegação do Brasil, a maior e mais inexperiente das que já estiveram presentes em Jogos Olímpicos^{135 136}.

Às vésperas do duelo contra a China, a *Folha de S. Paulo* dedicaria uma longa reportagem para falar das marcas a serem conquistadas por Miraildes assim que ela entrasse em campo¹³⁷. Além de se tornar a atleta brasileira com maior número de presenças olímpicas, deixando para trás a compatriota Fofão, do vôlei, Formiga se juntaria ao seleto grupo de atletas de esportes coletivos com mais participações em Olimpíadas. Por fim, a baiana também se igualaria ao “iatista Torben Grael, o mesatenista Hugo Hoyama e o cavaleiro Rodrigo Pessoa como os brasileiros que mais vezes estiveram no evento” (RIZZO, 2016).

Ouvida pela reportagem, Formiga afirmou que aqueles seriam seus últimos Jogos, assim como também salientou o fato de que sua experiência poderia ser útil às atletas mais jovens.

“Vai ser a última [Olimpíada], certeza. Estou me cuidando e me entregando 100% aos treinamentos para que a última seja a melhor de todas”, disse Formiga. As companheiras da votante concordam com esse “estar se cuidando”. “A Formiga, se deixar, corre mais do que todas aqui, Temos até de falar para ela parar um pouco”, brincou a zagueira Erika, 28. A baiana, que começou a jogar bola nas ruas de Salvador, quando ainda era uma criança, rodou o mundo graças ao futebol — são também seis Copas do Mundo no currículo, outro recorde de participações, ao lado da japonesa Sawa. E não apenas pela equipe nacional: Formiga jogou em clubes da

¹³³ KÜCHLER, Adriana. Feminismo olímpico. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 ago. 2016. Rio 2016, p. B5.

¹³⁴ FUTEBOL feminino pega a Suécia por 1º lugar na chave. **Folha de S. Paulo**, 06 ago. 2016. Rio 2016, p. B9.

¹³⁵ MARRA, Renan; MENEGAT, Rodrigo. Maior delegação brasileira é também mais inexperiente. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 jul. 2016. Esporte, p. B2.

¹³⁶ CURIOSIDADE. **Guia Folha**, 30 jul. 2016. p. 15.

¹³⁷ RIZZO, Marcel. Aos 38, Formiga iguala recorde de participações. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03 ago. 2016. Rio 2016, p. B2.

Suécia e dos Estados Unidos e **atualmente faz parte da seleção permanente**¹³⁸, um projeto da CBF de reunir as jogadoras para treinos e amistosos, em período integral, como um clube, e com o pagamento de salário. **“O time tem experiência. Estamos eu, a Marta e a Cristiane com jogadoras jovens. Acho que isso pode dar certo”**, afirma Formiga, que não costuma se prolongar muito nas respostas. (RIZZO, 2016) [grifos nossos]

Do alto dos seus 38 anos, Formiga não deixou de demonstrar a sua preocupação com o futuro da seleção brasileira, instituição que defendia há mais de 20 anos, nem mesmo após a derrota para a Suécia nas semifinais. Em “Seleção repete roteiro sem gols, cai na semi e disputa o bronze”¹³⁹, reportagem assinada pelo jornalista José Henrique Mariante, Formiga foi enfática ao afirmar: “Precisamos acelerar esse processo. Nossos adversários renovam as equipes de forma muito rápida” (MARIANTE, 2016).

De acordo com matéria da *Folha de S. Paulo* publicada às vésperas da derrota para as canadenses na disputa do terceiro lugar, partida que decretou a ausência brasileira no pódio, renovar a equipe era um motivo de preocupação¹⁴⁰, já que o pilar da equipe estaria um tanto quanto envelhecido para os Jogos de Tóquio-2020. “Marta terá 34 anos, ao passo que Cristiane terá 35 e Formiga, 42. Até o momento, nenhuma jogadora foi tão importante para o Brasil quanto as três, embora existam nomes para cumprir o papel delas” (SETO, 2016).

Ao final daquele ano, Miraildes se aposentaria da seleção brasileira. Sua última partida com a amarelinha, a final do Torneio Internacional, frente à Itália, também foi a 160ª vez em que a atleta baiana representou a seleção nacional, recorde entre homens e mulheres. Ao sair de campo, declarou:

Foram muitos anos de luta, dedicação. Peço que elas continuem lutando e não desistam de maneira alguma. Mesmo do lado de fora estarei lutando ao lado delas. A luta ainda não acabou. Vamos continuar firmes em busca dos nossos sonhos [...] É uma honra para mim estar lutando pelo futebol feminino, mas infelizmente cheguei a

¹³⁸ Criada pela CBF em 2015, a seleção permanente foi um projeto que pretendia assegurar às jogadoras da seleção o pagamento de salários e condições de treinamento para que elas continuassem praticando futebol apesar da instabilidade da modalidade. Das 18 jogadoras convocadas para os Jogos do Rio 2016, informa a *Folha*, quase todas passaram pelo grupo permanente, onde o salário variava entre R\$4000 e R\$6800 brutos, além do pagamento de diárias de R\$250 (SETO, 2016).

¹³⁹ MARIANTE, José Henrique. Seleção repete roteiro sem gols, cai na semi e disputa o bronze. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 ago. 2016. Rio 2016, p. B4.

¹⁴⁰ SETO, Guilherme. Ao fim da Rio-2016, renovar time feminino é motivo de preocupação. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 ago. 2016. Rio 2016, p. B6.

minha hora. Não queria, mas ela chega para todos nós (MANSUR; DANTAS, 2016)¹⁴¹.

8 CONCLUSÃO

Como foi possível observar ao longo deste trabalho, a cobertura do futebol feminino realizada pela *Folha de S. Paulo* ao longo das últimas três décadas foi marcada, de uma maneira geral, pela denúncia das más condições de trabalho impostas às futebolistas no Brasil. Se, em um primeiro momento, a tímida repercussão dos principais campeonatos da modalidade refletia a pouca importância que o veículo paulistano concedia às jogadoras de futebol, pouco a pouco as brasileiras conquistaram os holofotes através de boas atuações e conquistas expressivas.

A partir da análise minuciosa dos discursos veiculados pela *Folha*, também foi possível acompanhar a gênese do discurso que vinculava possíveis melhorias da modalidade às conquistas esportivas. Para frustração das atletas — sentimento explicitado nas páginas do periódico — a conquista de duas medalhas de prata olímpicas não resultaram em melhorias estruturais que pudessem impedir com que as craques brasileiras tivessem de jogar bola no exterior para garantir melhores condições de vida.

No mesmo sentido, a análise das representações da jogadora Formiga veiculadas pela *Folha de S. Paulo* permitiu identificar as diferentes maneiras pelas quais o periódico concebia e repercutia a presença e as atuações da atleta baiana ao longo de duas décadas a serviço da seleção brasileira. De *Jovem Formiga* à jogadora veterana, a passagem de Miraildes pelas páginas da *Folha* foi marcada pela transformação de uma promissora atleta em um dos maiores ícones do esporte.

Entretanto, se faz necessário reafirmar que nem mesmo um dos maiores expoentes da modalidade do futebol feminino conseguiu escapar do processo de inviabilização e anulação simbólica pelo qual estão sujeitas as jogadoras de futebol em nosso país, haja visto que poucas informações detalhadas sobre sua carreira estiveram disponíveis ao leitor da *Folha de S. Paulo* ao longo de sua trajetória profissional. Pouco pôde ser lido sobre sua atuação em equipes de futebol de salão ou em clubes de futebol no Brasil e no exterior. Pouco foi

¹⁴¹ DANTAS, Marcos; MANSUR, Gabriel. Formiga se emociona na despedida e deve continuar na comissão técnica. **ge**. Disponível em: <<https://ge.globo.com/am/futebol/noticia/2016/12/formiga-se-emociona-na-despedida-tento-segurar-mas-nao-tem-como.html>>. Acesso em: 11. nov. 2023.

repercutido sobre seus gostos, desejos e expectativas — como é corriqueiro quando se fala em cobertura jornalística sobre o futebol masculino.

REFERÊNCIAS

- ACOSTUMADO a perder. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 jul. 2011. Esporte, p. D1.
- ALEMÃES batem suecas e conquistam Mundial. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 out. 2003. Esporte, p. D4.
- ALEMANHA faz brasileiras acordarem. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 01 out. 2007. Esporte, p. D1.
- ARAÚJO, Carolina. Forasteiras são atração do futebol nos EUA. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 mar. 2009. Esporte, p. D2.
- ASSUMPÇÃO, João Carlos; BERTOLOTTTO, Rodrigo. Terceirização do feminino quer retorno com medalha. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 jul. 1996. Atlanta-96, p. 4.
- ASSUMPÇÃO, João Carlos. Seleção feminina estreia no Mundial. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 5 jun. 1995. Esporte, p. 8.
- ASSUMPÇÃO, João Carlos. Sob emoção, feminino vai para a Vila. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 jul. 1996. Atlanta-96, p. 4.
- ASSUMPÇÃO, José Carlos. Brasileiras jogam por “divulgação”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 01 ago. 1996. Atlanta-96, p. 4.
- ASSUMPÇÃO, José Carlos. Empresa vira ‘vendedora’. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 jan. 1997. Esporte, p. 13.
- ASSUMPÇÃO, José Carlos. Mulheres sobram até nos vestiários. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 jan. 1997. Esporte, p. 13.
- BASTOS, Mariana. Nova liga americana caça brasileiras. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 07 set. 2008. Esporte, p. D5.
- BERTOLOTTTO, Rodrigo. Futebol feminino vai a Sidney atrás do (vil)metal. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 3 set. 2000. Esporte, p. 10.
- BERTOLOTTTO, Rodrigo. Seleção feminina peregrina pelo Brasil. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 mai 1996. Esporte, p. 6.
- BOA noite, Cinderela. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 set. 2000. Folha Sydney 2000, p. D1.
- BONFIM, Aira Fernandes (coord.). **Histórias da Copa América Feminina**. Luque: Conmebol, 2022.

BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. 213 f. Dissertação (mestrado) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro: 2019.

BRASIL vence e segue sem tomar gol em estreias. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 jun. 2015. Esporte, p. B8.

BRASIL vence e segue sem tomar gol em estreias. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 jun. 2015. Esporte, p. B8.

BRASILEIRAS têm vaga de futebol em Olimpíada. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 jun. 1995. Esporte, p. 6.

BRITO, Daniel; LAJOLO, Mariana. Experiência e longevidade. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 jul. 2012. Especial, p. 16.

BUENO, Rodrigo. EUA preferem Mundial feminino a Copa. **Folha de S. Paulo**, 04 jul. 1999. Esporte, p. 8.

BUENO, Rodrigo. Nem EUA salvam Mundial feminino de seu anticlímax. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 set. 2003. Esporte, p. D2.

CAMARGO, Cláudio. O meio é a mensagem: a globalização da mídia. In: MARTINS; LUCA (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 2002.

COBOS Paulo. CBF bane estrelas de seu torneio feminino. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 out. 2007. Esporte, p. D3.

COBOS, Paulo. ‘Heroína da resistência’, Formiga honra o nome. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 ago. 2008. Pequim 2008, p. D4.

COBOS, Paulo. Alemanha é o caixa-forte do futebol das mulheres. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 set. 2007. Esporte, p. D2.

COBOS, Paulo. Blindado, Brasil vai às quartas no mundial. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21 set. 2007. Esporte, p. D3.

COBOS, Paulo. Com auxílio da goleira rival, Brasil vence a primeira. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 ago. 2008. Pequim 2008, p. D8.

COBOS, Paulo. Dupla artilheira move o Brasil contra Dinamarca. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 set. 2007. Esporte, p. D2.

COBOS, Paulo. Fantasma europeu põe mulheres à prova hoje. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 ago. 2008. Pequim 2008, p. D4.

COBOS, Paulo. Seleção feminina troca show por indisciplina e partidas amarradas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 ago. 2008. Pequim 2008, p. D4.

COBOS, Paulo. Seleção feminina troca show por indisciplina e partidas amarradas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 ago. 2008. Pequim 2008, p. D4.

COBOS, Paulo. Time jovem e sem verba destoa da delegação do país. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 05 ago. 2008. Pequim 2008, p. D3.

COHN, Amélia. Folha de São Paulo. In: Centro De Pesquisa E Documentação De História Contemporânea Do Brasil. **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro**. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/folha-de-sao-paulo>>. Acesso em: 04 set. 2023.

COLON, Leandro. Equipe de Marta cai e faz sua pior campanha. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 04 ago. 2012. Londres 2012, p. D10.

COSENZO, Luiz. Brigo por igualdade desde que comecei a jogar bola. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 jul. 2016. Esporte, p. B15.

COSENZO, Luiz. Formiga, 37, lidera seleção contra a Espanha na Copa do Mundo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13. jun. 2015. Esporte, p. B15.

COUTO, José Geraldo. Futebol é pra homem (e pra mulher também). **Folha de S. Paulo**, 05 jul. 1999. Esporte, p. 2.

CRUZ; PEIXOTO. Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

CURIOSIDADE. **Guia Folha**, 30 jul. 2016. p. 15.

DANTAS, Marcos; MANSUR, Gabriel. Formiga se emociona na despedida e deve continuar na comissão técnica. **ge**. Disponível em: <<https://ge.globo.com/am/futebol/noticia/2016/12/formiga-se-emociona-na-despedida-tento-s-egurar-mas-nao-tem-como.html>>. Acesso em: 11. nov. 2023.

DO AMOR, Sisleide Lima do Amor. Falsa surpresa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 28 jul. 1996. Atlanta-96, p. 8.

DO RIO, Sucursal. Feminino fotografa “ídolos” do masculino. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 5 ago. 1996. Atlanta-96, p. 6.

FALTA de apoio fez Sissi pensar em se aposentar. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 set. 2000. Folha Sydney 2000, p. D3.

FEMININO já teme desemprego. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 31 jul. 1996. Atlanta-96, p. 4.

FERNANDEZ, Martin. Futebol das mulheres vai mal nos EUA. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 jul. 2012. Esporte, p. D3.

FUTEBOL feminino pega a Suécia por 1º lugar na chave. **Folha de S. Paulo**, 06 ago. 2016. Rio 2016, p. B9.

FUTEBOL unissex. **Revista São Paulo**, São Paulo, 05 jul. 2015. Atrações, p. 32.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**, São Paulo, n. 117, p. 31-38, abr./maio/jun. 2018.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n.2, p. 143-151, 2005.

GOL de ouro cumpre última meta do COB. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 16 ago. 2003. Esporte, p. D3.

GOLEIRA falha, e Brasil está fora da Copa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 jun. 2015. Esporte, p. B2.

GRIJÓ, Fábio. Sem TV e holofotes, mulheres abrem copa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 out. 2007. Esporte, p. D4.

GUERINI, Elaine. Apresentadora da Band é a nova atacante do São Paulo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 09 fev. 1997. TV Folha, p. 8.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. In: HOLLANDA; MELO (Orgs.) **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

IGUAL mas diferente. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 jul. 2012. Londres 2012, p. D1.

JORGE, Mariliz Pereira. Futebol, sangue, suor e machismo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 jun. 2015. Esporte, p. B14.

KFOURI, Juca. Domingão da Marta. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 04 jul. 2011. Esporte, p. D3.

KFOURI, Juca. Vexame afastado. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 jun. 2015. Esporte, p. B3.

KÜCHLER, Adriana. Feminismo olímpico. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 ago. 2016. Rio 2016, p. B5.

LAJOLO, Mariana. Nem título mudará a realidade, diz seleção. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 set. 2007. Esporte, p. D1.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARIANTE, José Henrique. Seleção repete roteiro sem gols, cai na semi e disputa o bronze. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 ago. 2016. Rio 2016, p. B4.

MARRA, Renan; MENEGAT, Rodrigo. Maior delegação brasileira é também mais inexperiente. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 jul. 2016. Esporte, p. B2.

MARTA está na disputa pelo bi. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 out. 2007. Esporte, p. D3.

MELHOR. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 04 jul. 2011. Esporte, p. D12.

MORAES, Enny Vieira. **Fazendo gênero e jogando bola: futebol feminino na Bahia anos 80-90**. Bahia: EDUFBA, 2014.

MULHERES falam grosso para salvar honra do país da bola. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 ago. 2004. Guia Atenas 2004, p. 9.

NETO, Nelson Barros. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 jul. 2012. Londres 2012, p. D6.

NOGUEIRA, Ítalo. ‘O povo vai cobrar’, diz vice campeã mundial. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03 out. 2007. Esporte, p. D3.

NORUEGA bate a Alemanha e vence Mundial. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 jun. 1995. Esporte, p. 6.

OGO, Karina. Favoritas ao título estreiam em Taubaté. **Folha de S. Paulo**, 08 nov. 1997. Vale, p. 5.

OHATA, Eduardo. Seleção faz 4 em algóz do passado e vai à final. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 ago. 2008. Pequim 2008, p. D2.

RANGEL, Sérgio. Caos toma conta de seleção antes da Copa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 set. 2003. Esporte, p. D4.

RANGEL, Sérgio. Caos toma conta de seleção antes da Copa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 set. 2003. Esporte, p. D4.

RANGEL, Sérgio. Com Engenhão vazio, boleiras goleiam Uruguai. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 jul. 2007. Pan Rio 2007, p. D6.

RANGEL, Sérgio. Em alta, Adriano está na lista de eleição da Fifa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 06 out. 2004. Esporte, p. D3.

RANGEL, Sérgio. Invicto, técnico da seleção se diz vítima de inovações. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 01 out. 2003. Esporte, p. D1.

RANGEL, Sérgio. Invicto, técnico da seleção se diz vítima de inovações. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 01 out. 2003. Esporte, p. D1.

RANGEL, Sérgio. Milene vira “barbie” na seleção. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03 set. 2003. Esporte, p. D1.

RANGEL, Sérgio. Público a favor é desafio para boleiras. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 jul. 2007. Pan Rio 2007, p. D3.

RANGEL, Sérgio. Público a favor é desafio para boleiras. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 jul. 2007. Pan Rio 2007, p. D3.

RANGEL, Sérgio. Renê Simões dá primeira bronca nas jogadoras. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 mar. 2004. Esporte, p. D2.

RANGEL, Sérgio. Seleção estreia no Mundial em busca da sobrevivência. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21 set. 2003. Esporte, p. D2.

RANGEL, Sérgio. Sem futuro, boleiras encaram o México. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 jul. 2007. Pan Rio 2007, p. D6.

REIS, Lucas. Do terrão à seleção. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 05 jun. 2011. Esporte, p. D8.

REIS, Lucas. Falta de entrosamento. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03 jul. 2011. Esporte, p. D12.

REIS, Lucas. Gerações. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 jul. 2011. Esporte, p. D10.

REIS, Lucas. Nossa seleção não precisa provar mais nada a ninguém. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 28 jun. 2011. Esporte, p. D6.

REIS, Lucas. Sem título, sem arte. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 jul. 2011. Esporte, p. D2.

RIZZO, Marcel. Aos 38, Formiga iguala recorde de participações. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03 ago. 2016. Rio 2016, p. B2.

RIZZO, Marcel. Com festa, Brasil bate a China na estreia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 04 ago. 2016. Rio 2016, p. B4.

RIZZO, Marcel. Estrelas por um dia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03 ago. 2016. Rio 2016, p. B1.

RIZZO, Marcel. Para quase ninguém. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03 jun. 2012. Esporte, p. D6.

RIZZO, Marcel. Torcida consagra Marta em noite de goleada do Brasil. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 07 ago. 2016. Rio 2016, p. B9.

SALLUM, Erika. Vai para o Olimpo ou não vai? **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 jun. 1996. Folhateen, p. 4.

SÃO PAULO goleia e conquista Brasileiro. **Folha de S. Paulo**, 01 dez. 1997. Vale, p. 4.

SEIXAS, Fábio. ‘Veteranas’ veem final como alívio. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 ago. 2004. Atenas 2004, p. 3.

SEIXAS, FÁBIO. Alunas enfrentam mestras, trauma e desemprego na decisão pelo ouro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 26 ago. 2004. Atenas 2004, p. 6.

SEIXAS, Fábio. Elas estão descontroladas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 ago. 2004. Atenas 2004, p. 3.

SEIXAS, Fábio. Futebol imita Bernardinho e impõe choro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 07 ago. 2004. Esporte, p. D3.

SEIXAS, Fábio. Retranca americana bate talento brasileiro de novo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 ago. 2008. Pequim 2008, p. D3.

SEIXAS, Fábio. Seleção deixará de existir no momento do desembarque. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 ago. 2004. Atenas 2004, p. 4.

SEIXAS, Fábio. Sem prêmio, atletas veem sonho longe. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 ago. 2008. Pequim 2008, p. D3.

SEIXAS, FÁBIO. Treinador premia goleada com luau e batuque na praia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21 ago. 2004. Atenas 2004, p. 3.

SELEÇÃO feminina passa aperto, mas já sela a classificação. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 jul. 2012. Londres 2012, p. D6.

SETO, Guilherme. Ao fim da Rio-2016, renovar time feminino é motivo de preocupação. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 ago. 2016. Rio 2016, p. B6.

SETO, Guilherme. Xodó da torcida, jogadoras ganham teto de R\$ 13,5 mil por mês no Brasil. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 09 ago. 2016. Rio 2016, p. B9.

SILVA, Giovana Capucim e. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1941-1983)**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2015.

SILVA, Kelen Katia Prates. **O Jogo das Letras: práticas esportivas e futebol de mulheres nas páginas do jornal dos Sports (1931-1941)**. Curitiba: CRV, 2020.

SONINHA. À revelia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 set. 2007. Esporte, p. D4.

TIME de MS conquista o título da Copa do Brasil. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 09 dez. 2007. Esporte, p. D2.

TIME feminino atua de olho no Mundial. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 02 ago. 2003. Esporte, p. D2.

TORERO, José Roberto. ABC do futebol olímpico. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 ago. 2000. Esporte, p. D11.

TOSTÃO. Evolução do futebol feminino. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 ago. 2004, Esporte, p. D2.

TOSTÃO. O futuro do futebol feminino. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 set. 2000. Folha Sydney 2000, p. D9.

VICTOR, Fábio. Brasileiras esquecem adversidades para abrir corrida pelo inédito ouro olímpico. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 set. 2000. Folha Sydney 2000, p. D3.

VICTOR, Fábio. Brasileiras tentam subverter a lógica e eliminar EUA dos Jogos. **Folha de S. Paulo**, 23 set. 2000. Folha Sydney 2000, p. D4

VILLAMÉA, Luiza. Revolução tecnológica e reviravolta política. In: MARTINS; LUCA (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018.

WESTIN, Ricardo. Brasil não é o país do futebol (feminino). **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 abr. 2003. Esporte, p. D4.

WESTIN, Ricardo. Sem ter rivais, atletas treinam contra homens. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 abr. 2003. Esporte, p. D4.

ZAHAR, Cristina. Futebol é coisa de mulher. **Revista da Folha**, São Paulo, 18 jun. 1995. p. 13.

APÊNDICE A - Entrevista com Romeu de Castro

Data: 28/06/22, às 10h30.

VICTOR: Em primeiro lugar, gostaria de iniciar nossa conversa agradecendo por sua disponibilidade e interesse em conceder este depoimento. Como eu havia dito anteriormente, o intuito desta entrevista consiste em coletar informações que possam contribuir para a construção de novos conhecimentos a respeito da história do futebol feminino no Brasil. As informações que resultarem de nossa conversa tem finalidade acadêmica, podendo ser utilizadas tanto no desenvolvimento de minha monografia, cujo tema é a jogadora Formiga, quanto na construção de artigos e ensaios futuros. Por isso, se faz necessário perguntar: o senhor está de acordo com a publicação das informações aqui concedidas?

ROMEU: Estou de acordo.

VICTOR: Em segundo lugar, o senhor está de acordo com a gravação desta entrevista? O vídeo não será publicado, servindo apenas como forma de registro.

ROMEU: Plenamente de acordo.

VICTOR: Perfeito. Romeu, antes das perguntas propriamente ditas, eu gostaria de pedir que o senhor se apresentasse informando o seu nome, idade e profissão.

ROMEU: Meu nome é Romeu de Castro, tenho cinquenta e quatro anos e eu sou gestor de competições aqui na CBF, prestando serviço também à CONMEBOL e à FIFA.

VICTOR: Quando e como o senhor começou a se envolver com a prática do futebol feminino? A modalidade já se encontrava regulamentada à época?

ROMEU: Eu comecei a me envolver em 1982, por causa da minha tia Mara Vilas Boas. Ela atuava como goleira das nossas equipes de futsal feminino no Guarani, disputando campeonato interno. Eu tinha treze para catorze anos de idade. Era um momento em que o futebol feminino ainda estava proibido no Brasil. Existiam algumas equipes de futebol feminino em atividade, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro. Entretanto, as competições não podiam ocorrer em estádios utilizados pelo futebol profissional, pois não havia regulamentação ou permissão explícita por parte do Conselho Nacional de Desporto, que era presidido por Manoel Tubino. A partir de janeiro de 1983, quando surge essa autorização, imediatamente começam a aparecer competições em São Paulo, notadamente a Taça Cidade de São Paulo. Essa competição era promovida pela Secretaria Municipal de Esportes de São Paulo, através do diretor de Esportes e Lazer, que era o Fábio Lazzari¹⁴². Por coincidência, Lazzari foi a mesma pessoa que criou a Copa São Paulo de Juniores. A primeira competição, se não me falha a memória, teve mais de cento e trinta equipes. Então você tinha uma carência muito grande. O futebol feminino, naquele momento, estava presente no cotidiano, na vida das pessoas, principalmente das mulheres das periferias dos grandes centros. Porém, antes não havia vazão para isso. Então, a primeira competição lançada foi um imenso sucesso. Foram utilizados campos distritais e, a partir das finais, estádios. A competição acabou misturando equipes de massa, que tinham grandes torcidas, como o

¹⁴² Fábio Lazzari foi diretor de promoções esportivas e de lazer da Secretaria Municipal de Esportes de São Paulo por 20 anos. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/amp/esportes/futebol/morre-criador-da-copa-sao-paulo-de-futebol-junior,06500f3e4389a310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 7 nov. 2022.

Guarani, o Santos e o São Paulo, com os clubes da várzea paulistana, como o Pirituba, o Vila Guarani e o Panterinhas.

VICTOR: Essa era uma competição de futebol de campo?

ROMEU: Futebol de campo, exato. Ela começa ali a história no futebol de campo. Se iniciou no futsal, porque o campo era proibido. O futsal era um esporte considerado livre. Você tinha as federações estaduais, mas a maioria das competições já ocorria no âmbito escolar e nos clubes associativos, sem influência da federação. Lá era onde você tinha a grande massa de atletas participando. E começaram a surgir na várzea aquelas equipes que procuravam fazer essa migração [para o futebol de campo] e contratar meninas. Você tinha as Panterinhas e o Isis Pop, de São Paulo, o Radar, do Rio de Janeiro, o Cruzeiro, de Belo Horizonte... Cruzeiro que foi o primeiro clube de massas a abraçar o futebol feminino, introduzindo o primeiro ídolo nacional na modalidade: a Nunes, que era uma menina que se parecia fisicamente com o atacante Nunes, que fazia muito sucesso na época. Pelo que eu me recordo, foi a primeira atleta a ter, efetivamente, acesso à mídia nacional, mostrando aquela curiosidade que era o time do Cruzeiro. O primeiro jogo de futebol de campo do Guarani foi justamente contra o Cruzeiro. Me lembro que eles ganharam de onze a três, alguma coisa assim. Inclusive, aquele foi o jogo que me motivou a militar, ainda adolescente, no futebol feminino. Foi tão bonito ver o Cruzeiro jogar que eu falei “poxa, a gente pode ter isso no Guarani, vamos trazer outras meninas”. Porque, à época, a base do Guarani era composta por senhoras, pelas esposas dos sócios. A equipe não tinha uma aspiração atlética, como você via naquele time do Cruzeiro. Portanto, esse jogo foi primordial para o que seria, mais tarde, o Guarani e para o surgimento do Saad.

VICTOR: O senhor se lembra quando esse jogo ocorreu?

ROMEU: Esse jogo foi a abertura das Olimpíadas Estudantis da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Era uma quebra de barreira imensa você ter o futebol feminino abrindo uma competição estudantil em uma universidade católica. Foi um sucesso, lotou completamente o campus. Alunos de todos os cursos foram assistir e vibraram bastante com os gols, tanto do Cruzeiro quanto do Guarani, que tinha meninas habilidosas. O campeonato ocorreu no início de 1983, se não me falha a memória.

VICTOR: O senhor poderia descrever quais foram os cargos e funções que desempenhou no futebol feminino desde que adentrou a categoria?

ROMEU: Olha, foram muitos. Os cargos relacionados ao futebol feminino foram: diretor de futebol feminino no Guarani; diretor de futebol feminino, vice-presidente e presidente do Saad Esporte Clube; diretor no Departamento de Futebol Feminino da Federação Paulista de Futebol; diretor de seleções de futebol feminino da CBF, em uma *joint venture* com a Sport Promotion para as Olimpíadas de 1996; antes disso, em 1988, fui o coordenador da seleção brasileira para a convocação das atletas de São Paulo. Quem chefiou aquela seleção foi o Eurico Lira, presidente do Radar, que me convidou. Também fui: diretor de futebol profissional do Ministério do Esporte; secretário nacional da Secretaria Nacional de Futebol e dos Direitos do Torcedor no Ministério do Esporte; supervisor de futebol feminino na CBF; diretor de futebol feminino no São Paulo Futebol Clube; e estive na coordenação do futebol feminino do Palmeiras, cuja equipe foi criada a partir de uma parcela da base do Saad. Creio que estes foram os cargos relacionados ao futebol que ocupei.

VICTOR: Algumas das fontes consultadas durante a minha pesquisa sobre a trajetória da jogadora Formiga mencionam o começo da década de 1990 como um período complicado para o futebol feminino de campo. Naquele momento, as competições de futsal teriam ocupado um papel importante. O senhor poderia falar a respeito da relação entre o futsal e o futebol de campo naquele contexto?

ROMEU: O futsal foi o grande berço fomentador para a formação de atletas e fortalecimento do futebol feminino. A habilidade das jogadoras brasileiras, que surpreendiam o mundo, vem em grande parte desse nicho compartilhado praticamente por todas elas. Isso vem da década de oitenta. Em 1983, nós tivemos a primeira Taça São Paulo de Futebol Feminino, com mais de cem equipes. Também tivemos o primeiro campeonato paulista, em 1986. Quando chega em 1987, pouco antes do Mundial Experimental, as competições somem com a mesma força que surgiram. Basicamente, algumas pessoas foram transferidas de função nas federações e nos órgãos públicos, e o futebol feminino praticamente se paralisou. E aquelas jogadoras mais habilidosas, para continuarem jogando, já que faltavam competições de campo, migraram de volta para o salão. Nesse momento, tivemos o Guarani indo para o futsal, o Saad indo para o futsal, a equipe do Bordon de São Paulo e várias outras equipes indo para o futsal. Tinha a Armco, lá no Grande ABC, teve equipe de São Bernardo, teve a Elite Itaquerenense... eu me lembro de vários clubes. E a gente tinha um calendário muito bem elaborado pela Federação

Paulista de Futsal, cujo presidente era o Ciro Fontão de Souza. A gente começava o ano com a Taça Cidade de São Paulo, depois vinha o Campeonato Metropolitano e terminava com o [campeonato] estadual. Então, eram três competições longas por ano. E nós, do Saad, fomos o primeiro clube a ter categorias de base, um projeto que começou em parceria com a [inaudível] Guarani, do Fernando Pereira. Nós dividíamos a equipe do Saad em várias equipes de futsal, porque era a nossa oportunidade de ao menos dar uma experiência de competição para as meninas, já que faltava no campo. Chegamos a ter no infantil, por exemplo, competições onde estavam inscritas as equipes do Saad A, B e C. Eram três equipes do Saad jogando o mesmo campeonato. No juvenil eram Saad A e B. E aconteceram competições em que a gente classificava o Saad A, B e C para as semifinais, porque a força do nosso elenco e do trabalho era muito grande. Na equipe adulta era uma guerra: Saad, Bordon, Marvel, Euroexport... E o Saad trazia essa força do futebol de campo. Também trazia um respeito da imprensa que ajudava a manter o futsal em evidência. Algumas vezes, as pessoas até reparavam... eu tenho até críticas com isso. O Saad tinha uma assessoria de imprensa que, enquanto o clube estava nas competições, o campeonato tinha toda a cobertura midiática. Era possível acompanhar a competição inteira através dos jornais, saber sobre todas as goleadas do Saad. Mas se o time fosse eliminado... Por exemplo: se deu Saad e Euroexport, e o Saad perdeu a semifinal, ninguém ia saber o resultado da final [risos]. Não cabe a mim divulgar, não é? [risos] E isso era engraçado. As pessoas reclamavam e eu falava: “ué, se movimentem! Mandem o *release*. Não é o Saad que tem que divulgar o que o Euroexport está fazendo, não é? O Saad divulga os próprios jogos”. Mas era interessante, isso gerava um ciúme grande. Quando nós ganhávamos um título, então? Era uma festa! E quando fazíamos a migração para o futebol de campo, nós tínhamos, àquela época, competições fantásticas. Havia a Copa São Paulo de Futebol Feminino, que, infelizmente, a Federação Paulista de Futebol ainda não reconheceu enquanto Campeonato Paulista. Isso só aconteceu porque, naquele momento, a Federação Paulista proibia, inclusive, a inscrição de jogadoras. O Saad tem provas disso, de mensagens do Eduardo José Farah proibindo a inscrição das atletas. Tanto é que o Saad se inscreveu na federação do Mato Grosso do Sul para poder disputar as competições nacionais de futebol de campo. A Copa São Paulo chegou a ter jogos semifinais e finais com mais de seis mil pessoas assistindo, indo para o interior, para Amparo, coisa que muitas competições masculinas de base da federação não conseguiam. Então eu acho que essa resistência do Saad em manter o futebol feminino vivo foi fundamental para que nós tivéssemos todo esse desenvolvimento que ocorre no Brasil hoje.

VICTOR: Esse período, marcado pela pausa nas competições de campo e migração para o futsal, durou quanto tempo?

ROMEU: Olha, foi de 1987 até 1995. Tivemos pouquíssimas competições, a Federação Paulista proibia. Tivemos competições nacionais, com o Saad indo para o Mato Grosso do Sul, a partir de 1993, 1994. Voltamos a ter um campeonato brasileiro com a Federação Paulista permitindo o registro do Saad em 1995, quando o clube ganha o brasileiro já registrado em São Paulo. Mas, por gratidão ao Mato Grosso do Sul, a gente sempre dividiu o título entre as duas federações. Em 1995, voltamos a ter o Saad em São Paulo e ganhamos o título sobre o Vasco da Gama por dois a zero. Em 1997, após o sucesso da seleção brasileira nas Olimpíadas de Atlanta, o Campeonato Paulista retornou com o nome de Paulistana.

VICTOR: No começo da década de 1990, o que existia eram competições nacionais de futebol de campo, correto?

ROMEU: Algumas nacionais, que era a Taça Brasil, e outras regionais, como a Copa São Paulo de Futebol Feminino, que era uma espécie de campeonato paulista do interior. Essa competição era promovida com o apoio de ligas, do próprio Saad e de outros clubes co-irmãos, já que a Federação Paulista de Futebol proibia o registro das atletas.

VICTOR: O Saad é registrado, ou melhor, volta para São Paulo em 1995, correto?

ROMEU: O Saad existe em São Paulo desde 1961, registrado. Mas as jogadoras, como eram proibidas de serem registradas em São Paulo, ficaram [registradas] em Mato Grosso do Sul de 1988 até 1995. Em 1995, a gente fez o registro [na Federação Paulista]. Então... me desculpe: o Campeonato Brasileiro de 95 não existe, o que existe é o Brasileiro de 1996, que nós ganhamos do Vasco da Gama. Em 1997, tem o brasileiro de Taubaté, que o São Paulo disputa. E é um fato interessante que, de 1995 até 1998, o Saad obteve uma hegemonia tão grande no futebol feminino brasileiro que ele ganhou absolutamente todas as categorias disputadas, seja como Saad ou como São Paulo. Foi um período em que, apesar de ter aparecido o Corinthians, que investiu bastante, e o Santos, que veio através do pessoal da Marvel, eles não conseguiram se igualar a nós em nenhuma categoria. Com a camisa do São Paulo, nós ganhamos o Torneio Início do Paulistana, o Paulistana, o Torneio Rio-São Paulo e o Campeonato Brasileiro. Como Saad, nós ganhamos o Campeonato Brasileiro Sub-17

feminino. Na final da Taça Cidade de Campo Grande, tivemos o confronto entre as equipes do Saad e do São Paulo, que na prática eram o mesmo time. No futsal, em nossa última participação, o Saad foi campeão juvenil, vencendo a Marvel. Então foi uma hegemonia muito grande.

VICTOR: Como funcionava a captação de atletas do Saad? Pergunto, pois o clube foi capaz de construir equipes muito fortes. Então eu imagino que a captação de atletas fosse uma coisa muito bem feita. Como isso funcionava?

ROMEU: No Saad, nós sempre tivemos a visão de buscar o apoio das pessoas do futebol masculino. Inserir-los no contexto do futebol feminino era uma forma de irmos quebrando o preconceito. O que acontecia muito era contarmos com a ajuda de pessoas espalhadas pelo Brasil todo. Pessoas que tinham contato com o Dema, que foi nosso treinador até 1995, e que foi o primeiro a migrar do futebol masculino para o feminino, ou com o Zé Duarte, quando ele assume a seleção. Professor José Teixeira... grandes personalidades da história. Mesmo no Guarani, com o Carlos Alberto Silva, que sempre conversava com a gente. Ou o Dadá Maravilha, que, quando ia à Campinas para visitar a filha, não perdia um treino do Saad. Essas pessoas acabavam falando para a gente: “olha, tem a irmã de um jogador que queria tentar o futebol feminino”, “tem um preparador físico em Rondônia que achou três jogadoras fenomenais”. Ou quando a gente ia pra Taça Brasil, diziam: “olha, tem um time lá de Tocantins que nós metemos treze a zero, mas eles tem uma atacante que vale a pena dar uma olhada”. E a gente ia puxando jogadoras do Brasil inteiro, seja lá onde estivesse. Era um tempo em que não havia grandes recursos, então acontecia de meninas viajarem três dias de ônibus até São Paulo para ter uma oportunidade. E nós fornecíamos alojamento. O clube tinha um diferencial que era ter, desde 1993, um piso salarial. O piso começou com o valor de cem dólares, numa época em que o salário mínimo no Brasil era de um pouco mais de cinquenta dólares. Então aquilo ajudava bastante na manutenção das meninas. A gente tinha a hospedagem, a alimentação, os treinos diários. Portanto, a hegemonia do Saad veio desse processo de captação bem vascularizado através de pessoas do futebol masculino que acabavam funcionando como olheiros e intermediários. Foi assim que apareceram Cidinha, que veio do Mato Grosso do Sul; a Telma, a Nenê e a Danda, que vieram de Rondônia; a Sônia, que o Zé Duarte foi descobrir lá no Acre, e que foi uma jogadora incrível; a Suzana, do Rio Grande do Norte, que foi uma jogadora que fez toda a diferença; a Taffarel, que veio do Rio Grande do Sul; a Keith, a Geli... meninas que vinham do país todo. De norte a sul do

país, a gente estava buscando. E isso era uma característica do futebol feminino. Uma das primeiras grandes estrelas que a gente teve foi a Cebola, que era da Ilha de Marajó, no Pará. Quando nós a descobrimos, pensamos: “pô, lá no Marajó tem uma jogadora como essa?!”. Então a gente não podia querer restringir só às comunidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Tínhamos que ir buscar. Portanto, quem teve esse custo de nacionalizar a seleção brasileira e tirar do eixo Rio-São Paulo foi o Saad. Nesse ponto, o Eurico [Lira] não tinha essa visão. Apesar de terem vindo meninas da Bahia, ele se focava muito naquilo que ele via no futebol feminino. “Minha base está aqui no Rio [de Janeiro], então a maioria vai ser sempre do Rio”. Quando a gente assume a seleção, a gente termina com isso: “não, não interessa de que ponto do Brasil as jogadoras venham, nem que seja uma seleção toda baseada no nordeste. O que interessa é que sejam as melhores jogadoras”. E isso vai finalizando essa... essa situação de busca por atletas, e a gente consegue ter uma seleção mais nacional.

VICTOR: Na primeira disputa de Copa do Mundo, em 1988, a seleção era formada pela base do Radar, correto?

ROMEU: Ele [Eurico Lira] inscrevia... O Eurico era muito personalista. Era um grande dirigente, mas assim... Ele tinha o Radar, que era baseado no Rio de Janeiro. Aquela equipe da praia de Copacabana, que todo mundo já conhece a história. Daí você tinha o Juventus como o principal time de São Paulo. Ele [Eurico Lira] não permitia que as jogadoras fossem para a seleção com o nome do Juventus. Ou mesmo do Saad, que era a terceira força na época. Então para [as atletas] irem para a seleção, tinham que assinar pela equipe do Radar. Portanto, quando aparecia a relação da seleção brasileira, havia dezoito jogadoras do Radar! Mas se você fosse olhar, o elenco tinha a Taffarel, que era do Saad, a Roseli, que era a jogadora mais famosa do Juventus, tinha as meninas da Bahia, atletas que começaram pelo Flamengo de Feira de Santana, como é o caso da Sissi e da Soró... Então a realidade sempre foi diferente do que aparecia nas linhas de convocação. O Eurico precisava manter o Radar em evidência, pois buscava patrocínios para a manutenção daquela equipe. Para assegurar a hegemonia, ter todas as atletas no projeto dele era essencial. Isso era muito ruim para o futebol feminino. Na minha última conversa com o Eurico antes dele falecer, a gente teve a oportunidade de tratar dessa mágoa que eu tinha com ele. Falei: “Eurico, antes de irmos para o mundial em 1988, você me nomeou para ir buscar jogadoras em São Paulo. Mas quando chegava na hora de inscrevê-las, você me ligava ameaçando, dizendo que se a jogadora não assinasse por você, a jogadora ia ser retirada da seleção, porque tinha que ser do Radar. Qual diferença fazia para você, ao

invés de ter dezoito do Radar, ter dezesseis do Radar e duas do Saad? Você precisava do Saad para poder jogar. Você precisava do Juventus para poder jogar”. Mas ele não queria perder. Então, para não perder, ele tinha que bloquear os adversários, o que era uma prática predatória. Quando nós conversamos sobre isso, ele falou: “eu não lembro disso... não lembro que era assim...” [risos]. Ele saía de tudo, era uma figura! Mas era uma pessoa que teve uma grande importância no desenvolvimento do futebol feminino. Era lindo ver o Radar jogar. Ele conhecia o futebol profundamente. Ao passo que se faz necessário reconhecer que não era nada justo não dar crédito pelas jogadoras de outras equipes, também devemos ressaltar que a visão dele sobre o jeito que sua equipe jogava foi fundamental para se estabelecer um produto de televisão que era querido pelos brasileiros e que tinha grande audiência na [Rede] Bandeirantes. Então nós temos que reconhecer tanto os méritos quanto os problemas do período. A gente guarda os fatos que ocorreram naquele tempo à luz da verdade, obviamente, mas também temos que reconhecer a importância do Eurico. Que Deus o tenha! É uma pessoa que a gente guarda com saudade.

VICTOR: Na prática, o registro de atletas como se elas pertencessem ao Radar era apenas uma questão nominal? Elas continuavam, por exemplo, jogando pelo Saad?

ROMEU: Acontecia da seguinte maneira: quando o Radar tinha uma competição, ele fazia questão que o Juventus não fosse convidado, por exemplo. Então as jogadoras saíam do Juventus para jogarem no Radar, e assim ele tinha a hegemonia, ele tinha o melhor time. Porque ele tinha medo de perder para o Juventus. Se o Saad fosse disputar, ele queria ter certeza que o Saad não iria pegar nenhuma jogadora do Juventus, para que o time do Saad fosse inferior ao do Radar. Ele queria o Saad sempre como a segunda ou terceira força, nunca fazendo frente à equipe dele. Por isso que ele perdeu muito pouco. Acho que o Radar teve um empate contra o Saad no Rio de Janeiro, acho que teve uma derrota para o Tuna Luso, talvez uma... acho que com o Juventus eles nem chegaram a jogar contra. E teve uma derrota para o Tupi de Santa Catarina. Você consegue contar nos dedos as derrotas do Radar. Algo como duas derrotas na história, um empate contra o Saad e o restante eles ganharam de todo mundo. E esse empate com o Saad foi porque as jogadoras dos dois times estavam misturadas, senão não teria acontecido [risos]. Mas essa lenda da força do Radar é uma coisa importante, que já está aí na história para que as pessoas possam analisar e reverenciar. Eram jogadoras fenomenais.

VICTOR: Agora, farei algumas perguntas um pouco mais relacionadas à Formiga. O senhor pode ficar à vontade para complementar e falar sobre o contexto em geral, é claro. A primeira coisa que eu gostaria de saber é: a Formiga começou sua carreira na equipe de futsal do Euroexport, da Bahia, e veio para o Saad em 1995. O senhor se lembra como ocorreu a captação dessa atleta?

ROMEU: Me lembro bem. A captação da Formiga começou com uma surpresa no [campeonato] brasileiro de futsal. A Euroexport fez um investimento enorme no futsal e montou um timaço com Sissi, Roseli e Márcia Honório. Era um time praticamente imbatível no futsal daquele momento. E a segunda força no futsal era o Saad, com Adriana, Clôda...

VICTOR: Que também era um timaço, não é?

ROMEU: Também era um timaço! Adriana Bebeto, que jogava salão, era... Mas, cara, você colocar a Roseli ao lado da Sissi era você ter Pelé e Garrincha. Era um negócio absurdo. E mais a Márcia Honório, que seria ali... um Gerson distribuindo, para lembrar um dos grandes nomes do futebol masculino do passado. Era um negócio absurdo. O Saad tinha a Adriana Bebeto, que, como o próprio nome diz, lembrava muito o Bebeto, mas que o estilo de jogo seria mais como o do Magrão, como o do Sócrates, totalmente refinada. Também tinha a Clôda, que seria como o Cafuringa da seleção do Luciano do Valle, quase uma Garrincha... Era um negócio absurdo. Então o Euroexport foi campeão paulista, e só o campeão paulista se classificava para disputar o brasileiro. E o Euro montou uma equipe B na Bahia sob os cuidados da técnica Dilma Mendes, só com meninas [inaudível]. Na final, o embate se deu entre o Euroexport de São Paulo e o Euroexport da Bahia, e o Euro da Bahia ganhou o título! Isso, em São Paulo, foi uma revolução: “como que o Euro consegue perder para ele mesmo?”. Aquele time com Roseli, Sissi... aquele time era considerado imbatível. Não poderia ter acontecido aquele resultado, mas aconteceu. E aí falaram: “olha, tem uma menina de dezesseis anos que destruiu o jogo”. E nós ficamos sabendo disso. Logo na sequência, por questões internas, o Euroexport acaba com o futsal feminino. Quando o Euro acaba, eu tinha acabado de assumir a seleção brasileira de futebol feminino, e nós tínhamos que organizar um “brasileirão” feminino. O Euro já tinha tentado, por três vezes, uma incursão no futebol de campo, mas sem sucesso. No futebol de campo, ele não conseguia passar a barreira do Vasco, do Rio de Janeiro. Já o time do Saad estava montado, tinha acabado de passar por uma reformulação muito grande desde 1993, e eu sabia que ele tinha a melhor equipe daquele

momento. Como havia uma enorme guerra política entre Saad e Vasco da Gama, eu ofereci para o Euroexport o seguinte: “olha, nós já temos a base. Vocês não querem disputar o [campeonato] brasileiro unindo a equipe do Saad com os reforços do Euro que vocês tem na Bahia? Nós vamos ganhar esse título sem maiores problemas”. Só que o dono do Euroexport já estava desgostoso com o futebol feminino, já tinha tido problema com as meninas, e... coisas assim, do período... elas reclamaram de umas situações... e ele preferiu não jogar. Então ele acabou com o Euroexport. Para mim, politicamente falando, era melhor que o Saad não estivesse competindo em 1996 para esfriar um pouco as coisas, porque o Saad e o Vasco da Gama eram inimigos mortais, não é? Não sendo o Saad seria melhor. Só que quando o Euro recusou, eu falei: “bom, para a gente ter paz, nós temos que ganhar esse título brasileiro. Nós não podemos deixar o Vasco ganhar de novo, porque eles estão realmente fora de qualquer possibilidade de acordo. Eles tem que entender que o futebol feminino mudou”. Então nós colocamos o Saad para jogar, e eu trouxe a Dilma Mendes para ser nossa supervisora junto com a Ivete. E nisso a Dilma, que foi uma das descobridoras da Formiga, uma mãe desportiva da Formiga, falou: “está na hora da Formiguinha vir”. E eu falei: “pode trazer!”. Veio a Formiguinha, veio a Soró, veio a Tereza. E depois a gente acabou fazendo uma negociação com o Vasco, mandando a Tereza para lá e trazendo a Kátia Cilene para o Saad. Na época, a própria treinadora do Vasco não acreditava na Kátia Cilene, mas nós já acreditávamos. Quando nós convocamos a Kátia para a seleção em 1995, a treinadora criticou a própria atleta: “essa menina é só fumaça”. O apelido da Kátia no Vasco era Kátia Fumaça. E nós falávamos: “gente, será que ela não está vendo? Essa menina vale ouro”. Falou também que a Formiga era nova demais... Enfim, trouxemos essas jogadoras e formamos um time que era imbatível. Ganhamos o [campeonato] brasileiro de ponta a ponta, vencendo o Vasco na final pelo placar de dois a zero. Com isso a gente teve paz para trabalhar para as Olimpíadas e para fazer a renovação da seleção. Então esse processo [de captação da Formiga] veio da cisão do Euroexport e da vinda da Dilma Mendes para o Saad.

VICTOR: A Formiga chegou a São Paulo em 1995 ou 1996? Se não estou enganado, ela começou a frequentar a seleção brasileira ainda em 1995, correto?

ROMEU: Isso, ela participou da seleção como representante do Euroexport em 1995 . Ainda em 1995, ela chega ao Saad. Porque, no final de 1995, a gente começou a preparar a seleção para as Olimpíadas. E aí, na preparação para as Olimpíadas, é que tem o [campeonato] brasileiro de 1996.

VICTOR: Em 1995, ela participou da seleção ainda estando no Euroexport?

ROMEU: Exatamente, ela participou como Euro. Ela é convocada vinda do Euro e depois vai para o Saad.

VICTOR: Eu gostaria de saber um pouco mais sobre a empresa Sport Promotion, que assumiu a organização da seleção brasileira de futebol feminino em meados da década de 90. Como o senhor definiria as atividades desempenhadas pela Sport Promotion naquele período? E como o senhor passou a integrar a empresa?

ROMEU: A Sport Promotion... Para situar um pouco na história: o futebol feminino começa a ter uma maior aceitação e a aparecer na mídia brasileira graças ao Show do Esporte da TV Bandeirantes. Na época, a empresa que controlava o Show do Esporte se chamava PromoAção, que era uma empresa cuja propriedade era compartilhada entre o Kiko, dono da Sport Promotion, o Paulo Roberto e o Luciano do Valle. O pai do Luciano do Valle, Seu Rubens, atuava como uma espécie de diretor e foi um dos primeiros produtores de jogos de futebol feminino para a televisão. Estamos falando do início da década de 1980, quando o futebol feminino aparecia como atração do Show de Esporte. E começou como desafio: Radar, Ísis Pop... aparece o Guarani na primeira vez, inclusive perdendo por cinco a zero ou cinco a um para o Ísis Pop. O técnico do Guarani era o Fefeco. No final de 1984, acaba o Guarani e a gente forma o Saad, que começou a ocupar as grades da TV Bandeirantes. Em determinado momento, a PromoAção ocupava cerca de vinte por cento da grade da TV Bandeirantes com esporte, correspondendo a quase setenta por cento do faturamento. Quando chegou a esse ponto, a Bandeirantes propôs que eles passassem a ser funcionários da emissora, pois não queriam que a empresa continuasse terceirizando o espaço. O Luciano do Valle aceitou a proposta, mas o Kiko e o Paulo Roberto não. Então eles criam a Sport Promotion. E a Sport Promotion têm grandes marcos na história do esporte do país. A Sport Promotion, que veio como PromoAção, lançou o Rui Chapéu; fez os primeiros jogos de vôleibol masculino na televisão, inclusive aqueles dois jogos incríveis no Maracanã e no Morumbi lotados, com recordes de público; promoveu o basquete feminino, aquela rivalidade entre Paula e Hortência. Tudo isso tem muito a ver com... desde a época em que eles fizeram o esporte na Record, antes da Bandeirantes... tem muito a ver com o Kiko, com o Paulo Roberto e com o Luciano do Valle. Com o fim da PromoAção, quando o Luciano aceitou a

proposta da Band e o Kiko não, eles formaram a Sport Promotion. E por muito tempo ela ficou de fora do futebol feminino. Quando a Sport Promotion foi para a TV Manchete juntamente com o Osmar Santos, que era outro grande narrador da televisão Brasileira, que saiu da Globo e foi para esse novo quinhão do... digamos assim, do esporte na TV, que foi esse acordo da Sport Promotion com a Manchete na tentativa de fazer uma espécie de “Show do Esporte da Manchete”, a gente conseguiu convencer o Kiko a inserir algumas coisas de futebol feminino na televisão. Estamos falando de 1993, ou seja, havia muito tempo que não tinha [futebol feminino]. Quando a CBF pediu a ajuda da Sport Promotion para a elaboração de um projeto sério para a seleção brasileira visando a disputa do Campeonato Sul-Americano de 1995, em Uberlândia, o Kiko me chamou para uma conversa devido a minha experiência com o futebol feminino. A partir daí começou, a princípio, a minha consultoria com eles. Indicamos o Dema para a seleção brasileira, mostramos que era necessário renovar o elenco e buscar o contato com as jogadoras. A CBF era a responsável pela seleção, mas a Sport Promotion ficou responsável pela manutenção das jogadoras e pela criação e administração dos projetos... tanto da primeira Copa América, que foi a de 1995, em Uberlândia, que teve um nível de competitividade maior, quanto do projeto para a televisão. Fui o consultor deles para a Copa América e atuei como comentarista a convite do Luciano do Valle, atuando ao lado dele, do Artur Coimbra e do Luciano Jr., que era o repórter. Além do Luciano, o Datena também era narrador. Eram pessoas fantásticas. Na sequência da Copa América, tivemos um Torneio Internacional realizado em Uberlândia. Devido a ausência de uma das seleções convidadas, nós montamos uma Seleção Paulista para substituí-la. E depois nós fomos para o Mundial. No Mundial, a Sport Promotion percebeu que o futebol feminino precisaria de mais investimento e seriedade, caso contrário não iria decolar. Nós dominávamos a América do Sul, mas levamos um susto quando o Brasil, depois de ganhar da Suécia, perdeu para o Japão por 2 a 1, jogo que poderia ter ganho, e depois foi goleado pela Alemanha por 6 a 1. Naquela ocasião, a Birgit Prinz estava surgindo. Ela era uma jogadora imparável, de uma força física fenomenal. Era habilidosa, jogava verticalmente e com intensidade, direto para o gol. Lembro das nossas zagueiras tentando pará-la: a certa altura, uma zagueira tentou fazer uma falta dando uma voadora nela, mas bateu, voltou e a Birgit Prinz ficou com a bola e fez o gol [risos]. Era absurda a diferença. Nesse momento, a Sport Promotion disse: “Romeu, nós queremos um trabalho sério. Você embarca com a gente? Você aceita assumir a seleção?”. Eu aceitei, mas disse que queria ter a minha equipe de trabalho. Como a CBF tinha vetado a continuidade do [técnico] Dema por causa de uma entrevista que ele havia dado, a pedido do Luciano [do Valle], depois da eliminação para a Alemanha, mostrando as mazelas, a gente

trouxe o Zé Duarte para a seleção brasileira. A partir daí, se constrói uma geração que vai manter o Brasil no top-4 do mundo até, praticamente, as Olimpíadas de Londres. E isso se deve muito ao Zé Duarte e ao seu olhar. Nós escolhemos o Zé a dedo, pois nós sabíamos do passado dele enquanto formador de atletas. Antes de assumir a Ponte Preta e conquistar o primeiro título paulista da divisão de acesso, em 1969, o Zé Duarte trabalhou nas categorias de base do Guarani. E nós precisávamos dessa experiência, porque o futebol feminino não tinha base. Precisávamos de alguém que ensinasse as meninas a jogar em alto nível. Também precisávamos de alguém que mostrasse para a imprensa que o futebol feminino era sério, porque a imprensa não respeitava quem trabalhava com o feminino. Era um preconceito danado. Portanto, a Sport Promotion veio nesse contexto, como uma empresa que fez parte dessa história. O Kiko, o Paulo Roberto e o Tuca, que era o diretor financeiro da época, eram pessoas que tinham uma imensa capacidade de entender o esporte e que entenderam que o investimento na modalidade era possível. Eles nos deram absolutamente tudo o que era necessário para fazer esse projeto ser viável. Então, eu tenho uma gratidão imensa pela Sport Promotion, que não se restringiu somente ao plano de mídia e à administração da seleção brasileira. A visão era muito maior. Tanto é que nós criamos o Paulistana, que foi a primeira liga de estrutura profissional da história da América do Sul, com todos os jogos transmitidos pela televisão. Às vezes a gente ouvia comentários injustos de quem não conseguiu estar na liderança, falando que a Sport Promotion tava fazendo aquilo para ganhar dinheiro... Cara, nada mais distante. A Sport Promotion foi uma parceira que investiu como ninguém nunca antes investiu na história desse país para tornar [o futebol feminino] um produto viável, possível. E não haveria crime algum se ganhasse dinheiro, caso fosse o momento para isso, porque a empresa estava investindo e trabalhando sério. Foi a primeira vez que as meninas tiveram salário, que as meninas tiveram projetos de longo período, podendo, inclusive, sair do futsal para ficar somente no futebol de campo. E as equipes de futsal ficaram com muita raiva de mim [risos]. A gente falou para as meninas que não dava para jogar nas duas modalidades, porque a demanda do futebol de campo era imprescindível. Era onde a gente estava com toda a visibilidade a postos. Então, a Sport Promotion tem que ser reverenciada na história do desporto brasileiro, não somente pelo futebol feminino. É uma empresa que buscou mais que um *business*: ela buscou, efetivamente, o fortalecimento da modalidade com um olhar que deveria ter sido da Confederação [CBF].

VICTOR: É possível afirmar que a Sport Promotion atuava de ponta a ponta, cobrindo desde a organização, o fomento e o financiamento da estrutura do futebol feminino até a publicidade e as transmissões dos jogos?

ROMEU: Exatamente, desde a transmissão dos jogos, publicidade... absolutamente todos os segmentos. Isso se iniciou em 1995 e foi até 1998, quando nós ganhamos dos Estados Unidos pela primeira vez na história. Por desacordos com os administradores da CBF, nós entregamos a seleção e o projeto de volta para eles. A participação exclusiva da Sport Promotion acabou em 1998, mas ela continuou assessorando pontualmente, continuou promovendo o Torneio Internacional Cidade de São Paulo para a seleção... ela teve participações pontuais, mas deixou de ser ela a mantenedora do projeto. A gestão passou a ser da CBF.

VICTOR: Durante o período em que a gestão esteve delegada à Sport Promotion, a CBF ajudava de alguma forma, seja na estrutura ou no financiamento?

ROMEU: Não, cabia a Sport Promotion absolutamente tudo. Nós não recebíamos nenhum tipo de aporte nem da CBF nem do Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Absolutamente tudo foi bancado pela Sport Promotion.

VICTOR: Eu gostaria de saber um pouco mais sobre a participação da Sport Promotion na criação e organização do Paulistana. Ocorreu algo parecido com o que havia sido realizado durante a gestão da seleção feminina?

ROMEU: Totalmente. A criação do Paulistana veio da Sport Promotion. Todos os clubes tiveram, pela primeira vez na história, uma cota financeira, que foi bancada pela Sport Promotion. Foi incentivado que as atletas tivessem salário e que houvesse uma profissionalização. Ocorreu uma migração do futsal, então todas as equipes da modalidade acabaram dando origem a um time de futebol de campo. O Juventus, que tinha sido tradicional nos anos 1980 e que agora era só futsal, voltou para o futebol de campo junto à Universidade São Judas Tadeu. Era o São Judas/Juventus. Também tivemos a Marvel assumindo o Santos, o Saad junto ao São Paulo e ao Palmeiras, a Universidade Mackenzie entrando também... Foi um conceito misto entre clubes e universidades, buscando tornar o futebol feminino mais jovem, buscando tornar o futebol feminino um produto que quebrasse o preconceito social, que não fosse... digamos assim, uma modalidade apenas de resistência, da

luta das mulheres das periferias, mas sim um produto viável em todos os sentidos. A Sport Promotion idealizou a competição e buscou a autorização da Federação Paulista para que ela chancelasse a ideia e inscrevesse as jogadoras. Mas toda a administração, todo o custeio, o plano de marketing... efetivamente, toda a gestão da competição foi da Sport Promotion.

VICTOR: Até quando essa gestão ocorreu?

ROMEU: Somente para o Paulistana de 1997, apenas um ano. Logo a Federação Paulista de Futebol decidiu assumir a gestão e o acordo foi encerrado.

VICTOR: O próprio campeonato acabou durando pouco, não é?

ROMEU: Ele ocorreu em 1997, 1998 e 1999, se não me engano. E depois teve aquele ano, acho que foi 2000 ou 2001, que teve aquela situação da beleza das meninas. Eu acho que aquele foi um dos piores momentos da história do desporto brasileiro. Jogadoras de talento, atletas que tinham o sonho de jogar bola, eram impedidas por questões físicas. Para mim, era caso de polícia, não de desporto. Foi muito triste isso que ocorreu no âmbito da Federação Paulista durante a gestão do [Eduardo José] Farah, que nunca gostou do futebol feminino, diga-se de passagem. A partir de 2004, já com as gestões do Marco Polo del Nero e do Reinaldo Carneiro Bastos, a gente teve uma nova oportunidade para o futebol feminino.

VICTOR: Eu gostaria de perguntar para o senhor justamente sobre essa preocupação com o visual, com a aparência das atletas. Ao pesquisar sobre a seleção brasileira feminina dos anos 1990, foi possível identificar matérias jornalísticas que reportavam a preocupação dos dirigentes com relação à aparência de suas atletas, algo muito presente naquele contexto. Gostaria que o senhor comentasse se isso estava dentre as preocupações.

ROMEU: Havia um preconceito muito grande com o futebol feminino. Basta você olhar as fotos da seleção daquela época, a gente não... Tem coisas que a imagem diz tudo. A questão era que aquela era uma equipe que vinha, efetivamente, das periferias, [equipe] de mulheres que usavam o futebol feminino como uma afirmação da própria identidade. Mulheres que aprenderam a jogar futebol na briga diária. Meninas que vinham de famílias muito necessitadas, cujos pais tinham que sair para trabalhar, e elas ficavam sozinhas com os irmãos em casa, algumas com os irmãos mais velhos. Ou era uma boneca para brincar ou... e viam o

irmão jogando bola na rua. E elas tinham que sair na mão com o irmão para poder jogar bola. Com os irmãos, com os moleques da rua. Por isso que elas eram tão geniais. Porque era a escola da rua! Naquele período, não havia clube fazendo trabalho de base com o futebol feminino. Nos anos 1980, isso era impraticável. Então como é que apareceu uma Roseli, uma Márcia Honório, uma Sissi? Como apareceram Elaine, Fanta, Leda Maria, Adriana Beбето, Clôda, a Formiguinha de Carapicuíba, e tantas outras? Cara, isso era da rua. E mulheres brigando daquela forma... a aparência não era uma preocupação para elas. Só que, quando a gente ia para a mídia buscando espaço, a resposta era sempre preconceito. E eram frases horríveis, sempre muito pejorativas. Os próprios jornalistas eram muito preconceituosos à época. Chegavam para a gente e falavam: “você vão continuar com esse time?”. E nós falávamos: “olha, dá uma espaço para a gente, a gente tá mudando, tem meninas bonitas indo jogar”. Se você olhar a *Revista Placar* e outras grandes revistas da época, vai perceber que, quando falavam de futebol feminino, elas colocavam modelos de lingerie com uma bola por perto. Elas não colocavam uma foto da Sissi. Isso só foi acontecer depois da Olimpíada [de Atlanta]. Se fosse hoje, todas essas grandes matérias seriam canceladas nas redes sociais. Então, para ter espaço, e nós precisávamos de espaço na imprensa para sustentar nosso projeto, havia momentos em que nós falávamos: “não, a gente tá cuidando disso! Estamos embelezando”. E é só você pegar a foto do Saad da época e você vai perceber que nós nunca fizemos isso [risos]. Porque o que eu queria era ganhar campeonatos. Então, eu não estava preocupado com a aparência de A, B ou C. Até pouco tempo atrás, estavam faltando atletas negras na seleção brasileira. Cadê as nossas mulheres negras da periferia que dão aquele frescor, que dão a magia para a seleção? Eu acho que é porque muita gente se preocupou só com a aparência. O que, no meu caso, não é realidade. E as fotos, inclusive as do Saad de 2008, mostram exatamente de onde vinham as nossas meninas e o carinho e o tratamento que elas tinham com a gente. Eram elas que tinham a magia nos pés, que podiam fazer a diferença, dar títulos e conquistar os gramados do mundo. Quando a Sissi foi para os Estados Unidos no começo dos anos 2000, eu tive a oportunidade de passear com ela pelas ruas. E, independentemente de usar cabelo curto ou não, ela era endeusada. A gente não conseguia andar três metros no shopping sem que alguém parasse e pedisse uma foto. Então, isso que é bonito: você ser reverenciado por aquilo que você é, de acordo com a sua identidade. Eu me lembro do casamento que a Sissi teve nos Estados Unidos. Uma menina menina do time, cuja mãe tinha se separado do pai, disse que o sonho dela era que a Sissi fosse companheira da mãe. Anos depois elas acabaram se casando [risos]! Esse é um mundo maravilhoso, mais inclusivo. Essas meninas me ensinaram muito e eu sou muito grato por tudo que vivi com

elas. Porque, realmente, a gente aprende grandes lições sobre o que é você ter empatia pelo ser humano, sobre você ensinar sobre as diferenças.

VICTOR: De acordo com matérias jornalísticas publicadas nos meses que antecederam as Olimpíadas de 1996, havia uma evidente disparidade entre a preparação das seleções masculina e feminina de futebol. Nesse contexto, uma questão muito ressaltada na fala das atletas foi a crença de que a conquista de uma medalha olímpica seria importante não só para a melhoria da estrutura e da visibilidade daquele selecionado como para o desenvolvimento da modalidade do futebol feminino de uma maneira geral. Eu gostaria de saber se, de alguma maneira, essa questão foi debatida entre dirigentes, comissão técnica e atletas. É claro que, nas Olimpíadas, a medalha é o objetivo de todos os atletas. Mas eu gostaria de saber se essa vinculação entre a conquista da medalha e a melhoria da estrutura foi conversado de alguma forma.

ROMEU: Isso era conversado constantemente, debatido constantemente. Nós tínhamos um grande problema na preparação para Atlanta que era a guerra entre Saad e Vasco da Gama. Quando o comando da seleção vem comigo para São Paulo, o Vasco da Gama fica inconformado, pois eles queriam ter o controle da seleção no Rio de Janeiro. Até então, o controle da seleção sempre esteve no Rio. As jogadoras que eram ligadas ao Vasco da Gama faziam de tudo para ir para a imprensa para falar mal de alguma coisa. E não era por vontade própria, mas motivadas pelos dirigentes do Vasco. E eu digo que grande parte do fato de a medalha ter escapado dos nossos dedos, porque ela esteve em nossas mãos até os trinta e sete minutos do segundo tempo do jogo contra a China, na semifinal, quando a gente ganhava o jogo por dois a um e elas viram para um três a dois, se deve por conta dessa briga. O Romeu de hoje teria administrado muito melhor essa questão, eu não tenho dúvida alguma. Eu tenho a mais absoluta certeza que, se eu fosse o gestor que sou hoje, eu teria voltado com aquela medalha. Mas, à época, a gente estava no meio daquela guerra com o Vasco da Gama. Havia muitas feridas abertas desde a época do Radar, e a base do Vasco era de jogadoras do Radar. Aquilo realmente atrapalhou a reta final. Mas a realidade é que Atlanta foi um imenso divisor de águas em relação a tudo aquilo que havia sido feito antes no futebol feminino. E é por isso que a seleção voltou a chegar: primeiro, houve longos períodos de preparação; pela primeira vez as atletas tiveram salário, não era diária. Nós colocamos um salário para todas as jogadoras para que elas pudessem se dedicar apenas à seleção.

VICTOR: Isso aconteceu a partir de 1995?

ROMEU: Isso, a partir de 1995, quando eu assumi. Isso foi, mais ou menos, em agosto de 1995. Nós demos um piso salarial para as jogadoras e elas assumiram o compromisso com o futebol de campo. E outra coisa: para manter o controle da seleção, nós fomos obrigados a ter resultado, coisa que não acontecia com nenhum outro naquela época. E que hoje, diga-se de passagem, também não se tem. Porque como o Vasco da Gama queria muito [o controle da seleção], e todo mundo dizia para a CBF que o futebol feminino tinha tomado de 6 a 1 da Alemanha, que [o projeto] não iria chegar em lugar nenhum, e que aquilo que a Sport Promotion iria investir não ia fazer diferença, a CBF falou o seguinte: “olha, está acontecendo uma guerra no Rio, que quer ter o comando, e vocês querem que seja em São Paulo. Como juntos vocês não aceitam trabalhar, então a gente quer ver o que vocês conseguem fazer”. Então eles nos deram dois meses de treinamento para que pudéssemos realizar um Torneio Internacional que, a princípio, aconteceria no Mato Grosso do Sul, mas que depois foi para Campinas. Para além do Brasil, vieram Estados Unidos da América, Rússia e Ucrânia. Quando eu convidei o Zé Duarte, expliquei para ele: “olha, o nosso contrato é de risco. O senhor aceita?”. Ele falou que aceitava. Então, eu chamei as jogadoras e falei: “vocês terão isso e aquilo, mas nós teremos que mostrar resultado. E para que isso aconteça não vai ter tempo de ter Natal, não vai ter tempo de ter Ano-Novo em casa. A gente vai ter que trabalhar, porque eles estão muito na frente”. O Brasil tinha acabado de tomar duas goleadas dos Estados Unidos em amistosos. E aí nós fomos para o torneio: metemos 5 a 0 na Rússia, 7 a 0 na Ucrânia e no primeiro jogo contra os Estados Unidos nós perdemos por 3 a 2, com um gol aos 44 do segundo tempo. No segundo jogo, empatamos por 1 a 1 e perdemos o título nos pênaltis.

VICTOR: O que, para aquela época, era um feito. Não é mesmo?

ROMEU: O Brasil empatou com os Estados Unidos, que eram os favoritos para a medalha olímpica e que haviam sido campeões do mundo! Estados Unidos de Michelle Akers, Mia Hamm e companhia. Ninguém acreditava! Eu recebia telefonemas do mundo todo dizendo: “o que vocês estão fazendo aí? Como é que pode isso? Dois meses daquela seleção que tomou de seis da Alemanha para essa?”. Trabalho, muito trabalho. E foi assim... o Zé Duarte revolucionando, buscando jogadoras jovens, dizendo: “olha, há jogadoras que foram fantásticas, mas que a idade já não mais permite chegar ao nível de intensidade necessário

para o momento”. Você pega o exemplo da Noruega, que hoje não é uma seleção tão representativa, mas que naquela época contava com [Ann Kristin] Aarones e [Linda] Medalen, jogadoras extraordinárias que poderiam jogar no masculino, tamanha era a força e a velocidade que aquelas meninas tinham. Era incrível para aquele período. E nós conseguimos fazer com que o Brasil chegasse naquele nível, não é? E outra coisa: se você pegar a nossa programação, verá que nós fomos para Rapid City, Dakota do Sul, um mês antes das Olimpíadas e ficamos treinando nos Estados Unidos. Coisa que você não vê hoje em dia. A seleção de hoje foi para a Copa América e praticamente não treinou.

VICTOR: Segundo algumas matérias jornalísticas com as quais tive contato, as atletas que foram para a Copa do Mundo de 1991, na China, foram prejudicadas por viajarem muito em cima da hora. A questão do fuso horário parece ter prejudicado, apesar da preparação ter durado meses.

ROMEU: Não havia dinheiro, ninguém estava querendo investir naquilo. Eu lembro que o Eurico Lira, que era muito inteligente, buscava alternativas. A seleção ficava na Granja Comary, que não tinha nem de perto a estrutura que tem hoje. Era uma Granja Comary rústica entre 1988 e 1991. Inclusive, boa parte da preparação não era feita na Granja, mas no CEFAN [Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes], que fica aqui no Rio de Janeiro, e na Casa do Marinheiro. Durante os últimos dez dias de preparação que antecederam a viagem, quando a seleção já estava instalada na Granja Comary, ele [Eurico Lira] começou a fazer com que as meninas acordassem uma hora mais cedo a cada dia, visando a adaptação das atletas ao fuso horário [chinês]. E foram tiradas sete horas de fuso nos sete dias antes da viagem. E era difícil, pois como elas iriam dormir ou acordar mais cedo se o *blackout* dos quartos não funcionava tão bem? Se não havia campo iluminado na Granja? Foi uma confusão, mas se tentou alguma coisa. Enquanto a seleção de 1988 foi a terceira colocada do mundo ganhando da campeã mundial, a seleção de 1991 foi aquela seleção envelhecida e sem a mesma pegada. A [seleção] de 1995 teve uma melhor estrutura, mas, veja bem, ficamos praticamente sem campeonatos entre 1991 e 1995. Sem estadual, sem nada. Então eram meninas que estavam vindo do futebol de salão para jogar na seleção. Você pode imaginar como foi a gente pegar essa equipe desacreditada e, em poucos meses, transformá-la em uma top-4 do mundo. Foi um trabalho incrível. Então, eu acho que Atlanta dividiu águas e mostrou que tinha que ser feita uma preparação para que se produzisse uma campeã do mundo. E nós continuamos com a preparação e a renovação da seleção até 1998. Nesse ano, logo após o fim

do Paulistana, a gente ganhou dos Estados Unidos lá no estádio do Canindé. Então, o caminho estava certo. Infelizmente, a CBF daquele período não quis manter aquela preparação. Mas as jogadoras que surgiram graças ao Paulistana e ao trabalho do Zé Duarte, como a Daniela Alves e outras jogadoras incríveis, formaram um *pool* de atletas que manteve o Brasil no top-4 por muito tempo. Por isso eu acho que o Zé Duarte tem que ser sempre lembrado, pois foi ele quem realmente colocou a mão na massa. Com ele, o Brasil ganhou a medalha de bronze no mundial de 1999 e foi quarto colocado nas Olimpíadas de 2000. Em 2003, já com o Paulo Gonçalves, a seleção fez um mundial horrível, aquele que foi o primeiro mundial da Marta. Em 2004, após a chegada do Renê [Simões], o Brasil conquistou a medalha de prata, feito que se repetiu na Copa do Mundo de 2007 e nos Jogos Olímpicos de 2008. Quem tava lá? Tânia Maranhão, Maycon, Formiga... Se a Sissi estivesse em 2004, teria trazido a medalha de ouro. Foi um erro imperdoável do Renê Simões. Então, essa é a história real.

VICTOR: Contando com o apoio de prefeituras, a seleção brasileira realizou uma série de jogos pelo interior de São Paulo durante a preparação para as Olimpíadas de Atlanta. O senhor poderia falar um pouco mais sobre essa escolha?

ROMEU: O que aconteceu foi o seguinte: como a gente conseguiu aumentar a verba para as meninas, eu achei que era justo ajudar a Sport Promotion a economizar um pouco durante a preparação. Como nós tínhamos muitos contatos com as prefeituras do interior, o que a gente fazia era ir até essas cidades, por exemplo, Monte Verde, interior de São Paulo, e elas nos forneciam hospedagem, alimentação e campo de treinamento por uma semana. No final de semana, nós fazíamos um jogo treino, geralmente contra o sub-17 do Saad que, junto com jogadoras de outros clubes, vestia a camisa da seleção paulista. O Brasil ganhava de seis, sete a zero. Depois ganhava de quatro a zero, de três... porque esse sub-17 começou a ficar bom para caramba [risos]. E dentre essas meninas apareceram Juliana Cabral, Talita, Daiana, Karina, Karen... meninas que fizeram história no futebol feminino e que vieram desses jogos. Em outras oportunidades, nós trouxemos equipes do exterior: fizemos dois amistosos contra a Escócia, três jogos contra a Hungria... A gente trazia outros países para poder fazer esses jogos. E isso também era uma forma de manter a seleção feminina na mídia, porque se você ficasse só treinando no CT ou no hotel ninguém acompanharia. A partir do momento em que você ia até uma cidade onde havia uma TV próxima, como Sorocaba, quando a gente trouxe o Torino para a [preparação] do mundial de 1995... Então, para além dos jogos transmitidos pela Band, a gente tinha a oportunidade das emissoras locais fazerem matérias e colocarem

essas meninas na mídia. Eu tenho muita coisa do período, onde você vê que na época do jornal impresso, quando a internet era incipiente, a gente tinha muito mais visibilidade do que você tem hoje.

VICTOR: Existe um *blackout* na historiografia e nas fontes sobre a Formiga com relação a participação dela após 1997. Em 1998, se não me engano, ela participa do Lusa Sant'anna...

ROMEU: Isso, ela sai do São Paulo e vai para a Portuguesa [inaudível] o Campeonato Paulista.

VICTOR: O senhor poderia falar um pouco mais sobre isso? Se eu não estou enganado, ela foi para o Lusa Sant'anna e depois voltou para o São Paulo.

ROMEU: Isso mesmo. Foi um tremendo erro do São Paulo. Quando a gente desfez a parceria com o Saad, eu fui para os Estados Unidos e nós mandamos doze jogadoras da nossa base para a NAU [National American University]. A gente criou um Saad nos Estados Unidos, e as meninas que optaram por ficar no São Paulo continuaram no clube. Sem nenhuma remuneração para nós, diga-se de passagem. Final de acordo mesmo. O Rogério Aman continuou no São Paulo. E aí, durante a renovação com as jogadoras, a Lusa Sant'anna fez uma proposta financeira para a Formiga e o diretor do São Paulo achou que não valia a pena pagar aquilo para ela. E a Portuguesa acabou sendo campeã paulista contra o próprio São Paulo. À época, o técnico da Portuguesa era o Wilsinho e várias jogadoras que eram do Saad foram para lá também. A Maravilha, a Valéria... algumas atletas que não ficaram no São Paulo foram reforçar a Portuguesa, que já tinha a Maycon. Então a história dela foi essa. Quando mudou a diretoria do São Paulo, eles a trouxeram de volta junto com a Tânia Maranhão. E foi isso, ela teve uma participação incrível na Portuguesa. Levou ao título, foi muito bem.

VICTOR: Perfeito, Romeu, por hoje é só. Agradeço pela entrevista e peço desculpas por ter estourado o tempo. É que as histórias são tão fantásticas que a gente fica escutando e a gente viaja no tempo [risos]. Agradeço demais a participação do senhor. As informações serão muito importantes para tudo aquilo que eu quero construir academicamente.

ROMEU: Victor, sucesso no seu trabalho! Foi um prazer falar, tá bom? Qualquer dúvida a gente está aqui à disposição.

VICTOR: Perfeito, Romeu. Um grande abraço.

ROMEU: Abraços! Tchau Tchau!

[FIM DO DEPOIMENTO]